



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ-SC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA**

MARCELO ANTÔNIO LÓ

**A HISTÓRIA NA ERA DOS PERFIS: MOBILIZAÇÕES DO 13J EM SÃO PAULO DA
PERSPECTIVA DOS PERFIS DE TWITTER**

**CHAPECÓ/SC
2019**

MARCELO ANTÔNIO LÓ

**A HISTÓRIA NA ERA DOS PERFIS: MOBILIZAÇÕES DO 13J EM SÃO PAULO DA
PERSPECTIVA DOS PERFIS DE TWITTER**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em História sob a orientação da Prof. Dr. Gérson Wasen Fraga.

CHAPECÓ/SC
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Fernando Machado, 108 E
Centro, Chapecó, SC - Brasil
Caixa Postal 181
CEP 89802-112

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Ló, Marcelo Antônio
A História na era dos Perfis:: Mobilização do 13J em São Paulo da perspectiva dos perfis de Twitter / Marcelo Antônio Ló. -- 2019.
184 f.:il.

Orientador: Doutorado Gérson Wasen Fraga.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em História-PPGH, Chapecó, SC , 2019.

1. História. 2. Junho de 2013. 3. Movimentos sociais. 4. Redes Sociais. I. Fraga, Gérson Wasen, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

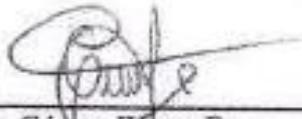
MARCELO ANTÔNIO LÓ

**A HISTÓRIA NA ERA DOS PERFIS: MOBILIZAÇÕES DO 13J EM SÃO PAULO DA
PERSPECTIVA DOS PERFIS DE TWITTER**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em História defendido em banca examinadora em 03/12/2019

Aprovado em: 03 / 12 / 2019

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Gérson Wasen Fraga – UFFS
Presidente da banca/orientador



Prof. Dr. Cássio Brancalcone – UFFS
Membro titular externo



Prof. Dr. Humberto José da Rocha – UFFS
Membro titular interno

Prof. Dr^a. Monica Hass – UFFS
Membro titular interno

Prof. Dr^a. Isabel Rosa Gritti – UFFS
Membro suplente

Chapecó/SC, outubro de 2019

Dedico a todos que lutam em prol do povo,
para o povo e com o povo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização deste trabalho, em especial aos meus pais, Cleomar e Zoraide, e meu irmão, Gleison, que tanto me apoiaram nos momentos mais difíceis e que não mediram esforços para me proporcionar os ensinamentos necessários no sentido de me tornar um ser humano com responsabilidade e consciência social.

Gostaria de agradecer a Franciele, esposa e companheira, a qual tenho grande admiração e que esteve presente nos momentos de angústia, pressão e descrença, transformando-os, através de carinhos, risos, brincadeiras e compreensão, em alento, esperança e forças para dar continuidade à caminhada, ensinando-me a nunca desistir dos meus sonhos e que tudo acontece no tempo certo.

Gostaria de agradecer também à minha sogra Mari por se tornar uma grande amiga, sendo exemplo de garra e determinação, incentivando-me sempre a ver o horizonte.

Deixar registrada também a imensa gratidão, honra e apreço em ser orientado pelo Prof. Dr. Gérson Wasen Fraga, que nos momentos de desnor-teio e incertezas esteve presente para me conduzir aos caminhos construtivos com muita simpatia e compreensão.

Agradecer também a todos os professores que fizeram parte de minha jornada, desde a educação básica, a graduação e o mestrado, que foram de suma importância para esta conquista, pois foi somente por intermédio de vocês que estou aqui.

Agradecer aos colegas da turma do mestrado 2017.2, que sempre estiveram presentes nos momentos mais felizes, divertidos e adversos dessa caminhada.

Um agradecimento em especial a todo o corpo docente e aos técnicos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), assim como a instituição em si, que propiciam educação de qualidade, gratuita e popular nas regiões que foram desassistidas por muito tempo, e permite que o filho de mecânico e da dona de casa, como no meu caso, se torne professor e mestre em História.

Nos interessa o que não foi impresso
E continua sendo escrito a mão

Humberto Gessinger

RESUMO

Esta dissertação teve como tema de estudo a investigação das Jornadas de junho de 2013, sob a perspectiva das redes sociais online, especificamente o *Twitter*. A utilização das redes sociais nos últimos anos foi de suma importância para a organização e disseminação de informações acerca dos movimentos sociais frente a dinâmica e agilidade que as mesmas possibilitam. Cabe destacar que em diversos países do mundo estes espaços se fizeram presentes. No Brasil, durante junho de 2013, a sociedade civil se empenhou em realizar diversos “atos” públicos que tinham como principal intuito a revogação do aumento das tarifas do transporte público previstas para aquele mês. Faremos aqui o estudo de diversos perfis presentes no *Twitter* e que tiveram maior proeminência e centralidade na rede, visando compreender com maior exatidão quais foram os principais pressupostos presentes nas redes sociais, sendo estes: seus atores, pautas, reivindicações, discussões e eventos. Os principais objetivos desta pesquisa são: situar os principais atores políticos e históricos que se fizeram presentes nos espaços físicos (ruas) e nos ciberespaços (redes sociais online); identificar as principais pautas e reivindicações sociais; compreender o papel do *Twitter*, da mídia tradicional e alternativa na construção de narrativas acerca das mobilizações; analisar e cristalizar a compreensão acerca das redes sociais e suas funções na divulgação e organização das jornadas de junho de 2013.

Palavras-chave: História. Junho de 2013. Movimentos sociais. Redes Sociais.

ABSTRACT

This dissertation had as its object/theme the investigation of the June 2013 Conference, from the perspective and perspective of virtual social networks, specifically *Twitter*. The use of social networks in recent years has been extremely important for the organization and dissemination of information about social movements in view of the dynamics and agility that they enable. Given these aspects it should be noted that in various countries of the world these spaces / tools were present. In Brazil during June 2013, civil society organized or did not engage in various public “acts” aimed at revoking the increase in public transport tariffs scheduled for that month. Here we will study several profiles that were present on Twitter and which had more prominence and centrality in the network, aiming to understand with greater accuracy what were the main assumptions present in social networks: these are their actors, guidelines/claims, discussions and events. The main objectives of this research are: to locate the main political and historical actors present in the streets and social networks; identify the main agendas and social demands; understand the role of *Twitter*, traditional and alternative media in constructing narratives about mobilizations; analyze and crystallize the understanding about social networks and their functions in the dissemination and organization of the June 2013 days.

Keywords: History. June 2013. Social movements. Social networks.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 AS FONTES HISTÓRICAS NA ERA DOS PERFIS E MÍDIAS SOCIAIS	22
1.1 DA POEIRA DOS ARQUIVOS AOS ARQUIVOS DE DADOS	22
1.2 O HISTORIADOR E A INFORMÁTICA	26
1.3 AS FONTES HISTÓRICAS DIGITAIS	34
1.4 AS MÍDIAS SOCIAIS COMO FONTE HISTÓRICA PRIMÁRIA	40
2 AS INTERPRETAÇÕES, OS MOVIMENTOS E AS REDES EM JUNHO DE 2013	48
2.1 AS VÁRIAS FACES DE JUNHO DE 2013: AS INTERPRETAÇÕES E POSICIONAMENTOS	50
2.2 O PROTAGONISMO E OS PROTAGONISTAS DE JUNHO DE 2013	65
2.2.1 Um movimento revolucionário e descentralizado? Prazer, sou o MPL	65
2.2.2. Novos protagonistas em junho de 2013: a Mídia Ninja e os adeptos da tática <i>black bloc</i>	73
2.2.3 O poder das redes nas ruas e vice-versa em junho de 2013	81
3 AS RELAÇÕES E PERSPECTIVAS ENTRE AS RUAS, AS REDES E OS MOVIMENTOS DE JUNHO DE 2013	90
3.1 OS PERFIS DE TWITTER COMO FONTES PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO	90
3.2 AS JORNADAS DE 2013 SOB A ÓTICA DO TWITTER: AS REDES SOCIAIS COMO FONTES PARA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS.....	135
ANEXOS	138

INTRODUÇÃO

Durante muitos séculos, a historiografia, de modo geral, se fundamentou em fontes primárias documentais, tais como ofícios, cartas, diários, atas, ou seja, fontes materiais ou impressas no papel. Devido ao desenvolvimento tecnológico, a novidade constitui-se em fontes digitais, sendo que diversas dessas se encontram na internet¹, presentes em bancos de dados, sites, acervos digitais, conteúdos em vídeo, áudio, entre outros.

As fontes digitais passam a ser grande fonte de estudo, principalmente no ofício dos historiadores do tempo presente, pois, como dito acima, disponibilizam um acervo de fontes inesgotáveis, mas que ainda é pouco aproveitado diante de todas as possibilidades que oferece. A explicação para a resistência a essas fontes se dá em caráter histórico, considerando a perspectiva dos historiadores da Escola Metódica, que se convencionou positivista, para os quais a prática historiográfica devia se ater a documentos oficiais como atas, códigos, tratados. Mas se dá, também, como resistência ao novo, perspectiva totalmente natural.

Entretanto, a concepção histórica sofre uma virada a partir da Escola dos Annales, em meados dos anos de 1930. Entre seus principais autores, encontram-se Lucien Febvre e Jacques Le Goff. Já na primeira geração dos Annales percebe-se que o conhecimento histórico deve ser produzido utilizando as fontes relacionadas à grande diversidade das manifestações humanas. Deste modo, segundo Le Goff (1992, p. 98), “tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem”. Explicita claramente as novas correntes historiográficas frente a utilização de fontes inovadoras que a história passou a dar enfoque. Na segunda e terceira geração dos Annales, as discussões sobre as fontes se aprofundaram e se diversificaram, assim como a utilização delas.

Após muitos anos, a História do Tempo Presente (HTP) consolidou-se como uma importante corrente historiográfica para a compreensão da realidade que ainda não cessou de ser, ou seja, o que ainda está acontecendo, resultado de um fato ou ação que ainda predispõe do acontecimento que se desenrola. Nesta perspectiva, visa buscar o diálogo com suas fontes pelo que ainda poderá vir a ser conhecimento, que se desenvolve a partir da compreensão de

¹ Rede mundial de computadores.

camadas sedimentares, possibilitando maior gama de informações para, assim, interpretar com mais profundidade determinados fatos e reações. Conforme Dossé (2012, p. 10),

O objeto da história é uma realidade que cessou de ser. O historiador do tempo presente é também confrontado com o privilégio da “poeira” de arquivos recentes não hierarquizados, uma vez que não sabe, devido à falta de conhecimento do futuro, o que se revelará importante e o que só será acessório.

Para a História do Tempo Presente, o principal objetivo é problematizar como o presente é construído no tempo. Assim ela se diferencia da História Imediata, pois impõe a mediação como um dever. Frente a isso tem-se uma diferença acentuada entre a História do Tempo Presente e da História Imediata, pois uma demonstra como o presente se constrói e outra é escrita no momento em que o fato, fenômeno ou ato acontece, se desenrola. “É assim concebida não mais como um período adicional, mas de fato uma nova concepção historiográfica do tempo” (DIAS; PORTO, 2009, p. 17). Perante a discussão realizada, o objeto desta dissertação é a utilização das redes sociais e das fontes digitais como fonte primária para a produção da História, visando investigar as “Jornadas de Junho de 2013” e o envolvimento de diversos atores sociais, políticos, históricos e culturais que fazem uso das redes sociais para organização e disseminação de informações de atos públicos e mobilizações.

Atualmente os ambientes possibilitados a partir do ciberespaço e das plataformas de comunicação online (redes sociais²) se fazem presentes quase que na totalidade das atividades desenvolvidas em nosso cotidiano, sejam elas de pesquisa, comunicação e informação. Perpassam e atravessam as estruturas econômicas, sociais, culturais, educacionais e tantas outras. Para compreender melhor os usos dessas tecnologias e visando sua utilização como fontes históricas, se faz necessário a aplicação da interdisciplinaridade. Depreende-se, segundo Dossé (2012, p. 10-11), que

Entre as realizações da História do tempo presente, devemos mencionar em primeiro lugar que os historiadores que trabalham com o presente têm a necessidade, para realizar com maior êxito suas pesquisas, de trabalhar com os cientistas políticos, jornalistas, sociólogos, geógrafos, psicanalistas, antropólogos e críticos literários. Isso resulta em uma abertura da prática histórica sobre outras práticas, que permite novos esclarecimentos graças a esses intercâmbios frutuosos entre diferentes disciplinas.

² São plataformas online compostas por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, que compartilham valores e objetivos comuns.

Nos dias atuais, diferentemente de outros tempos, se potencializa a perspectiva da comunicação dinâmica e veloz, sendo que essa só foi possível graças ao desenvolvimento de *softwares* e *hardwares* conectados à internet. Esses ciberespaços se caracterizam como redes sociais online, que têm como principal premissa a comunicação sem a proximidade ou contato físicos, diferentemente das redes sociais offline, que são aquelas propiciadas a partir do contato físico e presencial.

Os movimentos sociais têm sido tema de análise de diversos teóricos e estudiosos das ciências humanas, entre elas a História, as Ciências Sociais, Antropologia, etc. desde o século XIX. A todo momento e em diferentes partes do mundo as ações coletivas emergem, reivindicando os mais variados bens, sejam eles materiais ou simbólicos.

Os movimentos sociais são formados por indivíduos que compartilham de uma mesma ideologia e pauta de luta, ora com objetivos comuns, ora com objetivos específicos. São atores históricos e sociais que se dispõem a levar para o espaço público contradições e situações que preocupam a sociedade, rompendo com a acomodação e o silêncio. Dinamizam as relações sociais, propondo questões e reivindicações nos espaços democráticos de debates. De acordo com Gohn (2011, p. 335), “nós os encaramos como ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas”. Demonstram, assim, suas posições históricas, culturais e sociopolíticas enquanto agentes de transformação. Assim, Touraine (1996, p. 69) afirma que os “movimentos sociais são o coração, e o pulsar da sociedade. Eles expressam energias de resistência ao velho que oprime ou de construção do novo que liberta”. Energias sociais antes dispersas são canalizadas e potencializadas por meio de suas práticas em fazeres propositivos.

As estratégias dos movimentos sociais vão se adaptando ao contexto no qual estão inseridos, demonstrando desaprovação no que se refere às políticas públicas, práticas, costumes, comportamentos de grupos sociais, governos, empresas etc. Utilizam-se de diferentes formas de organização e mobilização social e política, normalmente passeatas, mobilizações, paradas, entre outras, que visam chamar a atenção da sociedade sobre questões de interesse coletivo, razão pela qual despertam desconforto em alguns grupos, normalmente os mais conservadores. Em virtude disso recebem também muitas críticas, sendo acusados de desordeiros, desocupados e vândalos.

Entre as bandeiras clássicas de luta dos movimentos sociais, a desigualdade social e a exclusão são consideradas as principais. Desde o século XIX, os movimentos sociais lutam contra todas as formas de dominação social, especialmente as decorrentes das relações entre

capital e trabalho. Tais movimentos surgem no contexto da Revolução Industrial, quando o advento das máquinas a vapor, e posteriormente o uso da energia elétrica e do petróleo, aprofundou a exploração do ser humano, obrigando os indivíduos a extensas e duras jornadas de trabalho, com baixíssimos salários e parcas condições de subsistência. Diante dessas condições, o movimento operário ganhou fôlego no século XIX com a organização dos sindicatos e dos partidos políticos. A relação capital e trabalho está no centro das reivindicações deste movimento.

Com o desenrolar da organização dos movimentos e de estudos que relacionam a organização dos indivíduos, a partir dos anos de 1960 e 1970 entram em cena os “novos movimentos sociais”. Consideram-se novos, pois as situações-problema tematizadas por eles não são, exclusivamente, as relações de capital e trabalho. Enquanto expressões da era pós-industrial, Melucci (1989, p. 246), afirma que eles elevaram à ordem do dia uma agenda “pós-materialista”, ou seja, levantaram um conjunto de temas e conflitos (meio ambiente, direitos humanos, paz, gênero, questões indígenas, etc.) que, ao longo de séculos e milênios, foram limitados à esfera da vida privada - como é o caso das relações de gênero - ou completamente ignorados, tanto pelos governos quanto pela sociedade. Outro exemplo típico dessa negligência é a questão ambiental. Ao elevar esses problemas à esfera pública, os novos movimentos sociais obrigam a sociedade a discuti-los e processá-los.

Os movimentos sociais no fim do século XX e início do século XXI se reconfiguraram devido a utilização das plataformas online. Atualmente podemos afirmar que essas plataformas são de suma importância para o que se convencionou de “novíssimos movimentos sociais” ou “movimentos sociais 2.0”³.

Alguns exemplos dos movimentos que tiveram sua organização atrelada ao uso dessas plataformas são: a Revolução das Panelas, na Islândia, em 2007; o *Occupy Wall Street*, em 2008, após a crise resultante da bolha financeira nos Estados Unidos; a Revolução Egípcia, em 2011; “Os Indignados”, na Espanha, em 2011; e no Brasil, no ano de 2013.

Essas plataformas utilizadas pelos diversos atores sociais, políticos e culturais proporcionam, de forma ágil e rápida, a organização de diversos movimentos para confrontarem e darem visibilidade aos problemas presentes na sociedade, proporcionando maior liberdade de expressão se comparada a outros meios de comunicação presentes no

³A perspectiva acerca dos novíssimos movimentos sociais, ou movimentos sociais 2.0, partem da premissa de Gohn (2013), que trata desses novos atores sociais e históricos que passaram a encontrar nas redes sociais virtuais uma ferramenta para organização e aprendizagem e estratégias sobre mobilizações sociais.

nosso dia a dia, como a televisão, revistas e jornais. Esse aspecto fica visível na perspectiva de Castells (2013, p. 19), que afirma:

Historicamente, os movimentos sociais dependem da existência de mecanismos de comunicação específicos: boatos, sermões, panfletos e manifestos passados de pessoa a pessoa, a partir do púlpito, da imprensa ou por qualquer meio de comunicação disponível. Em nossa época, as redes digitais, multimodais, de comunicação horizontal, são os veículos mais rápidos e mais autônomos, interativos, reprogramáveis e amplificadores de toda a história.

Frente a isso, um dos principais objetivos deste estudo é aprofundar os conhecimentos históricos acerca da utilização dessas ferramentas por diversos atores históricos/sociais, organizados ou não, no arranjo de ações coletivas a partir deste espaço/ferramenta de grande fluidez que é o ciberespaço⁴. Com o advento da modernidade, segundo a perspectiva de Bauman (2001, p. 8), houve a transformação das estruturas sólidas em liquidez, sejam elas o espaço, o tempo e as relações sociais,

Elas “fluem”, “escorrem”, esvaem-se”, “transbordam” [...] Associamos “leveza” ou ausência de peso” a mobilidade e a inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos[...].

Essas características que permeiam a sociedade se refletem nas plataformas digitais online, compostas por indivíduos que se relacionam com seu meio, seus pares e ímpares, mas presencialmente, e que levam suas experiências e vivências para as redes virtuais. Se para os historiadores no início do século XIX, o uso de fontes não oficiais era visto como frágil à compreensão da história, atualmente essa perspectiva é sentida com relação ao uso das fontes digitais.

Analisando o presente, se percebe que as redes e instrumentos de informações encontrados no âmbito do ciberespaço devem ser compreendidos como fontes do ofício do historiador. Por mais difícil e complexo que este trabalho nos demonstre ser, ele deve ser iniciado para que melhor possamos compreender nosso contexto, visando ampliar o olhar do historiador sobre as fontes e as relações sociais presentes na internet, bem como seus desdobramentos nas organizações de mobilizações como as ocorridas no Brasil.

As Jornadas de junho de 2013 não podem e não devem ser compreendidas a partir de uma data específica para seu início, pois considera-se que a eclosão desse movimento foi sendo construída durante um longo período de tempo. Tempo esse que possibilitou uma base

⁴ Seguindo a perspectiva de Pierre Levy (1999), o ciberespaço é um novo meio de comunicação que surge da interconexão de computadores, na qual ela (a comunicação) emerge e se transforma.

sólida devido à solidariedade entre seus pares, a partir dos desmandos e ações tomadas pelo Estado. Dentre os preceitos responsáveis pela última gota que fez o copo transbordar, podemos enunciar o aumento das tarifas do transporte público, mas, de modo conjuntural, o movimento já vinha sendo gestado há algum tempo.

Pode-se elencar alguns fatores que contribuíram para a eclosão dos protestos, sendo eles: uma nova onda de manifestações a nível mundial que se organizavam e faziam uso das plataformas online; durante alguns anos, o Brasil teve a efervescência de diversos coletivos que passaram a se organizar em redes virtuais e presenciais de solidariedade, dentre as principais pautas destes coletivos podem-se elencar questões como a luta contra o neoliberalismo e as desigualdades gestadas para a manutenção dele; os questionamentos aos oligopólios da comunicação de massa e sua posição em criminalizar movimentos sociais, sendo esses sempre contra as pautas populares; a arbitrariedade, violência e corrupção policial que assola principalmente as áreas periféricas das cidades. Essas questões estão entre algumas das bandeiras e dos pressupostos questionados por esses coletivos. Outro fator que teve forte influência no irromper das jornadas de junho de 2013 foi a crise da representação política, premissa que se faz presente em diversos países do mundo. Ou seja, o descrédito pelos representantes do povo; a precarização dos serviços públicos; etc.

Os gastos exorbitantes para eventos como o Copa do Mundo de 2014 e a Olimpíada do Rio de Janeiro em 2016, acontecimentos que demandaram a expulsão de diversas famílias com menor poder aquisitivo das áreas que se tornaram estacionamentos ou complexos esportivos para sua realização, entre tantos outros fatos e ações, foram enchendo o copo pouco a pouco. Com o aumento das tarifas do transporte público, chegou a gota d'água que foi o estopim para que esse copo transbordasse com a intensidade e a indignação de tudo aquilo que se acumulou.

As Jornadas de junho de 2013 estavam acontecendo muito antes do seu irromper. A principal questão é que ninguém havia percebido e, quando os meios políticos, sociais e midiáticos perceberam, era tarde demais, principalmente para as instituições políticas e seus representantes. As manifestações de junho de 2013 alcançaram seu ápice no dia 20 de junho, naquela que foi considerada a maior manifestação de rua da história brasileira. Segundo dados apresentados pela grande mídia, a manifestação reuniu cerca de 300 mil pessoas.

Para os manifestantes, o cálculo era de mais de um milhão de participantes. Diversos movimentos semelhantes atravessaram o país de canto a canto; foram registradas atos em aproximadamente 350 cidades brasileiras, além de tantos outros atos realizados no exterior

por brasileiros residentes como forma de apoio aos que aconteciam no Brasil. Registrou-se manifestações em cidades com milhões de habitantes, até em municípios interioranos que não ultrapassam dez mil habitantes.

Com o desenrolar das mobilizações, as reivindicações foram se pluralizando e surgiram pautas requerendo melhorias nas condições da educação e saúde, por exemplo, entre outros serviços públicos. O principal intuito era exigir a equidade social e possibilitar o acesso e melhorias das Políticas Públicas para a população brasileira, premissa que não apresentou resultados e acirrou ainda mais o contexto político e social brasileiro.

Nos dias atuais, os indivíduos estão habituados à utilização das plataformas online como Facebook⁵, Twitter⁶, YouTube⁷ (que permitem a conexão e o acesso a diversos conteúdos a partir da utilização de um perfil). Essas mesmas redes permitem a propagação, que eventualmente se torna viral, das indignações e anseios de uma população que sofre, cotidiana e repetitivamente, desrespeitos e ataques por parte de um Estado atrelado a toda forma de capital privado.

Entende-se que as manifestações ocorridas em junho de 2013 no Brasil e em muitas outras cidades pelo mundo surgiram por intermédio das plataformas online, que possibilitaram a transformação do medo que as pessoas tinham de ir à rua e reivindicar melhorias nas suas condições de vida em união, e dessa união surgiu a esperança de um futuro melhor para todos. Segundo Castells (2013, p. 7):

De início eram alguns poucos, que se juntaram a centenas, depois formaram milhares e ganharam o apoio de milhões com suas vozes e sua busca interna de esperança, confusas como eram, ultrapassando as ideologias e a publicidade para se conectar com as preocupações reais na experiência humana real que fora reivindicada.

As Jornadas de junho de 2013 foram inicialmente encabeçadas pelo movimento MPL (Movimento Passe-Livre) e por estudantes que reagiram ao aumento das tarifas do transporte público na cidade de São Paulo. Sem contar com o apoio da grande mídia, como já é de

⁵ Serviço de rede social lançado em 2004. A princípio utilizado apenas pelos estudantes da Universidade de Harvard, devido ao seu gradual sucesso, fora disponibilizado para a população de muitos países, cerca de um bilhão de usuários ativos em 2014. Disponível em: facebook.com.

⁶ Rede social e servidor de *microblogging* que permite aos usuários enviar e receber atualizações de seus contatos, conta com cerca de 140 caracteres para promulgar sua postagem. Fora criado em 2006 e dados de 2010 contavam com cerca de 175 milhões de usuários.

⁷ Site que permite que seus usuários compartilhem e carreguem vídeos em formatos digitais, fundado em 2005 pela rede de fundos *PayPal*. Em 2006 fora comprada pela Google Inc. Disponível em: youtube.com.

costume, os gritos que clamavam a redução das passagens do transporte público repercutiram nas ruas e se multiplicaram nas plataformas online.

Reivindicava-se o passe livre, pois, sob a ótica dos movimentos, a cobrança pelo transporte público serve como um estratificador social, ou seja, segrega o acesso a circuitos culturais, bem como à saúde e à educação, pois esses se apresentam com maior número nos centros urbanos, preterindo bairros e periferias. Dessa forma, a cobrança do transporte público se assenta como um divisor entre aqueles que possuem poder aquisitivo para acessar esses meios e aqueles que não possuem, excluindo as classes menos favorecidas. No Brasil, assim como em outros países do mundo, o transporte público, terceirizado pelas prefeituras, e a especulação imobiliária são as grandes bases desse modelo de exclusão, como afirma Castells:

Em todos os casos, os movimentos ignoraram partidos políticos, desconfiaram da mídia, não reconheceram nenhuma liderança e rejeitaram toda organização formal, sustentando-se na internet e em assembleias locais para o debate coletivo e a tomada de decisões. (CASTELLS, 2013, p. 9)

As mobilizações pegaram todos de surpresa, especialmente as forças repressivas do Estado, estruturadas militarmente e que não souberam se portar frente às manifestações civis. Questão essa que foi levantada pelos manifestantes que reivindicavam a desmilitarização dessas forças. Durante as manifestações, a Polícia Militar (PM) agiu com truculência e violência, demonstrando a falta de habilidade no trato com as manifestações.

Percebe-se que as reivindicações foram se aglutinando, assim como a participação das pessoas junto ao movimento. Muitas crianças e adolescentes estavam presentes nos atos públicos, assim como aposentados, que sofreram pela ausência de liberdade de expressão na ditadura militar, demonstrando a pluralidade dessas movimentações.

Tudo começou a partir das redes sociais presentes no ciberespaço, pois apresentam maior autonomia, fugindo dos meios de comunicação controlados por governos ou empresas. Em todo o decorrer da história, as corporações de mídia monopolizaram os meios de comunicação e, a partir disso, obtiveram o seu poder. Segundo Castells (2013, p. 11-12),

O uso da internet das redes sem fio, como plataformas da comunicação digital. São comunicações de massa porque o processo mensagem dá-se de muitos para muitos. [...]” é auto comunicação, por que a produção da mensagem é decidida de modo autônomo pelo remetente. A designação do receptor é auto direcionada e a recuperação de mensagens das redes de comunicação é auto seccionada.

Com a união da população, vem a perda do medo imposto pelos poderes constituídos, que fazem uso da violência transfigurada e simbólica das medidas institucionais. Foi no ciberespaço que esses povos, de todas as idades, condições e credos, passaram a ocupar um espaço que de fato é público e que, assim, os possibilita se tornar o motor da história.

Os movimentos de contestação do sistema vigente se espalharam em proporções virais na internet, caracterizada pela difusão rápida de imagens e ideias. Nas muitas trocas de informações, percebe-se o descontentamento, seja com a pobreza, com a crise econômica ou com os métodos “democráticos”. Mas foi o cinismo e a arrogância das pessoas que estavam no poder em todos os âmbitos “que uniu aqueles que transformaram o medo em indignação, e indignação em esperança de uma humanidade melhor” (CASTELLS, 2013, p. 8).

A questão fundamental é que esse novo espaço público, o espaço em rede, situado entre os espaços digital e urbano, é um espaço de comunicação, autônoma. A autonomia da comunicação é a essência dos movimentos sociais, ao permitir que o movimento se forme e possibilitar que ele se relacione com a sociedade em geral para além do controle dos detentores do poder sobre o poder da comunicação (CASTELLS, 2013, p. 16).

Do ponto de vista metodológico, esse trabalho tem como foco a análise do âmbito narrativo que constitui as mobilizações de junho 2013. Isso se dá graças ao recolhimento, a partir de ferramenta de monitoramento, como as cartografias de redes e mídias sociais, e do armazenamento em bancos de dados, de uma das principais redes sociais digitais, o Twitter, plataforma que foi muito utilizada durante os protestos, cuja notoriedade e popularidade gerou notícias e visibilidade na mídia de massa.

De modo geral, as redes sociais e mídias alternativas possibilitaram a organização e disseminação das ações aos participantes das mobilizações, acompanhando em tempo real a manifestação, tecendo informações, chamados e muitas vezes indicando conflitos e formas de agir perante eles. Contaremos com um levantamento de diversas fontes e perfis ligados às redes sociais, especialmente tópicos e perfis relacionados às manifestações no Twitter, que criaram narrativas e demonstraram o contexto e os fatos que aconteciam nas ruas.

Outra ferramenta que serviu de aporte para a execução da pesquisa foram as Cartografias de redes realizadas pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (LABIC)⁸, departamento que realiza diversos mapeamentos da rede no ciberespaço, assim como levantamentos e análises virtuais. Essa ferramenta foi importante, pois possibilitou

⁸ Disponível em: <<http://www.labic.net/>>. Acesso em: 20/10/2018.

identificar quais foram os perfis do Twitter que tiveram maior proeminência e centralidade na interação na rede durante os atos.

Essas cartografias são mapeamentos realizados na internet por meio do monitoramento de *tags*, (palavras-chaves) que buscam relacionar os “nós” (perfis) ou arestas (interações) das conexões de uma rede social. De acordo com Recuero (2009, p. 20),

As conexões de uma rede social podem ser percebidas de diversas maneiras. Em termos gerais, as conexões em uma rede social são constituídas de laços sociais, que por sua vez são formados através da interação social entre os autores [...] na internet são percebidas graças à possibilidade de manter os rastros sociais dos indivíduos que permanecem ali. Um comentário em Web-blogs, permanece ali até que alguém o delete ou o Web-blog saia do ar. Assim acontece com a maior parte das interações na mediação pelo computador. Estas interações são, de certo modo, fadadas a permanecer nos ciberespaços, permitindo ao pesquisador a percepção das trocas sociais, mesmo distantes, no tempo e espaço, de onde foram realizadas.

Diante da utilização dessas fontes advindas das redes sociais, o recorte temporal que se deu ênfase diz respeito a um dia muito importante nas jornadas de junho de 2013: o emblemático 13 de junho. Foram dois motivos específicos que levaram a pesquisa a debruçar-se sobre a produção de conteúdo e postagens do Twitter nesse dia. O primeiro diz respeito à cartografia de rede, que analisou e sintetizou dados obtidos em 13 de junho de 2013. O segundo motivo se dá no entender de que, a partir desse fatídico dia, as jornadas sofreram uma grande virada do ponto de vista da participação popular e pela diversificação da pauta e das bandeiras de luta. Assim, esse dia é tido como um marco, pois trata da divisão das jornadas de junho em duas fases.

A primeira fase é fundamentada principalmente na pauta que buscava o passe livre e a revogação dos aumentos das tarifas do transporte público. Foi nessa fase que o movimento foi criminalizado e deslegitimado por grande parte da mídia tradicional. O movimento, nesta fase das jornadas, pode ser encarado e compreendido como ato revolucionário, gerando debates legítimos e producentes do ponto de vista social.

Na segunda fase é perceptível a diversificação da pauta, assim como uma incessante busca dos partidos progressistas e conservadores em tomar as rédeas e a direção do movimento, bem como fez grande parte da mídia tradicional. Essa última utilizou de sua programação e audiência para canalizar as indignações, questionamentos e pautas, principalmente a corrupção e a falta de representação política, e com isso visou abarcar seus interesses corporativos e políticos.

Para embasamento teórico nesta pesquisa, contaremos com as referências bibliográficas que trabalham os temas acerca dos movimentos sociais, modernidade e ciberespaço, tais como Bauman (2001); Bey (2001); Castells, (2003, 2013); Certeau (1982, 2008); Chartier (2001, 2002, 2009); Dossé (2012); Gohn (2003, 2006, 2014); Malini (2013); Maricato (2013); Melucci, (2001); Levy (1999), Recuero (2009); Rolnik (2013); Rodrigues (2012); Touraine (1998); Viana (2013), assim como uma vasta produção bibliográfica acerca das mobilizações de 2013 e das novas concepções de movimentos sociais e mídias digitais.

A presente dissertação constitui-se em três capítulos. O primeiro, intitulado “**As fontes históricas na era dos perfis e mídias sociais**”, apresenta os principais resultados das discussões acerca do desenvolvimento historiográfico pelo uso de documentos até o surgimento das fontes digitais, propiciadas pela internet. Trata sobre o contato dos historiadores com as novas tecnologias de *software* e *hardware*, assim como as possibilidades, usos e dificuldades encontrados na utilização dessas ferramentas para a pesquisa histórica. Busca, ainda, trazer uma profunda discussão sobre o uso das fontes exclusivamente digitais e suas possibilidades na compreensão dos fatos e fenômenos históricos.

O segundo capítulo, intitulado “**As interpretações, os movimentos e as redes em junho de 2013**”, apresenta uma densa discussão acerca das diversas interpretações e perspectivas que as jornadas de junho de 2013 suscitaram no âmbito científico e acadêmico. Adentrou-se, também, nos principais movimentos e atores históricos e políticos que se fizeram proeminentes na organização dos atos, assim como de coletivos de mídia alternativa que se empenharam na divulgação e cobertura e que, por diversas vezes, contrariaram os meios de mídia tradicional.

Nesse mesmo momento do trabalho, adentra-se nas diversas táticas utilizadas pelos manifestantes, especificamente aos adeptos da tática *black bloc*, como forma de reação às ações do Estado. Busca-se aprofundar as discussões acerca da utilização das redes sociais virtuais como ferramentas/espço que possibilitam a comunicação, organização e autonomia dos movimentos citados acima. Nos empenhamos, ainda, em compreender a importância da criação de redes informacionais ao longo da história, demonstrando que a premissa dessas redes sempre se fez presente nas sociedades humanas, mas que, com o advento de tecnologias eletrônicas e cibernéticas, surgiu um ambiente propício para que fossem potencializadas.

O terceiro capítulo, intitulado “**As relações e perspectivas entre as ruas, as redes e os movimentos de junho de 2013**”, tem como principal objetivo esmiuçar as relações sobre

as redes sociais e as mobilizações realizadas em junho de 2013, da mesma forma que busca a compreensão em profundidade dessas mobilizações brasileiras.

Esses atos foram investigados de forma minuciosa através do prisma das redes sociais, especificamente do Twitter, plataforma que permite a exposição e interação de diversos posicionamentos, perspectivas e visões. Ou seja, os atos que aconteciam nas ruas possuíam homogeneidade, mas, na rede, a heterogeneidade do movimento se destacava, demonstrando a diversidade de pensamentos e aspectos do mesmo ato.

1 AS FONTES HISTÓRICAS NA ERA DOS PERFIS E MÍDIAS SOCIAIS

Este capítulo aborda os pressupostos e condições do uso das fontes historiográficas, retomando as discussões pertinentes ao tema. Parte-se da premissa da diversificação de fontes históricas, metodologias e teorias que possibilitaram, ao longo da história, uma melhor compreensão historiográfica, pois adotou-se a história-problema como fator preponderante na escrita da história. A discussão se fundamenta em demonstrar que a história é resultado de seu tempo, visto que, com as novas tecnologias, ela deve buscar a compreensão e se readaptar a esse contexto. Este capítulo se atém a dialogar e contextualizar o contato do historiador, destacando os principais usos e ferramentas, discutindo com aquilo que poderia vir a se tornar um dos maiores acervos mundiais, a internet.

Partindo dessa premissa, a discussão sobre as fontes digitais presentes na internet se faz necessária para compreender quais foram as principais metodologias e teorias utilizadas no trato de tais fontes. A discussão sobre o próprio conceito de “documento” se tornou pertinente, pois, com ela, constatou-se que o suporte apresentado não é de toda relevância, mas a informação presente no documento, mesmo que ele se apresente em formato digital.

Diante da dinamicidade da internet e a da democratização do uso de computadores, periféricos e *smartphones*, pode-se presumir que eles formaram os alicerces dos novos meios de comunicação, pois permitem - via plataformas digitais - a troca de informação, experiência, organização e divulgação de conteúdos entre os usuários das redes sociais. Esses usuários interagem na rede com seus perfis, sendo que podem se apresentar como indivíduos, movimentos sociais, instituições, partidos políticos e muitas outras estruturas da sociedade.

Suscitaram-se debates e discussões sobre o uso dessas informações, experiências e mensagens como fontes históricas, visto que atualmente nada caracteriza mais claramente o indivíduo que as atividades, rastros e indícios resultantes de suas interações e relações nas redes sociais.

1.1 DA POEIRA DOS ARQUIVOS AOS ARQUIVOS DE DADOS

Desde o surgimento da História como campo científico, as discussões acerca das metodologias e das fontes sempre se apresentaram como pressupostos dinâmicos e passíveis de modificações. A historiografia, com o passar dos tempos, buscou seu suporte epistemológico e científico especificamente no papel, ou seja, em documentos. A história é

escrita por homens e mulheres que são resultados das experiências de suas respectivas épocas. Durante todo o desenvolvimento da disciplina histórica, tivemos diversas modificações quanto ao enfoque e aos cuidados metodológicos de avaliação, verificação e falseabilidade de fontes. Como anteriormente citado, essas peculiaridades se dirigiam às fontes prioritariamente como o papel.

Para além de todo o desenvolvimento historiográfico como o positivismo/cientificismo, assim como o materialismo histórico, dotados de toda a sua importância, cabe-nos destacar neste momento as grandes contribuições da Escola dos Annales, que determinaram o surgimento de novas perspectivas e olhares *nos* e *sobre os* estudos históricos (destaque do autor). A partir do advento da Escola dos Annales (ou do movimento dos Annales, como se convencionou chamar), propôs-se, em meados de 1920, diversas modificações historiográficas de cunho teórico e metodológico. Novas fontes e perspectivas se fizeram presentes. Os olhares acerca da produção histórica foram se alterando, a história passou a ser constitutiva, ultrapassando as reações e jogos de poder, as posições ontológicas do materialismo histórico e a história oficial e dos fatos políticos, como se via na história positivista.

Com o caminhar dos estudos da Escola dos Annales, a história sociocultural passou a ter papel de destaque em suas publicações. Considera-se que foram os Annales um dos principais movimentos, pois os resultados de seus estudos acerca da compreensão da liberdade e da individualidade humana - que até então eram dissolvidas aos determinismos das estruturas sociais, econômicas e políticas - se destacaram perante as correntes historiográficas anteriores. As publicações desse movimento foram de grande relevância científica, pois se debruçaram sobre o condicionamento social e as escolhas individuais, evitando ao máximo as contradições - premissas históricas que nunca haviam sido suscitadas.

Outro grande aporte trazido pelos Annales é a proposição da história-problema em vez de uma história narrativa. A pesquisa e a construção histórica deviam partir da proposição de um problema e da resposta ao questionamento; a História deveria partir das dúvidas do fato histórico, não de suas certezas. Diante dessa perspectiva, visava-se a construção de uma História em que todas as atividades humanas são constitutivas da sociedade, não apenas a política, os grandes feitos ou os jogos de poder. Segundo Burke (1991, p. 11), a

[...] substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema [...], a história de todas as atividades humanas e não apenas história política. [...] a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a

sociologia, a psicologia, a economia, a linguística, a antropologia social, e tantas outras.

Os *Annales* propiciaram a construção de novos objetos de pesquisa, novos questionamentos e diferentes formas de analisar as fontes. Diante disso, destacou-se o uso da interdisciplinaridade, ou seja, o uso de outras disciplinas e campos científicos para buscar a compreensão da constituição histórica da atividade humana, como se referia Lucien Febvre: “Historiadores, sejam geógrafos. Sejam juristas, também, e sociólogos, e psicólogos” (FEBVRE *in* BURKE, 1991, p. 11).

O uso de diversas competências e sabedorias científicas é de grande importância para se compreender o percurso e as relações humanas. Assim, possibilitam novos formatos de concepção do conhecimento histórico e propiciam novas abordagens e métodos historiográficos.

Propôs-se, por meio dos *Annales*, novos questionamentos sobre aspectos que já pareciam cristalizados, como “O que é História?” e “O que é o Tempo?”. Demonstrava-se que a história deveria exercer função social, não sendo um fim em si mesma. Diante disso, os questionamentos da história-narração e da apresentação dos fatos sem a devida problematização e a ideia do tempo cronológico como algo linear, tradição oriunda do positivismo, foram rebatidos e renegados.

Desenvolveu-se uma nova forma de compreender e interpretar o tempo, categorizando-o de três formas: a curta duração, que demonstra e analisa acontecimentos e fatos importantes de determinado momento; a média duração, que demonstra a perspectiva conjuntural a que o momento está inserido; e, por fim, a de longa duração, que demonstra as estruturas das épocas e dos regimes. Do ponto de vista metodológico, os *Annales* foram proponentes de uma história que, a partir do problema suscitado, deveria descobrir algo que até então poderia estar nas entrelinhas da construção histórica. A partir disso os métodos foram sendo aprimorados e o uso das hipóteses passou a ser recorrente na pesquisa em história. Ou seja, o historiador sabe onde quer chegar. Partindo desse pressuposto, as perguntas que fizemos ao passado e às suas fontes têm como ponto de partida o presente do conhecimento e a mentalidade dos dias atuais.

Um dos problemas mais recorrentes na historiografia e que há muito já vem sendo debatido entre os historiadores, praticamente parido nos *Annales*, é o anacronismo⁹. Os

⁹ Segundo Lucien Fébvre (1968, p.15), um dos fundadores da Escola dos *Annales*, o anacronismo é “o pecado dos pecados, o mais imperdoável dos pecados”, pois o anacronismo impossibilita a compreensão histórica,

questionamentos e perguntas realizados no presente são dotados de mentalidades e perspectivas atuais, o que por diversas vezes impossibilita a compreensão histórica do passado, pois ela apresenta a cultura, economia e política específica de seu tempo. Devido a isso, o historiador deve seguir um rigoroso método historiográfico de percepção e de questionamentos para avaliar e aprofundar seus conhecimentos dos contextos e períodos por ele pesquisado, visando evitar o anacronismo.

Para compreender os diversos posicionamentos, métodos, objetos e fontes presentes nos Annales, parte-se das gerações que se fizeram presentes no movimento. A expoente da primeira geração dos Annales são Marc Bloch e Lucien Febvre, que trabalharam a perspectiva da história problema e história comparada. Na segunda geração, Fernand Braudel e outros autores debruçaram seus estudos sobre questões acerca do espaço geográfico e espacial, da história serial (mudanças na longa duração) (BURKE, 1991, p. 12), quantitativa, demográfica e estatística, utilizando-se da interdisciplinaridade e de outras áreas na história, como citado anteriormente. Na terceira geração apresentam-se as mais diversas fragmentações dos Annales com questões da história, memória e patrimônio (monumento como documento) com Jacques Le Goff, e história e cinema com Marc Ferro, além da história cultural e de suas esferas, e o surgimento da nova história política com Pierre Nora, Michelet Perrot, entre outros, trazendo novos métodos e problemas. Isso demonstra uma pluralidade de ideias e diálogos com outras disciplinas que propiciaram grandes contribuições para a escrita da história. Depreende-se, segundo Burke (1991, p. 98), que

A mais importante contribuição do grupo dos Annales, incluindo-se as três gerações, foi expandir o campo da história por diversas áreas. [...] do território histórico estão vinculadas à descoberta de novas fontes e ao desenvolvimento de novos métodos para explorá-las.

Como afirma Burke (1991), as grandes contribuições da escola dos Annales foram infundáveis, assim como todas as outras correntes historiográficas que se desenvolveram ao longo do tempo e tiveram sua importância de diversas maneiras ao ato de escrever história, assim como ao papel que o historiador deve desempenhar. Diante dessa contextualização, constata-se que a história é filha de seu tempo, ou seja, que todo contexto histórico interfere na forma de se fazer história. Assim, a história tem de buscar aportes para a análise e verificação da escrita histórica.

contamina a escrita da história, quando se visa compreender o passado, tendo como parâmetros, valores e a cultura atual. O anacronismo seria buscar compreender o passado com a vivência atual do historiador.

Parte-se do pressuposto que vivemos numa era de constante conectividade, mediada por novas tecnologias de *hardwares* e *softwares*, uma imensa gama de informações e rastros da existência humana é deixada nas mídias sociais. Pretende-se, assim, debater metodologias e teorias capazes de compreender esse período humano do ponto de vista teórico. Diante disso, faz-se necessária a discussão do papel do historiador e da sua atividade na era da informática.

1.2 O HISTORIADOR E A INFORMÁTICA

A partir de 1960, foram redigidos os primeiros escritos históricos acerca da informática e das relações que ela propiciaria ao ofício do historiador. Porém, foi no âmbito dos anos 1980, devido ao barateamento dos *hardwares* e da democratização do acesso a equipamentos que se tornou possível ao historiador fazer uso das novas tecnologias em seu cotidiano.

O abre-alas para o uso da informática pelos historiadores é resultado do surgimento de programas criados para redigir e editar textos, tabelas, gráficos, catalogação, assim como o surgimento dos bancos de dados e das redes de comunicação. Segundo Figueiredo (1997, p. 592), podemos afirmar que

O uso destas ferramentas facilitou a preparação de textos tão frequentes no ofício do historiador e já se prospectava que as implicações dos computadores iriam muito além da redação de textos, mas de programas de banco de dados, estatísticas e redes de comunicação.

As bases de dados se constituem como importantes ferramentas para o historiador, pois propiciam o armazenamento e a organização de documentos de todas as esferas em séries documentais, tais como listas eleitorais, registros de impostos ou registros paroquiais, sendo esses alguns exemplos, conforme Figueiredo (1997, p. 597). Essas bases de dados foram de grande valia para os historiadores que se debruçaram nos estudos demográficos e econômicos, pois possibilitaram a criação de gráficos estatísticos e, conseqüentemente, facilitaram a visualização dos dados e de seus respectivos resultados.

Um dos principais aspectos dessas bases de dados é que por diversas vezes elas se encontram isoladas, ou seja, a relação com outras bases não existe, cabendo ao historiador a análise comparativa delas. A utilização de dados e fontes de forma conjunta possibilita um melhor suporte e compreensão, com visão ampla sobre determinados fatos, como afirma Figueiredo (1997, p. 602): “O uso do modo relacional - cruzamento de muitas bases de dados

- possibilita o confronto de informações em diferentes campos temáticos”, ressaltando que o processo de desenvolvimento tecnológico ainda tornaria possível novos olhares sobre o objeto de estudo.

Outra contribuição muito importante que a informática trouxe para o ofício do historiador se dá no âmbito da divulgação dos resultados de suas pesquisas históricas. Antes do surgimento da informática, as formas de se publicitar as descobertas históricas eram por meio de periódicos, eventos, congressos e seminários. Com as novas tecnologias, as possibilidades de publicações e disseminação vão além, permitindo a democratização do acesso a novas pesquisas com o intuito de suscitar novos questionamentos e críticas, aproximar contextos, propagar informações relevantes não apenas no âmbito histórico, mas nas mais diversas áreas do conhecimento. Partindo dessa premissa, a informática possibilitou a abertura de inúmeras portas para os pesquisadores, legitimando determinados locais em detrimento de outros a partir do reconhecimento da academia e de outras instituições, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Isso se expressa através do *International Standard Book Number* (ISBN)¹⁰ e da estratificação das revistas eletrônicas. Nessa perspectiva, os órgãos científicos passaram a integrar e a fazer uso das bases de dados, possibilitando a divulgação de trabalhos e pesquisas seguindo procedimentos específicos para as publicações em formato digital. Com isso, revistas acadêmicas em formato digital se multiplicaram e aquelas que conseguiram demonstrar maior credibilidade e relevância seguindo critérios previamente estabelecidos passaram a se adequar às avaliações promovidas pelos órgãos de pesquisas governamentais destacados acima.

A informática se fez presente também na atividade docente do historiador, pois possibilitou o uso de multimídias em salas de aula, como textos, documentos (jornais, revistas, panfletos de variadas épocas históricas), vídeos, músicas, jogos interativos (possibilitam a imersão em contextos históricos, que podem apresentar uma história fantasiosa, mas que demonstra costumes, tradições, vestimentas e aspectos culturais dos cenários do jogo). Conforme Figueiredo (1997, p. 320), “Na medida em que a forma de navegação dentro do programa depende exclusivamente do usuário, a linearidade da informação imposta pelo livro é eliminada e o ensino, individualizado, segundo as necessidades de cada educando”. Permite-se, assim, que o próprio aluno exercite sua

¹⁰ Sistema internacional de identificação de livros e softwares que utiliza números para classificá-los por título, autor, país, editora e edição.

capacidade cognitiva, pois possibilita a desconstrução da ideia de história linear e que ela pode se dar de diversas formas. O aluno passa a ser agente ativo na produção de seu conhecimento, potencializando a capacidade de aprendizagem e gerando grandes avanços na área do ensino de História.

Outra possibilidade na relação ensino/aprendizagem é decorrente dos *tours* em três dimensões (3D) oferecidos na internet. Pode-se citar, por exemplo, a imersão do aluno em pinturas e grandes construções, como o *tour* da Capela Cistina¹¹, a Torre Eiffel¹², as pirâmides do Egito¹³ e o Coliseu¹⁴, entre tantos outros, seja por iniciativa própria dos centros históricos ou por ferramentas como o *Google Earth*¹⁵ e *Google Street View*¹⁶. Tais ferramentas possibilitaram que estudantes, professores e a comunidade em geral realizem visitas virtuais, de frente para a tela de seus computadores. Com apenas alguns cliques, abre-se um portal quase que instantâneo, materializando-se para dentro do cenário em questão. A experiência busca ser a mais realista possível, com sons, imagens e deslocamento pelos cenários. Esses *tours* podem se tornar grandes fontes de pesquisa ou servirem para ensino e entretenimento, tanto para estudantes da educação básica, cursos técnicos, superiores, assim como para todos os indivíduos que têm interesse em assuntos e monumentos históricos.

Ainda sobre o *metier* do historiador, as transformações e possibilidades do ponto de vista tecnológico implementaram nas instituições de memórias novas premissas e perspectivas sobre a pesquisa em acervos. Pela primeira vez na história, a automatização dos instrumentos de consulta se fez possível, pois a organização de bancos de dados, sejam por datas, pessoas, eventos, por textos, imagens ou áudios, está disponível em formato digital.

A premissa da digitalização torna possível à pesquisa do historiador e da comunidade em geral conhecer aspectos históricos, arquitetônicos e culturais das mais variadas populações, épocas ou atores históricos. Para além dessas perspectivas, temos no horizonte

¹¹ Disponível em: <http://www.vatican.va/various/cappelle/sistina_vr/index.html> Acesso em 20/09/2018.

¹² Disponível em: <<http://www.3dmekanlar.com/en/eiffel-tower.html>> Acesso em 20/09/2018.

¹³ Disponível em:

<<https://www.google.com/maps/@29.9786771,31.132871,2a,75y,3.37h,82.44t/data=!3m6!1e1!3m4!1s3smxIvuntCFujaJ3pOf-BQ!2e0!7i13312!8i6656>> Acesso em: 20/09/2018.

¹⁴ Disponível em:

<http://www.google.com/maps/@41.889988,12.4922685,3a,75y,40.39h,72.85t/data=!3m6!1e1!3m4!1sAF1QipOytXRMXUuDSjnIn34_oDQ-Uy0mg_ydajD3991X!2e10!7i5376!8i2688?hl=en> Acessado em: 20/09/2018

¹⁵ O Google Earth é um software de computador desenvolvido pela Google, que tem como função apresentar imagens de satélites em modelo tridimensional do planeta terra.

¹⁶ *Google Street View* é um recurso do *Google Maps* e do *Google Earth* que disponibiliza vistas panorâmicas de 360° na horizontal e 290° na vertical permitindo que o usuário visualize determinadas partes do mundo.

profundas alterações na natureza dos arquivos, como seu armazenamento e divulgação, assim como o próprio papel dos arquivistas, biblioteconomistas, entre outras categorias.

Com o suporte dos arquivos, outra grande evolução que surge com as tecnologias é a troca de correspondências. Houve a substituição do uso das cartas, cujo envio é físico para um endereço determinado por cidades, ruas e endereços. Já na internet, a iniciativa privada disponibiliza a criação de endereços de e-mail¹⁷ gratuitos, possibilitando o envio da correspondência virtual em questão de segundos, com a opção de anexar endereços eletrônicos, imagens e documentos de texto dentro com limitação do tamanho do arquivo. Para além da criação do endereço eletrônico, é disponibilizado também um disco rígido virtual ou, como costumeiramente é chamado, “nuvem”, que possibilita o armazenamento de vídeos, fotos, músicas e muitos outros formatos de arquivos e o acesso, a partir de qualquer parte do mundo, por meio de computadores e periféricos com acesso à internet, possibilitando o *download* ou a modificação do arquivo dentro da própria plataforma.

O conceito de “nuvem” é uma metáfora utilizada para descrever uma rede global de servidores. A nuvem não é uma entidade física, mas uma rede de servidores remotos que são conectados e operam como um sistema único. Esses servidores são responsáveis por armazenar e gerenciar dados, executar aplicativos ou fornecer conteúdo ou serviços, como transmissão de vídeos, *webmail*, *software* de produtividade ou mídias sociais. Em vez de acessar arquivos e dados do local ou de um computador, você pode acessá-los online, de qualquer dispositivo com acesso à internet. As informações estarão disponíveis em qualquer lugar, a qualquer hora. Em raras exceções (ou por razões técnicas) o acesso a eles é impossibilitado. Os serviços ofertados a partir de “nuvens” podem ser considerados discos rígidos virtuais, diferentemente dos físicos, que podem apresentar falhas e comprometer os dados. Dessa forma é possível duplicar arquivos em dois formatos, virtuais (nuvem) ou em físicos (disco rígidos ou pen-drives), garantindo a segurança dos arquivos.

¹⁷ Correio Eletrônico.

Dentre as principais empresas que disponibilizam o serviço encontramos a *Microsoft*¹⁸ com o *OneDrive*¹⁹, a *Google*²⁰ com *Google Drive*²¹ e o *Dropbox*²², que possibilitam um espaço relativamente pequeno de armazenamento, mas disponibilizam a aquisição de pacotes para expansão do espaço. Existem outras ferramentas com esse fim, como o *MEGA*²³, que possibilita maior espaço, mas com uma autoridade menor devido aos processos judiciais que a empresa responde, como por lavagem de dinheiro e hospedagem de material indevido. Isso acarreta na falta de confiança dos usuários ao armazenar arquivos nessa nuvem.

Diante de todos estes aspectos, percebe-se que a internet e as novas tecnologias causaram grandes impactos no âmbito historiográfico. Sabe-se, concordando com Figueiredo (1997, p. 600), que desde a década de 1990 as discussões acerca do tema são suscitadas. Frente à velocidade tecnológica que vivenciamos e as discussões que são realizadas no tempo presente, no dia de amanhã elas já serão obsoletas, sejam sobre as metodologias ou sobre as ciências epistemológicas de modo geral.

De acordo com Briggs e Burke (2006, p. 278), a discussão acerca do impacto da informática para o historiador não é um tema novo, mas sim o questionamento acerca deste instrumento/espaço e das evoluções que ocorreram e ainda ocorrem, modificando as relações que o ser humano tem com o mundo. Outra grande prerrogativa ressaltada pelos autores é a de não definir a informática como uma revolução, mas como um processo evolutivo e de sofisticação das tecnologias e mídias.

Se por um lado seria uma inconseqüência tratar os avanços na tecnologia e especificamente na informática como uma revolução, por outro lado é impossível não perceber o gradativo crescimento de aplicativos, programas e equipamentos que visam atender às demandas do mercado, constatando assim uma significativa alteração das práticas,

¹⁸ *Microsoft Corporation* é uma empresa transnacional americana com sede em Redmond, Washington, que desenvolve, fabrica, licencia, apoia e vende softwares de computador, produtos eletrônicos, computadores e serviços pessoais

¹⁹ *OneDrive*, é um serviço de armazenamento em nuvem da *Microsoft*. Com ele é possível armazenar e hospedar qualquer arquivo, usando uma conta da *Microsoft*. Também é possível definir arquivos públicos, somente amigos, usuários definidos ou privados podendo ser acessado através do link:

<https://onedrive.live.com>

²⁰ *Google LLC* é uma empresa multinacional de serviços online e software dos Estados Unidos, hospeda e desenvolve uma série de serviços e produtos baseados na *internet*.

²¹ *Google Drive* é um serviço de armazenamento e sincronização de arquivos, é possível armazenar documentos, fotos, vídeos e um leque de aplicações de produtividade podendo ser acessado pelo link:

<https://www.google.com.br/drive/apps.html>

²² *Dropbox* é um serviço para armazenamento e partilha de arquivos. É baseado no conceito de "computação em nuvem", podendo ser acessado no link: <https://www.dropbox.com>

²³ Possibilita o armazenamento em nuvem podendo ser acesso através do link: <https://mega.nz/>

usos e costumes na sociedade. Percebe-se que as tecnologias oferecem possibilidades oportunas ao historiador com a transformação de documentos escritos para formatos digitais, comparações e pesquisas em diversos bancos de dados, mapas, gráficos e imagens, assim como a troca dessas fontes em formatos compactos, tornando-se um importante instrumento e uma ferramenta útil no ofício do historiador, mas que, segundo Tavares (2012, p. 306), “se não for usada com habilidade e prudência pode se tornar completamente inútil.”

Destacam-se, ainda, algumas ferramentas de pesquisa, edição de conteúdo e outras tantas funcionalidades disponibilizadas pela *Google*. Entre as principais, podemos citar seu motor de busca²⁴, atualmente responsável pela maioria das pesquisas realizadas, o *Google Tradutor*²⁵, que possibilita a tradução de documentos, e o YouTube²⁶, plataforma que disponibiliza um grande acervo de vídeos postados por usuários, possibilitando a visualização por milhares de pessoas. Há, também, o *Google Drive*²⁷, plataforma que possibilita a armazenagem de arquivos em diferentes formatos, criação de endereços eletrônicos e sites. Para além desses, existem outras centenas de funcionalidades.

Se por um lado a disponibilização desses serviços auxilia a vida do profissional da história, seja ele docente ou pesquisador, existem diversos questionamentos e apontamentos realizados por Briggs e Burke (2006), como o conceito de “*tecnopólio*”, demonstrando como a *Google* sufocou as outras empresas de seu ramo, destacando-se devido a sua lucratividade. “A internet não se resume ao *Google*, mas é inegável que essa empresa sufocou, de maneira impressionante, outros empreendimentos anteriores ao seu surgimento”, criando o que Asa Briggs e Peter Burke denominaram “*tecnopólio*” (BRIGGS e BURKE, 2006, p. 304). A constatação dos autores a respeito da *Google* pode ser aplicada, atualmente, ao *Facebook*, uma das principais redes sociais, que concentra o maior número de usuários em apenas uma plataforma. Hoje já não se limita apenas a uma rede social, mas busca adquirir, por meio de seu poder econômico, outras redes e serviços, se enquadrando na definição de “*tecnopólio*”.

A partir dos anos 1990, com o surgimento e posteriormente com a democratização do acesso a *hardwares* e *softwares*, levantou-se a perspectiva de que a internet dispunha do ambiente mais democrático da história em termos de disponibilização de informações e conteúdo, como ressalta Tavares (2012, p. 307-308). Já Ginzburg (2010) dispõe de outra perspectiva, pois, segundo ele, a internet é “potencialmente democrática, pois não elimina,

²⁴ Disponível em: <<https://www.google.com.br>> Acesso em: 12/10/2018.

²⁵ Disponível em: <<https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR>> Acesso em: 12/10/2018.

²⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/?gl=BR&hl=pt>> Acesso em: 12/10/2018.

²⁷ Disponível em: <<https://www.google.com.br/drive/apps.html>> Acesso em: 12/10/2018.

antes reforça as tensões sociais, no mínimo porque apenas alguns sabem dominar ou têm acesso a todas as linguagens do ambiente cibernético” (GINZBURG *in* TAVARES, 2012, p. 307).

Para além dessa discussão sobre a democracia das redes e da internet, outros questionamentos foram aparecendo com o passar dos anos e do desenvolvimento da informática, como a forma de realizar leituras fragmentadas. Ginzburg ressalta que essa atividade sempre existiu e que isso não seria uma atribuição da internet ou da Google. Segundo Tavares (2012, p. 309),

O historiador italiano lembra que a leitura fragmentária é um recurso antigo, assinalando que os índices que os historiadores conhecem há muito tempo são exemplo disso. Para ele, as pessoas sempre alternaram uma leitura mais densa com leituras mais pontuais, fragmentadas, conforme o tipo de interesse em tal ou qual texto para sua pesquisa.

Pode-se perceber que houve uma adaptação de recursos e métodos que há muito tempo eram recorrentes, mas que, com as novas tecnologias e seus questionamentos, houve esforços para responsabilizá-las das premissas que já eram questionadas pelos historiadores. Ou seja, toda e qualquer forma de deslize, por mais que já existisse, foi responsabilizada a partir das premissas do uso da internet e das tecnologias.

Da mesma forma, Ginzburg²⁸ (2010) demonstra certo otimismo quanto ao potencial dos motores de busca presentes na internet, especialmente o da *Google*. Ele propõe uma tese sobre como o *Google* pode ser uma extensão de nosso corpo. “O *Google* é uma extensão, uma prótese do nosso corpo e de nossa mente. Uma prótese capaz de grandes *feeds* dos quais jamais seremos capazes” (GINZBURG *in* TAVARES, 2012, p. 315). A rede de computadores possibilita novos *insights* sobre o conhecimento histórico, assim como possibilita novos horizontes do conhecimento, conectando interlocutores e atores das mais variadas partes do mundo.

Ressalta-se que o Google pode ser um poderoso instrumento de homogeneização cultural, pois possibilita a imprevisibilidade da relação, sendo grande aliado da pesquisa histórica. Mas, ao mesmo tempo, pode ser um instrumento que nega a história, pois no “presente eletrônico o passado se dissolve” (GINZBURG *in* TAVARES, 2012, p. 317). A idealização dos motores de busca não faz sentido se vista por esse aspecto, mas ignorar a energia que eles possibilitam é inútil. Segundo Ginzburg (2010) ressalta, é necessário um

²⁸ Em palestra proferida na Conferência na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

acúmulo maior de dados e de estudos dos motores de busca para definir sua principal função e o papel que vêm assumindo no cotidiano do pesquisador e historiador.

Para além de todas as possibilidades, os riscos e perigos estão presentes, pois a internet conta com muitas informações que podem desconstruir narrativas científicas em favorcimento a narrativas falaciosas. Pesquisas realizadas em âmbito acadêmico, por exemplo, com metodologia definida e embasamento teórico são facilmente “desconstruídas” na internet. Darnton (2010) afirma que muitas das publicações e conteúdos presentes na rede acabam por criar uma “realidade textual” (DARNTON, 2010, p. 42), narrativas perigosas, desvirtuando fatos e distorcendo aspectos históricos, políticos, econômicos e culturais.

A própria leitura fragmentada incide nessas distorções e erros. Conforme Ginzburg (2010), isso não é simplesmente uma atribuição da internet ou das redes; parte-se da lógica que a “leitura diagonal” do texto é um recurso extremamente antigo, ocorrendo ao assinalar os índices de determinados livros e dissertações para se debruçar sobre leituras mais densas e pontuais, por exemplo. Ou seja, por diversas vezes esse recurso é utilizado para aproximar o pesquisador do tema de interesse e relevância para sua pesquisa (TAVARES, 2012, p. 309).

Pode-se perceber que novos recursos e ferramentas, sejam *softwares* ou *hardwares*, passaram a integrar o cotidiano do historiador. Possibilitou-se, por um lado, o acesso a fontes que até então eram distantes e que impossibilitavam a análise por parte dos historiadores. Aproximaram contextos históricos, assim como os novos métodos comparativos e formas de publicações e as novas ferramentas de edição de textos, imagens e vídeos criaram uma simbiose muito rica entre o escrever a história e as fontes disponibilizadas em novos formatos e suportes. Houve o surgimento de perspectivas eficazes e úteis, além de suscitar diversos questionamentos acerca da falseabilidade ou veracidade das fontes, assim como o desaparecimento delas com um simples clique.

Para além dos prejuízos ou benefícios que a internet e as novas tecnologias de *softwares* ou *hardwares* trouxeram, cabe ao historiador aprofundar essas discussões atendo-se às novas fontes, novas metodologias para a construção e análise histórica. O historiador não pode fechar os olhos acerca da evolução tecnológica, a fim de evitar ou cegar-se totalmente pelo fascínio de tais instrumentos. O fato é que na atualidade eles permeiam as mais diversificadas classes sociais, econômicas, culturais, religiosas, etc. Além disso, estão presentes, de forma direta ou indireta, no cotidiano das pessoas e cabe às ciências humanas, especificamente a História, atentar-se a esses indícios. Por maiores que sejam as

dificuldades ou preconceitos, cabe a nós desmistificá-los e, à luz do conhecimento histórico, empenharmo-nos a deixar esse tema às claras.

1.3 AS FONTES HISTÓRICAS DIGITAIS

Anteriormente debateu-se acerca das correntes historiográficas, assim como o contato dos historiadores com as novas tecnologias informacionais. Faz-se necessário, visando o transcender do trabalho e de seus objetivos, adentrar na discussão das fontes históricas digitais. Com a criação dos bancos de dados, da digitalização de documentos, o acesso remoto e transporte das fontes, a história passou a angariar uma gama infindável de fontes historiográfica que passaram a integrar um *hall* amplo de fontes que se encontravam em acervos, bibliotecas, museus, instituições. Tem-se presente um novo suporte para fontes. A diferença é que, em vez do papel, são números binários que dão formato à fonte e possibilitam sua visualização; os cliques substituem a função de virar as páginas.

Uma das correntes historiográficas que mais se beneficiou com esses novos suportes e fontes, sem sombra de dúvidas, foi a História do Tempo Presente (HTP). Sob essa perspectiva, o uso de fontes digitais requer, segundo Almeida (2011, p. 10), “regras de validação de fontes e metodologia de análise em suporte documental específico, assim como aqueles documentos em papel”. A partir da Escola dos Annales, o domínio do papel começou a ruir. O intuito neste momento não é desqualificar as fontes documentais materiais, mas sim ressaltar que novas fontes foram surgindo, houve uma ampliação da noção do documento. Segundo Febvre *apud* Le Goff (1992, p. 540),

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.

Percebe-se que o uso de novas fontes que não as documentais físicas já suscitava muitas discussões e desconfiança em relação ao uso. Temos uma lacuna de cunho teórico e metodológico quanto ao uso das fontes digitais: elas encontram resistência por grande parte

dos historiadores. Dessa forma, cabe aos historiadores o desafio de sistematizar perspectivas, novas teorias e métodos no trato das fontes digitais.

Cabe, ainda, realizar reflexões metodológicas que enriqueçam a discussão acerca de tais fontes. Será este um princípio almejado nesta etapa do trabalho. Seguindo a perspectiva de Almeida (2011), a palavra-chave para os estudos realizados com as fontes digitais é adaptação: das técnicas e métodos já utilizados pela história, assim como o desenvolvimento de outras habilidades do *metier* do historiador. Essa premissa é de suma importância, pois o contexto histórico atual demonstra que as inovações tecnológicas surpreendem a cada dia, da mesma forma que impactam as estruturas sociais, culturais, econômicas e políticas.

Partindo desse pressuposto, a história não pode se enclausurar numa redoma e ignorar aquilo que é função do historiador, qual seja, buscar a compreensão desses processos dinâmicos e ágeis da sociedade atual, especificamente para os historiadores do tempo presente. Segundo Almeida (2011, p. 12),

Para os historiadores que buscam compreender o presente, negligenciar as fontes digitais e a *internet* significa fechar os olhos para todo um novo conjunto de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que vêm se desenvolvendo juntamente com o crescimento e popularização da rede mundial de computadores.

Seguindo a premissa acima, faz-se necessário, por parte dos historiadores que buscam compreender o presente, se debruçarem sobre estas novas fontes, pois, em grande parte, já estão disponíveis na internet e articulam novos modos de pensar, de subjetivação, assim como propiciam um novo conjunto de práticas e mentalidades presentes no cotidiano de milhões de pessoas e que apenas tende a aumentar, tornando-se cada vez mais importante para a prática da escrita histórica.

A popularização da rede mundial de computadores possibilitou o acesso a diversas fontes, mas trouxe, na mesma medida, questionamentos quanto a sua validade, pois as páginas de internet podem ser retiradas do ar a qualquer momento, acarretando na perda do conteúdo e da referida fonte histórica. Segundo Almeida (2011), infere-se que historiador do tempo presente tem acesso restrito à fonte numa janela temporal. Segundo autor, esse seria um trabalho de “arqueologia de salvamento” (ALMEIDA, 2011, p. 16). Assim, o pesquisador seria o principal responsável pela análise e preservação da fonte histórica, pois a página sendo retirada da rede impossibilitaria seu uso e limitaria sua pesquisa. Pode-se dizer que isso seria um grande empecilho no desenvolvimento dos estudos da HTP.

Uma das discussões que surgem ao tratarmos de fontes digitais é a questão da “instabilidade do texto”. Segundo Ortoleva (1999), o uso dessas fontes se apresenta como um grande desafio, assim como apresenta dificuldades para o ofício do historiador. O autor ainda destaca que a presunção da estabilidade em documentos físicos também não é uma certeza, visto que também apresentam dificuldades e desafios, por vezes até mesmo maiores do que o uso de fontes digitais. Conforme Almeida (2011, p. 20), “trabalhar sob uma incerteza calculada não é novidade para o historiador, pois os métodos históricos não são necessariamente precisos”, ou seja:

As fontes “tradicionais” não são mais confiáveis que as fontes digitais. Um documento impresso pode ser falso. Uma fotografia antiga pode ser fraudulenta. Um depoimento oral pode modificar os fatos. É normal para os historiadores trabalhar dentro de campos de possibilidades, utilizando métodos para reduzir as chances de erro. No futuro, é possível que sejam criados mecanismos mais precisos para verificar a autenticidade das fontes digitais. Contudo, enquanto tais procedimentos não se tornarem operacionais, a habilidade e a experiência dos pesquisadores continuarão determinantes na seleção das fontes mais confiáveis. (ALMEIDA, 2011, p. 21-22)

Os questionamentos acerca das fontes históricas existem e continuarão a existir. Um documento em suporte físico não garante a premissa da veracidade; assim como uma fotografia pode ser alterada, um depoimento pode alterar os fatos de acordo com os interesses do entrevistado, etc. Ou seja, cabe ao historiador uma análise minuciosa da fonte utilizada, visando reduzir as chances de erro. Isso não significa que a fonte histórica, por ser digital, tem maior ou menor possibilidade de falseabilidade ou veracidade, ambas podem apresentar os mesmos pressupostos. A principal questão referente ao tratamento de fontes digitais é compreender o alargamento da categoria de documento. Como afirma Caldeira e Neto (2009) sobre a possibilidade do uso das fontes digitais, desde que se tenha cuidados específicos para sua utilização.

A internet é caracterizada por alguns elementos que podem ser perigosos ao historiador: o número excessivo de informações em alguns casos, a possibilidade de falsificação de discursos (plágios acadêmicos, inclusive) e também o risco de uma fonte desaparecer do dia para a noite (sites podem ser apagados tanto por iniciativa dos próprios webmasters – criadores de páginas – ou mesmo por decisão judicial, passando também por ataque de hackers ou pane nos sistemas onde estão hospedados os arquivos das páginas. (CALDEIRA e NETO, 2009, p. 3)

No que tange esse questionamento, é importante ressaltar a “arqueologia do salvamento”, garantido através de um *PrintScreen*²⁹ da tela ou página em que está presente a fonte. Dessa maneira existe a possibilidade de armazenar e reavaliar sua veracidade, comparando-a com outras fontes referentes ao fato ou ação. Ressalta-se também que esse recurso pode ser utilizado em *sites* que não possuem credibilidade ou até mesmo naqueles que possibilitam a remoção do conteúdo/matéria a ser utilizada como fonte. Nada custa ao pesquisador garantir o arquivamento e salvamento, mesmo em sites mais confiáveis presentes na internet. Ou seja, faz-se necessário o armazenamento da fonte para depois realizar as comparações e análises pertinentes. Somente assim é possível diferenciar as fontes que são importantes para pesquisa daquelas que são meros acessórios.

Uma das principais discussões suscitadas quanto aos documentos digitais diz respeito, segundo Almeida (2011, p. 16), à “dissociação entre o suporte físico e seu conteúdo informacional”, pois não seria o caráter físico que pressupõe a veracidade do documento ou sua falseabilidade. Cabe-nos realizar a discussão acerca do que é um documento? Segundo Paes *apud* Almeida (2011), a noção primordial do documento seria para os arquivistas. O registro de uma informação, independentemente da natureza do suporte que a contém. O que define o documento é o registro da informação e não seu formato. Para além dessa perspectiva, entende-se, concordando com Júnior *apud* Almeida (2011, p. 17), que “qualquer base de conhecimento, fixada materialmente e disposta de maneira que se possa extrair cognição do que está registrado”, pode ser considerada uma prova documental ou documento.

Percebe-se que as mais variadas manifestações humanas podem ser consideradas um indício ou vestígio da condição e presença do ser humano. Dessa forma, não cabe a distinção do suporte em que o documento é apresentado, mas sim das informações, dados e provas que apresenta. Afirma Almeida (2011, p. 17) que o

Documento digital é aquele documento – de conteúdo tão variável quanto os registros da atividade humana possam permitir – codificado em sistema de dígitos binários, implicando na necessidade de uma máquina para intermediar o acesso às informações. Tal máquina é, na maioria das vezes, um computador.

Percebe-se que documento digital pode apresentar diversos formatos e variáveis que possibilitam o registro da atividade humana. A diferença dessa documentação para as

²⁹ O *PrintScreen* é uma tecla comum nos teclados de computador. No sistema operacional *Windows*, quando a tecla é pressionada, captura em forma de imagem tudo o que está presente na tela (exceto o ponteiro do mouse e vídeos) e copia para a área de transferência.

documentações impressas, fontes materiais, imateriais é que essa fonte é mediada pelo uso do computador, ou seja, o equipamento é necessário para o acesso a elas, da mesma forma que se faz necessária a visita e a busca em grandes acervos, bibliotecas em relação às fontes físicas. Houve uma fundamental mudança de paradigmas quanto à busca e análise das fontes, mas o intuito permanece o mesmo: verificação, tensionamentos e análise da fonte.

As distinções das fontes digitais devem ser enfatizadas em duas premissas, segundo Almeida (2011): fontes primárias digitais e não-primárias digitais, que possuem outras subcategorias que ainda podem ser compreendidas como “documentos primários digitais exclusivos” e “documentos primários digitalizados” (ALMEIDA, 2011, p. 18).

A partir dessa conceituação que diz respeito às “fontes não primárias digitais”, entendemos que esse conceito diz respeito àquelas fontes disponibilizadas na internet, podendo ser elas imagens ou textos, mas que por diversas vezes possuem autoria contestável e que não apresentam ou são resultados de um trabalho científico. Essas fontes apresentam inconsistências metodológicas, discursivas e narrativas que em muitos casos refletem apenas a opinião ou possuem carga altamente ideológica de seus autores, que muitas vezes não são identificados, o que dificulta a avaliação sobre a procedência da fonte. Portanto, nesses casos específicos necessita-se da adoção de critérios rigorosos e exige do historiador a realização de comparações com outras fontes, a fim de constatar sua relevância e precisão. Outra premissa de grande importância é debruçar-se sobre a fonte, verificando se é constituinte de uma pesquisa ou se é a totalidade da pesquisa, pois um trecho nem sempre reflete a totalidade. Parte-se da premissa que a descontextualização de uma parte do todo acaba por criar perspectivas, interpretações e análises que nem sempre refletem as conclusões do trabalho. Dessa maneira, é de suma importância que os historiadores e qualquer outro pesquisador se debruce sobre o trabalho partindo de sua conclusão, ou seja: leitura e análise de determinados estudos e pesquisas necessitam de um caminho inverso ao que é normalmente feito.

Há alguns anos, as principais e mais respeitadas revistas científicas passaram a fazer a utilização de um acervo/base de dados de *papers*, artigos, dissertações e teses que podem ser acessados em endereços virtuais, garantindo acesso a fontes primárias e secundárias e possibilitando novas perspectivas da pesquisa histórica.

Outra premissa das fontes digitais diz respeito a “documentos digitais exclusivos” e documentos primários digitalizados. De acordo com Almeida (2011), os documentos digitalizados são resultado do trabalho de digitalização de documentação física (impressa). Destacam-se, nesses princípios, acervos de revistas, jornais, assim como material digitalizado

em diversas instituições de ensino, memória, etc., sendo que essas últimas perceberam na evolução tecnológica uma oportunidade de aumentar a segurança dos acervos em caso de algum acidente ou desastre. Também possibilitou a maximização dos espaços para outras atividades e até mesmo a divulgação e acesso a esses acervos via internet. Não cabe aqui questionar a importância do documento físico, até porque o arquivo digitalizado não o substitui, mas se torna de suma importância para a preservação histórica das sociedades. Importante lembrar, é claro, que o armazenamento em bases de dados também possui riscos.

Os documentos primários digitais exclusivos dizem respeito àqueles documentos que não possuem outro suporte a não ser o digital. Segundo Almeida (2011), dizem respeito a todas aquelas informações, relatos e experiências que são produzidos e disponibilizados digitalmente na internet, ou seja, estão disponíveis somente na rede e somente ela possibilita armazenamento e visualização à existência desse conteúdo.

Atualmente existem diversos diários virtuais em formato de redes sociais, blogs, fotoblogs, etc. Como ressalta Almeida (2011), documentos como diários, ao longo de toda história, serviram de fontes para o desenvolvimento do conhecimento historiográfico e, na sociedade atual, esses diários ainda se fazem presentes, mas agora em formato digital, incluindo vídeos, fotos e músicas além de palavras. Eles representam apenas 10% (se é que chegam a isso) das informações e fontes disponíveis na internet.

Pode-se constatar, então, que existem diversos formatos de documentos para além da internet. Os que foram digitalizados e ainda se apresentam em formato físico, assim como aqueles que são exclusivamente pertencentes ao mundo virtual e que não possuem outro suporte para divulgação ou acesso se não pela conexão com a internet ou em discos rígidos e outras unidades de armazenamento (*pen-drives*, DVDs, etc.).

Avaliando hipoteticamente apenas os 10% acima citados, o número de informações é gigantesco e impossibilita determinar especificamente a quantidade das fontes e informações. Para além de tentar calcular ou estipular um número, outro questionamento suscitado é acerca da veracidade dos fatos ou de sua autenticidade, pois muitas vezes as informações não estão atreladas a instituições, cabendo ao pesquisador revisar e avaliar sua autenticidade. Diante da verificação, o historiador tem de se ater com maior rigor em relação ao método historiográfico e deve utilizar alguns procedimentos metodológicos específicos, como afirma Almeida:

Um cuidado fundamental a ser tomado diz respeito ao inter-relacionamento da documentação. É importante demonstrar, quando for o caso, que a documentação

utilizada possui certa relação entre si. Também é interessante salientar as aproximações temáticas e ideológicas da documentação, que se manifestam através de citações e convergências discursivas. Uma forma de interligação particular das fontes oriundas da *internet* é feita através dos links. As páginas podem apresentar atalhos para outros sites, o que demonstra algum tipo de afinidade entre os conteúdos dos mesmos. (ALMEIDA, 2011, p. 21)

Diante desse procedimento, cabe ao historiador realizar a inter-relação entre as fontes, utilizar fontes digitais com outros escritos, buscando aproximar as representações da realidade. Essa busca deve ser incessante, pois, com ela, se torna possível a verificação dos fatos, dispondo de uma gama de fontes que se completam, uma vez que é possível, através de uma fonte digital, ter o acesso a muitas outras informações graças aos *links* presentes.

Devido a esses aspectos ressaltados, as fontes digitais devem ser consideradas como cruciais aos historiadores do tempo presente e negligenciar elas é negligenciar a história. Com o desenvolvimento das tecnologias, surgiram outras possibilidades de fontes, como as mídias sociais. Num primeiro momento, passaram a ser utilizadas de forma tímida, mas foram ganhando terreno e hoje estão presentes de forma indiscutível no cotidiano dos sujeitos. As mídias sociais e suas redes possibilitaram a aproximação daqueles que estão longe e, de certo modo, o distanciamento daqueles que estão próximos. Será esse o tema apresentado na discussão a seguir, assim como as possibilidades do uso dessas mídias como fontes históricas para o estudo do presente, diante do seu imediatismo.

1.4 AS MÍDIAS SOCIAIS COMO FONTE HISTÓRICA PRIMÁRIA

Como anteriormente analisou-se o contato do historiador com a informática e com seus periféricos, assim como o surgimento das mais variadas fontes em formato digital, o questionamento a ser aprofundado agora é sobre quais são as possibilidades do uso das redes sociais virtuais como fontes históricas. Diante o contexto da evolução das tecnologias, o acesso à internet vem se expandindo de forma potencial e gradativa. As agências de pesquisa *We Were Social* e *Hootsuite*, duas instituições responsáveis por realizar pesquisas nos mais variados segmentos da rede, divulgaram dados³⁰ acerca do acesso à internet. Constatou-se que cerca de quatro bilhões de pessoas possuem acesso à rede mundial de computadores, ou seja, mais da metade da população mundial. Grande parte destes acessos dá-se no âmbito do

³⁰ Realizada por agências de pesquisa e monitoramento de redes sociais. Disponível em: <<https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018>>. Acesso em: 10/10/2018.

uso de *smartphones* e planos de dados móveis disponibilizados pelas operadoras de telecomunicações.

Para além do acesso à internet, o percentual de pessoas que passaram a utilizar as mídias sociais (redes sociais diversificadas) vem aumentando. Atualmente são cerca de 3,2 bilhões de pessoas conectadas em redes sociais e a conexão via *smartphones* chega a cinco bilhões. Outro dado que chama atenção faz referência ao tempo que as pessoas gastam com o acesso diário à internet: o Brasil é o terceiro colocado no *ranking*, com cerca de nove horas e 14 minutos por dia, atrás somente da Tailândia, com nove horas e 38 minutos, e das Filipinas, com nove horas e 29 minutos.

No Brasil o acesso às redes sociais digitais de forma majoritária se dá no uso dos *smartphones*, onde cerca de 92% dos acessos são realizados por celular com multifunções. As principais interações nas redes sociais digitais, no caso brasileiro, se dão no *Youtube*, *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, as redes sociais digitais com maior destaque no momento. Evidentemente o *WhatsApp* figura também por ser o aplicativo de troca de mensagens, áudios, vídeos, informações e conteúdos diversificados mais utilizado entre os brasileiros. A diferença é que o *WhatsApp* se apresenta e tem a utilização diferenciada das redes sociais citadas acima. Por hora, percebe-se que as redes sociais vêm apresentando um papel central na troca de informações e conteúdo, tendo papel centralizador e aglutinador no encontro de narrativas e na sua multiplicidade. Devido à velocidade da comunicação que se estabeleceu em rede houve a potencialização da interação entre os indivíduos, assim como vem alterando as relações acadêmicas, culturais, políticas, profissionais e pessoais por meio da internet. Como afirma Guattari (1993, p. 186), alcançamos a “idade da informática planetária” que diz respeito à capacidade de circulação das informações de modo a transporem fronteiras num ínfimo espaço de tempo, assim como das diversas narrativas que esta possibilita.

A mídia e as telecomunicações tendem a duplicar as antigas relações orais e escriturárias. Cabe notar que a polifonia que resultar disso não irá mais associar apenas vozes humanas, mas também vozes maquínicas com os bancos de dados, a inteligência artificial, as imagens de sínteses etc. [...] com a temporalidade introduzida pelos microcomputadores, quantidades enormes de dados e de problemas podem ser tratados em lapsos de tempo minúsculos, de modo que as novas subjetividades maquínicas não param de adiantar-se aos desafios e problemas com os quais se confrontam (GUATTARI *in* PARENTE, 1993, p. 186-187).

Constata-se, assim, que as informações que estão presentes nos computadores e periféricos de modo geral possibilitam maior circulação de diálogos e narrativas, que vão

aumentando gradativamente conforme vão sendo acessados, discutidos e debatidos. Não há sombra de dúvidas que as novas tecnologias foram sendo democratizadas, pelo menos quando o quesito é acesso.

As premissas da comunicabilidade instantânea que surgiram devido a diferentes plataformas, periféricos, *hardwares* e *softwares* que foram se integrando suscitaram diversos discursos sobre a aniquilação do espaço, assim como do tempo. Essa comunicabilidade possibilitou que pessoas de diferentes lugares do mundo estejam conectadas em tempo real. Não significa que houve o encurtamento ou desaparecimento do tempo, muito menos que o conceito de espaço foi se dissolvendo. O espaço e o tempo, fisicamente, são diferentes de indivíduo para indivíduo e essa premissa também é transferida para as plataformas online. Destaca-se, assim, que essas novas interações multiplicaram as trocas de experiências vivenciadas, informações e posturas e permitiram novos formatos de organização dos movimentos sociais, assim como o ciberativismo ganhou repercussão e centralidade nas proposições sociais. O diálogo entre os indivíduos foi potencializado, da mesma forma que eles buscam informações independentes, seja em grupos de discussões específicos ou pesquisando em motores de busca na internet.

Entende-se que é no espaço/ferramenta das redes sociais que se apresentam as mais variadas relações de poder e os jogos de forças que se demonstram nas mais diversificadas esferas. Existem interesses hierarquizados que se apresentam de diferentes formas nos perfis de *Facebook* ou *Twitter* de partidos políticos e de movimentos sociais das mais diversas posições políticas e ideológicas, por exemplo. Argumenta-se que neste espaço permeiam as práticas do cotidiano, que são levadas ao mundo virtual, e para cada indivíduo em seu próprio tempo e espaço, segundo Andreis (2009, p. 15):

Nas práticas discursivas e não discursivas cotidianas: da casa, do trabalho, do bairro, da cidade, do campo e nas vias e meios de circulação visíveis ou invisíveis, individual e coletivamente as pessoas estão e são limites destes comandos[...]a fronteira é, então, não apenas a divisão jurídica e administrativa entre dois territórios, mas é também a delimitação do lugar de cada um na sociedade.

Depreende-se que a partir dessas posições e constituições dos indivíduos e do lugar em que eles vivem são estabelecidas as suas relações cotidianas, demonstrando suas trajetórias e narrativas nas redes sociais virtuais. Esse é um meio que traz os espaços e tempos de cada um de seus usuários, apresentando as discussões que partem do âmbito local para o âmbito global, ou seja, da individualidade para o coletivo.

Alicerçamo-nos em Massey (2008) que explicita que é no movimento de conexão, de encontro e das relações estabelecidas pelos indivíduos que realizam muitas viagens e, sem sair da frente dos computadores e dos seus *smartphones*, relacionam-se, apresentam diferentes trajetórias, diversos significados, é múltiplo ao cubo de todas as experiências vividas, daquilo que é inacabado e que possibilita a criação do novo, que está em constante mudança. O espaço das redes sociais virtuais é a extensão do espaço real; é o que possibilita a existência da pluralidade da coexistência, da diferença e das modificações do espaço, tornando-se todo tempo um novo lugar no que se constitui como o ciberespaço.

O ciberespaço é uma forma de virtualização do real nas redes de computadores. Os indivíduos conectados através da tecnologia criam relacionamentos, redes de informação, que acabam gerando sociabilidade. Esse novo espaço de interlocução resultou em diversas alterações socioculturais. A ideia da aldeia global fora cunhada por Marshal McLuhan em meados dos anos 1960 para problematizar as implicações acerca das tecnologias.

Da mesma forma que a roda é uma extensão do pé, o telescópio uma extensão do olho, assim a rede de comunicações espalhou-se pelo mundo, assim ocorreu com a nossa rede neural. A televisão tornou-se os nossos olhos, o telefone a nossa boca e ouvidos. Nossos cérebros são elos de um sistema nervoso que se estende através do mundo todo. (WOOLEY *apud* IANNI, 1997, p. 123)

O ciberespaço é um novo espaço de sociabilidade não presencial que gera valores éticos, morais e comerciais. Com a utilização das redes sociais, toda e qualquer pessoa conectada pode ser um produtor de conhecimento, informações e opiniões. Isso acaba por reduzir as limitações do conhecimento, transpondo fronteiras e ao mesmo tempo causar diversos problemas sobre a credibilidade, autenticidade e veracidade dos fatos e argumentos, cabendo às ciências desenvolver e adequar metodologias e teorias de modo a sanar dificuldades e representar este espaço virtual em constante construção, assim como o real.

A principal questão é acerca de quais informações são disponibilizadas em ambos os meios. Se por um lado existem informações com veracidade comprovada por métodos científicos ou fatos que representam a realidade, existem outros que não se atém em nenhum desses aspectos: são as notícias e informações falaciosas, as *Fake News*, que são utilizadas em larga escala com o intuito de confundir os sujeitos ou visando interesses próprios de partidos políticos, *sites* de notícias que visam o lucro com a publicidade presente neles ou até mesmo grupos patrocinados por entidades e instituições financeiras visando privilégios e demandas.

Esses indícios apontam para como o suporte de *hardwares* e a internet criaram um mundo digital em que a velocidade e o dinamismo das relações estabelecidas nas redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, entre outras, possibilitaram a leitura e criação de perfis ideológicos, econômicos, sociais, filosóficos. Isso se dá através de pesquisas de afinidades, postagens mais vistas, etc (CASTELLS, 2013). Esse é, de fato, um componente importante das redes sociais: a criação de perfis. São indivíduos que utilizam das redes sociais como suas *homepages* e que podem estar presentes dentro de uma plataforma específica, como as citadas anteriormente, ou partem da criação de um site para divulgação pessoal ou profissional. Esses perfis, de modo geral, podem ser verdadeiros tanto quanto falsos, para disseminar mensagens ou informações de cunho intolerante, preconceituoso ou racista, assim como para impulsionar *fake news*. São esses perfis, hoje, que servem de suporte para a troca de mensagens entre os sujeitos, como também podem ser usados para uma infinidade de outras atividades, visto que podem representar uma empresa privada, pública, ser de cunho pessoal ou profissional, com fins lucrativos ou não.

Diante desses fatos, a internet se tornou algo bem maior do se tinha anseio. De acordo com Figueiredo (1997, p. 613), “a internet é considerada uma estrada de redes de informação com várias atrações nas suas margens: parques de diversões eletrônicos, cidades digitais, *shopping centers* virtuais, universidades automatizadas, bibliotecas *online* e arquivos mecanizados.”

Partindo do uso das mídias sociais e da democratização de seus acessos, a internet se tornou algo mais que uma estrada, pois ela não propicia apenas a diversão e atrações. Se tornou fonte de conhecimento, informação e desinformação. Para além dessa perspectiva, as redes sociais virtuais possibilitaram a estes transeuntes também expressar suas opiniões, sentimentos e indignações. As redes possibilitaram que o indivíduo não fosse mais um mero espectador ou interlocutor passivo: ele passou a interagir, ser ouvido, ser questionado, criticado e a se organizar em grupos com interesses comuns. Se de um lado as mídias sociais podem ser compreendidas como uma forma de conhecimento e informação, por outro lado, segundo Umberto Eco (2010, online),

As mídias sociais deram o direito à fala a legiões de imbecis que, anteriormente, falavam só no bar, depois de uma taça de vinho, sem causar dano à coletividade. Diziam imediatamente a eles para calar a boca, enquanto agora eles têm o mesmo direito à fala que um ganhador do Prêmio Nobel. O drama da *internet* é que ela promoveu o idiota da aldeia a portador da verdade.

Da mesma forma que os atores da sociedade demonstram ou representam outras realidades com narrativas e discursos de extrema importância nas redes sociais, sejam elas para melhor compreensão dos aspectos históricos, culturais e sociais, também ocorre a divulgação de informações tendenciosas, preconceituosas, racistas, homofóbicas, discursos de ódio e tantas outras atrocidades. Ou seja, deu vez e voz a discursos que até então estavam reclusos aos espaços privados, mas que, graças a o diálogo na internet, os sujeitos cujas ideias são representadas por esse tipo de discurso passaram não só a encontrar seus pares como também um espaço para destilar suas incertezas e inseguranças.

Nada reflete melhor o cotidiano do indivíduo no século XXI do que as redes sociais, mas somente essa afirmação não basta para embasar de cientificidade o estudo das redes sociais como fontes históricas. Os principais questionamentos que pairam na perspectiva histórica acerca das fontes nas redes sociais partem de: quais perfis podem ser considerados importantes no contexto histórico pesquisado? Qual a relação destes perfis com a realidade cotidiana? Quais são os principais desafios para o uso dos mesmos como fontes históricas? Pressupõe-se que o historiador, para fazer o uso das redes sociais virtuais, deve utilizar da interdisciplinaridade, se desafiar nas fronteiras do conhecimento de áreas como a ciência da computação, da engenharia de *softwares*, entre outras premissas, assim como das diversas ferramentas e competências do saber científico para auxiliá-lo na pesquisa, possibilitando a realização de leituras e representações específicas sobre o tema estudado. Como afirma Braudel (1992), “para o historiador, o conhecimento interdisciplinar serve como uma lanterna para compreender os caminhos intermináveis do passado” (BRAUDEL, 1992, p. 15), assim como do presente.

Frente a isso, uma das principais ferramentas que podem auxiliar o historiador quanto a identificar as fontes, assim como seus fluxos e suas representatividades, é o uso das cartografias de redes, pois confrontam os jogos de forças, de resistências e de práticas de liberdade, assim como ressaltam a objetivação e subjetivação em seus respectivos jogos. A cartografia de rede se difere da cartografia tradicional, que traça mapas, territórios, relevos e distribuição populacional. Tal como a proposta de Foucault e Deleuze, a análise cartográfica configura-se como “instrumento para uma história do presente, possibilitando a crítica do nosso tempo e daquilo que somos” (FILHO e TETI, 2013, p. 1).

Ressalta-se que existem muitas cartografias possíveis, assim como campos a serem cartografados. O que se faz necessário é a proposição de uma metodologia referente a cada situação ou contexto a serem analisados. Indica-se que a perspectiva do método e o objeto

são “figuras singulares e correlativas, produzidas no mesmo movimento, e que não se trata aqui de metodologia como conjunto de regras e procedimentos preestabelecidos, mas como estratégia flexível de análise crítica”. (FILHO e TETI, 2013, p. 5)

O termo “cartografia” utiliza especificidades da geografia para criar relações de diferença entre “territórios” e dar conta de um “espaço”. Assim, “Cartografia” é um termo que faz referência à ideia de “mapa”, contrapondo à topologia quantitativa, que caracteriza o terreno de forma estática e extensa, uma outra de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades, ou seja, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorridas no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebedor no mundo cartografado. (FONSECA e KIRST, 2003, p. 92).

A cartografia de rede utiliza de mapeamentos para relacionar e caracterizar, assim como localizar suas pistas, buscar signos de processualidade, rastrear mudanças de posições, velocidade, de aceleração, de fluxo e ritmo. “A cartografia é um método que visa acompanhar um processo, não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção” (KASTRUP, 2009, p. 32).

Desse modo, o uso da cartografia das redes visa identificar os perfis que tiveram maior repercussão, ou seja, que tiveram a maior propagação de informações, relatos e narrativas, utilizada por perfis de terceiros. A cartografia baseia-se em *softwares* específicos como o *Gephi*³¹, que permite montar grafos, buscando palavras-chaves (ou *tags*), favorecendo a comparação com outras fontes de informações e divulgações. Isso se dá porque, identificando os perfis e analisando a rede social específica, pode-se questionar a veracidade dos fatos e das fontes disponíveis nas redes sociais, seguindo a indicativa primordial da análise das fontes digitais.

No entanto, a análise do banco de dados das redes sociais ainda é algo a ser discutido e pensado. As empresas responsáveis e mantenedoras das redes sociais armazenam as publicações dos usuários por cinco anos, mesmo no caso de a publicação ou a conta serem excluídas ou desativadas. A dificuldade está em como localizar essas informações, pois em raros casos, esses dados são disponibilizados apenas com mandados judiciais, ou seja, após a publicação ser excluída é impossível conseguir seu acesso que não seja por razões legais. Portanto, enquanto a publicação estiver ativa e em modo público, o armazenamento dela para utilização como fonte para pesquisas se dá por meio de “*PrintScreen*” da tela da rede social.

³¹ *Gephi* é uma plataforma interativa de visualização e exploração de todos os tipos de redes e sistemas complexos, grafos dinâmicos e hierárquicos.

Frente às constatações e metodologias apontadas anteriormente, é correto afirmar que as redes sociais se constituem como fontes históricas digitais, ao passo que sua utilização ainda se apresenta de forma tímida ou quase que inexistente. Com o desenvolvimento tecnológico, experiências metodológicas e teóricas, no entanto, o uso desse tipo fonte será cada vez mais corriqueiro. Deve-se, ainda, ressaltar que essas fontes não são restritas aos historiadores, elas podem auxiliar nas diversas competências do saber na área das ciências humanas. Outra questão primordial acerca das redes sociais são as relações de poder que se apresentam nos diálogos da rede, sejam eles acadêmicos, populares, pessoais. Da mesma forma, as redes sociais, por si só, nada são, senão pela utilização dos indivíduos reais.

A expressão do cotidiano, das experiências, posições políticas, ideológicas, de gênero, raça, étnicas, culturais são fatores que permeiam as mídias sociais, cabendo aos historiadores e aos pesquisadores de modo geral tratá-las com seriedade, rigorosidade científica e metodológica, visando compreendê-las, analisá-las para se tornarem um grande complemento para as ciências de modo geral. Entende-se, ainda, que alguns preceitos, conceitos ou análises presentes nessa etapa podem ser contraditórios, não se apresentam de forma clara e objetiva, devido à alta complexidade e dinamicidade que são impostas pelo mundo digital. Destaca-se, porém, que é dever do historiador estudar essas novas interações, dotando-as de reflexão crítica. Caberá também enfrentar os desafios quanto a novas formas de olharmos o mundo digital, rechaçando discursos do fim das fronteiras, do desaparecimento do tempo, buscando novas formas de verificações ou falseabilidade de fatos. Assim como não devemos ver estas tecnologias como algo sagrado que pode ser usado em todas as pesquisas históricas ou responder a todos os questionamentos, mas também não se deve encará-las como algo profano, que devem ser afastadas ou menosprezadas, sendo isso recorrente na premissa da construção histórica até o momento. Dessa forma, cabe aos historiadores e pesquisadores de modo geral se aprofundarem acerca desses novos meios, formas, relacionamentos e atitudes que permeiam o mundo real e o mundo virtual.

2 AS INTERPRETAÇÕES, OS MOVIMENTOS E AS REDES EM JUNHO DE 2013

As jornadas de junho de 2013 apresentaram diversas contradições presentes na sociedade, assim como anseios, reivindicações e posicionamentos políticos diversos. Muitos foram os autores que buscaram teorizar e compreender esse fenômeno histórico e social. Diante disso, muito foi produzido, permitindo diversos olhares sobre o mesmo objeto de pesquisa. Faz-se necessário elucidar com maior clareza esse fenômeno ocorrido em 2013 e realizar uma radiografia das fontes que foram produzidas até o momento.

O principal objetivo, num primeiro momento, era realizar um levantamento acerca das obras produzidas sobre de junho de 2013 até a atualidade desta pesquisa. Mas, diante da grande quantidade de teorias, escritos e teóricos, impossibilitaria a compreensão de um todo e ocasionalmente acabaria por se constituir de um levantamento e análise quantitativa, que de fato não contemplaria o objetivo deste estudo. Buscou-se, então, realizar leituras e análises para compreender as diversas interpretações que junho de 2013 apresentou.

As produções até este momento são das mais variadas dimensões possíveis. Algumas elucidam as jornadas de junho de 2013 como principais responsáveis pelo *impeachment* (golpe) da presidenta Dilma Rousseff, ocorrido em 2016; outras tratam dessas manifestações como a principal expressão do descontentamento político da população; outras como um sintoma recorrente do modo de produção capitalista; outras como o acordar de um “gigante adormecido”; assim como a mais pura e simples representação de preceitos anárquicos da ação combativa e coletiva dos movimentos sociais. Essas são somente algumas perspectivas percebidas no levantamento dessas fontes, demonstrando os inúmeros olhares que surgiram, mas que também ainda estão por surgir em futuras análises e estudos referentes aos atos ocorridos em 2013.

Compreende-se as jornadas de junho de 2013 também como o início de um ciclo de protestos. Esses ciclos de protestos ocorrem quando diversificados atores sociais e históricos intensificam mobilizações. Essa intensificação parte de grupos ou movimentos sociais que estão mais organizados para aqueles que estão menos desorganizados. (TARROW, 2011 *in* TATAGIBA, 2014). Essa premissa pode ser compreendida em 2013, quando o MPL reagiu ao aumento das tarifas de transporte público. O MPL, naquele momento, estava organizado e espalhado por diversas cidades e metrópoles brasileiras. Assim, a organização dos atos foi dinâmica e se apresentou de forma unificada.

O início desse ciclo de protestos partiu de um movimento organizado e mobilizado para outros setores que não estavam tão organizados e até mesmo grupos antagônicos aos ideais e pensamentos do MPL. Quando os atos passaram a ser tratados de forma violenta, os grupos que até então não estavam mobilizados passaram a se engajar na luta pela redução do transporte público. Alicerçamo-nos em Tatagiba (2014, p. 38-39) para afirmar que as mobilizações coletivas e as ações políticas institucionalizadas são a chave para compreensão dos ciclos de protestos.

As dinâmicas são influenciadas pelos padrões de interação entre os movimentos sociais e Estado, no decorrer do jogo político rotineiro no qual atores organizados buscam influenciar as instituições. Ao mesmo tempo, as dinâmicas de mobilização e desmobilização internas ao ciclo podem provocar mudanças nas relações entre autoridades e desafiadores, abrindo espaço para a expressão de novos atores e discursos, com potenciais impactos sobre a política institucionalizada.

Dito isso, compreende-se que a partir das jornadas de junho de 2013 os ciclos de protestos possibilitaram o surgimento de novas demandas e questionamentos. No ano de 2014, os protestos contra a realização da Copa do Mundo de 2014 realizada no Brasil são um exemplo claro da continuação do ciclo de protestos. Posterior às eleições de 2014, que tinham como candidatas Dilma Rousseff e Aécio Neves, quando Dilma se reelegeu, os setores da direita começaram a mobilizar grupos que participaram das jornadas em junho de 2013, adentraram numa onda de mobilizações pedindo a renúncia ou *impeachment* da então presidenta. Esses grupos encontraram solo fértil em diversos setores da sociedade brasileira, o que acabou por resultar no *impeachment* da presidenta Dilma em 2016.

Cabe destacar que muitos setores da esquerda brasileira responsabilizam as jornadas de junho de 2013 como mola propulsora ou aglutinadora dos preceitos liberais e dos setores da direita brasileira. Acreditam que esse ciclo de protestos criou fissuras na estrutura política e que a direita, com a mídia tradicional, soube melhor aproveitar do que a esquerda. Questiona-se também se foram as jornadas de junho de 2013 que resultaram na eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Acredita-se que, da mesma forma que a direita passou a se organizar na rua nos anos anteriores, a premissa do uso de redes sociais para divulgação e viralização de “*Fake News*” foram fatores decisivos na eleição do então candidato de extrema direita no Brasil. O que fato é possível afirmar é que houveram acordos e conchavos entre os setores da mídia tradicional, das igrejas católica e evangélicas, grupos industriais e do empresariado que bancaram a divulgação em massa de informações falsas para beneficiar politicamente o

defensor de seus interesses, assim como a utilização de especialistas no uso de redes e mídias sociais foi um diferencial no resultado advindo das urnas.

Este capítulo será composto por três partes. Num primeiro momento, é realizada uma profunda reflexão acerca das interpretações das jornadas de junho de 2013, as principais ações, as narrativas e os diversos posicionamentos nas ruas e nas mídias de modo geral. Elucida-se, ainda, o diálogo entre os grupos políticos que tinham como principal objetivo controlar a hegemonia e os rumos que os atos tomariam. Num segundo momento, é de suma importância demonstrar o protagonismo que o Movimento Passe-livre (MPL) demonstrou na organização e divulgação dos atos em 2013 para compreender melhor as tomadas de decisões, sejam elas de destinos e lugares das mobilizações, entre outros aspectos. Visou-se, também, destacar os aspectos históricos, ideológicos e políticos que permeiam este movimento social, assim como seu histórico de luta pelo transporte público e pelo passe-livre, destacando aspectos de sua constituição, bem como seu caráter propositivo e reativo ao longo de sua recente criação, mas que já apresenta vitórias da perspectiva de luta.

Ainda neste momento, faz-se necessário compreender o coletivo Mídia Ninja (Jornalismo Independente e Narrativas de Ação), que teve papel central na disseminação de informações e conteúdos produzidos durante os atos de junho de 2013. Outro pressuposto analisado é o uso das táticas *black blocs* por diversos manifestantes e adeptos. No terceiro momento, é realizada uma discussão acerca do uso das redes sociais por diversos atores políticos, sociais, históricos e midiáticos, a fim de compreender os espaços que elas possibilitam para o diálogo e reflexão dos acontecimentos cotidianos da sociedade, que são discutidos e debatidos nas redes, ou seja, como se estabelece a relação entre as ruas e as redes sociais nas jornadas de junho de 2013.

2.1 AS VÁRIAS FACES DE JUNHO DE 2013: AS INTERPRETAÇÕES E POSICIONAMENTOS

Diante das manifestações, muitas produções teóricas surgiram. Neste item realizamos um breve apanhado das diversas interpretações de junho de 2013. Percebe-se diferentes posicionamentos e olhares. De antemão, é correto afirmar, segundo Moraes (2018, p. 65), que “existe uma grande disputa sobre a narrativa da insurgência dos governados de 2013. Por razões teóricas/político-eleitoreiras/ideológicas, muitos intelectuais participam de uma querela sobre os seus motivos, características e resultados.”

Deve-se ressaltar, perante isso, que utilizamos de uma profunda discussão teórica e interpretativa realizada por Moraes (2018). A utilização dessa discussão dá-se frente a alguns entendimentos, como: a) distanciamento temporal das manifestações de 2013, pois possibilitou uma visão do processo como um todo, assim como das discussões teórico-político-ideológicas acerca do que foi produzido; b) o autor não se ateve somente a produções acadêmicas, mas também a editoriais jornalísticos, colunas e notas públicas de diversos partidos políticos. Entende-se que isso propicia uma visão mais cristalizada e clara das interpretações que vão além do meio propriamente acadêmico.

Moraes (2018, p. 65) resalta ainda que existem duas maneiras distintas de se produzirem interpretações sobre as manifestações de 2013, sendo elas: a) através da lente da televisão; b) através da participação nas passeatas. Ambas se apresentam de modo distinto, pois através da lente das câmeras a possibilidade da distorção é muito maior. Percebe-se que as mídias corporativas utilizaram muitas artimanhas com o intuito de deturpar as reais posições e acontecimentos, o que foi responsável pelos diversos posicionamentos contraditórios de muitos atores históricos ou sociais. Destaca-se ainda que as interpretações e teorizações a partir da participação nas passeatas não estão livres de deturpações ou confusões, mas se apresentam de forma mais construtiva e verídica aos fatos.

Segundo Moraes (2018, p. 65), pode-se resumir a cinco interpretações gerais, das quais três podem ser consideradas plutocráticas (palavra que vem do grego *ploutos*: riqueza; e *kratos*: poder). Antes de adentrar nas cinco interpretações propostas por Moraes (2018), faz-se necessário compreender as proposições plutocráticas. Visando compreender a plutocracia, utilizou-se da definição de Moraes (2018, p. 46), que traz o entendimento de que em vez da democracia tem-se a plutocracia, ou seja, enquanto democracia se faz através do governo exercido pelo povo, a plutocracia significa que os poderes constituídos têm como principal intuito e anseio produzir benesses aos mais favorecidos economicamente.

Dentre as principais funções dos governos das plutocracias está a de garantir a reprodução do dinheiro e dos preceitos capitalistas em detrimento da justiça social, entre esses a garantia da propriedade privada e dos meios de produção. Dessa forma, as políticas públicas e ideias propositivas que podem elevar a qualidade de vida da população que possui menor poder aquisitivo é sempre deixada em segundo plano. Constatamos que a plutocracia é, então, um sistema de governo exercido por indivíduos que detêm poder econômico e que agem para aumentar ou manter a hegemonia do capital exercida. Assim sendo, é importante manter severamente o discurso acerca da defesa da democracia, pois assim se cria uma ilusão

de liberdade de escolha e é neste espaço que se encontra terreno fértil para a manutenção do poder das classes abastadas.

Moraes (2018, p. 47) também destaca que existem dois tipos diferentes de ditaduras plutocráticas. A utilização do termo ditadura se faz necessária, pois, em detrimento da defesa dos preceitos capitalistas, a ditadura é a realidade para diversos grupos sociais que são desprovidos do poder econômico ou que não interessam a estes grupos. Segundo o mesmo autor, existem dois regimes plutocráticos, sendo eles: **Ditadura Militar-Plutocrática-Desavergonhada** e **Ditadura Plutocrática-Militar-Dissimulada** (destaque nosso). A primeira, desavergonhada, é aquela exercida sob um regime militar, ou seja, diretamente por militares no poder, como por exemplo a ditadura militar brasileira. A segunda, colocada como dissimulada, é aquela exercida por civis eleitos, os chamados representantes do povo, sendo esses patrocinados por diversos *lobbies* para defenderem seus interesses, essa última sendo a que atualmente melhor retrata a sociedade brasileira. Ressalta-se, ainda, que são militares, pois ambas utilizam, quando necessário, da repressão militar para conservação e manutenção dos preceitos capitalistas e de sua hegemonia. Diante de qualquer possibilidade de levante das forças oprimidas ou desprivilegiadas contra o sistema vigente, as forças estatais agem para garantir ou restabelecer a ordem. Dado esse entendimento, volta-se para as possíveis interpretações decorrentes de junho de 2013.

Para além dos conflitos entre manifestantes e as forças de repressão estatal, houve outras batalhas dentro das próprias manifestações - ideológicas, sobre os rumos das mobilizações e sobre as narrativas que foram sendo construídas no decorrer das mobilizações. Retornando as interpretações de Moraes (2018, p. 66-67), destacam-se cinco interpretações possíveis, sendo elas: **Plutocrática neoliberal-dissimulada; Plutocrática neoliberal-desavergonhada; Plutocrática neoliberal-conservadora; Esquerda oficial institucionalizada; e a dos setores revolucionários** (destaque nosso), sendo essa última a que mais interessa para este estudo, pois permite a compreensão das manifestações e das relações que se estabeleceram nas redes sociais digitais.

No entender de Moraes (2018, p. 77), a **Plutocracia neoliberal-dissimulada** (destaque nosso) foi constituída por grupos intelectuais e midiáticos simpáticos ao governo federal, que buscaram justificar as mobilizações populares de diversos aspectos, mas não atribuíram suas responsabilidades ao descontentamento com o governo. Dentre as justificativas das mobilizações, era frequentemente utilizada a de que o movimento de junho 2013 era manipulado por setores liberais e setores da direita brasileira. Segundo Moraes

(2018, p. 65), esse grupo “levou a crer que o povo estava nas ruas não contra os representantes políticos e suas instituições, mas por questões absolutamente laterais”. Tratou, ainda, as mobilizações como exclusivamente da classe média. Pode-se compreender, dentro dessa interpretação, três momentos distintos momentos: a *priori*, buscou ignorar os movimentos; num segundo, disputou a direção do movimento; e terceiro, buscou de todas as formas possíveis criminalizar as mobilizações, utilizando de adjetivos pejorativos, como “vândalos”, “baderneiros” e “vagabundos”.

Inicialmente a intenção das corporações de mídia foi a de ignorar e deslegitimar o movimento. Pôde-se perceber claramente essa intenção nas palavras do jornalista e colunista Arnaldo Jabor, da Rede Globo de comunicações, quando, no dia 12 de junho, no Jornal da Globo, defendeu que os movimentos não tinham motivações legítimas para saírem às ruas: “Onde já se viu sair às ruas por R\$ 0,20”³². O jornalista realizou uma leitura extremamente superficial sobre quem eram os participantes de tais atos, argumentou que as ruas estavam tomadas por jovens de classe média que não necessitavam desses trocados. Expôs, segundo seu entendimento, que as depredações estavam ligadas a associações criminosas, colocou PM (Polícia Militar) e seus integrantes como as grandes vítimas dos atos, afirmou que os manifestantes não tinham pautas nem causas para tais mobilizações. Utilizou dos mais variados argumentos para deslegitimar o movimento e no fim, utilizando de toda sua arrogância, prepotência e desconhecimento do movimento, disparou que “esses revoltosos da classe média não valem nem R\$ 0,20”³³. Após o discurso do jornalista, as ruas se inflamaram ainda mais. Era perceptível o repúdio e indignação dos manifestantes à fala, pois diversos cartazes continham a seguinte mensagem “não é por R\$ 0,20, mas por direitos”. Posteriormente o comentarista político se retratou da argumentação e dos equívocos cometidos, mas isso só veio após o movimento ganhar proporções ainda maiores.

Outro fato que despertou a ira dos manifestantes foi a enquete do jornalista sensacionalista Datena, em rede nacional, no dia 13 de junho de 2013. Enquanto a manifestação acontecia, o jornalista colocou uma enquete ao vivo, questionando a audiência se era “a favor desse tipo de protesto?”. Para a surpresa do apresentador, as respostas a favor desse modelo de manifestação, segundo ele com “quebra-quebra” e “baderna”, estavam disparadas na frente. O apresentador, não acreditando no que estava acontecendo, resolveu reformular a pergunta, alegando que provavelmente, sua audiência não havia entendido.

³² Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2631566/>>. Acesso em: 25/12/2019.

³³ Vídeo presente neste endereço: <https://globoplay.globo.com/v/2631566/>. Acesso em 27/12/2019.

Pergunta refeita: você é a favor de protesto com “baderna”? Novamente, a pesquisa se demonstra contrária ao apresentador e a população se demonstra novamente a favor. O principal equívoco do apresentador foi tentar deturpar e não buscar compreender o que a população estava tentando mostrar com sua participação; o erro não era na pergunta, mas na forma que a mídia estava tratando e rechaçando tais manifestações.

O aumento gradativo dos manifestantes nos atos e o posicionamento da mídia corporativa e tradicional acabou transformando-a em inimiga dos manifestantes, assim como sua credibilidade passou a ser questionada com maior ênfase. Diante disso, a mídia corporativa percebeu que estava passando a perder espaço para as mídias sociais alternativas (Mídia *NINJA*) e passou a se apresentar como aliada dos manifestantes. A mídia corporativa, defendendo seus interesses, passou a disputar a direção das mobilizações. Foi nesse exato momento que as organizações de setores nacionalistas e institucionais começaram a fazer parte dos atos. A mídia passou o recado e esses grandes grupos que portavam a bandeira nacional faziam “dancinhas”, gritavam contra a violência, pelo fim da corrupção e contrários aos representantes eleitos. A mídia tradicional demonstrava como eles deveriam se portar nas manifestações, condenando qualquer tipo de violência contra as instituições do Estado e do capital. A pauta principal imposta por ela: o fim da corrupção.

As oligarquias midiáticas conseguiram criar os novos manifestantes (fantoques pintados de verde e amarelo), agora os inimigos eram os manifestantes que reagiam a violência policial, ou seja, eram os “vândalos” que deveriam ser combatidos. A segunda interpretação destacada por Moraes (2018), ou seja, **a Plutocracia neoliberal-desavergonhada**, utilizou das mobilizações para criticar a governança da plutocracia neoliberal dissimulada vista anteriormente, ou seja, pelo governo petista. Buscou a criação de uma amálgama de anseios políticos eleitoreiros, visando canalizar a raiva da população ao partido que fazia parte da governança política na esfera federal em 2013, o PT (Partido dos Trabalhadores). Percebe-se que esse grupo também utilizou da argumentação de que as mobilizações não tinham motivo e nem pautas aparentes. No entender de seus integrantes, as manifestações eram atos de “vandalismo”, propiciados por organizações criminosas ou de setores da direita para enfraquecer o governo federal (centro-esquerda).

Essa interpretação possui diversos analistas, teóricos e atores e até mesmo posicionamentos políticos partidários diversos. Um dos fatos que corroboram a esta perspectiva pode ser atribuído ao pronunciamento da Presidenta Dilma Rousseff no dia 21 de junho de 2013, que aconteceu em nível nacional. Na ordem de seu discurso, elencou a

legitimidade do movimento, suas reivindicações e pautas foram exaltadas com muito fervor. Ademais, a presidenta constatou que se os movimentos e mobilizações de rua reivindicavam mudanças, que também deveriam fazer parte das instituições e do governo. Seguindo em seu discurso, a liderança máxima do país buscou controlar e persuadir os movimentos a deixarem as mobilizações, pois o recado, segundo ela, havia sido passado; utilizou de promessas político-eleitorais, visando a desmobilização dos atos. O discurso basicamente buscou acalmar ânimos exaltados, mas que pouco se consolidou. Como ressalta Moraes (2018, p. 76), “o petismo perdeu uma grande oportunidade de atender as reivindicações dos governados nas ruas e fazer uma revolução no país.”

Existiram também outros teóricos, como Marilena Chauí (CHAUÍ *apud* MORAES, 2018, p. 78) que buscou retirar a responsabilidade dos governantes pelos problemas brasileiros, ao mesmo tempo que ressaltou que estava tudo dentro dos conformes com a economia e com a política brasileira, não levando em consideração aspectos que se fazem extremamente importantes para interpretar a indignação das ruas, como o aumento desproporcional das tarifas do transporte público, entre outros. Surgiram também diversas discussões sobre a descrença ou descrédito do sistema político, dos partidos políticos e de seus representantes. Essa premissa causou diversas interpretações e elencamos duas que melhor descrevem estes debates. A primeira é de Musse *apud* Moraes (2018, p. 78) e alega que “estes movimentos serviram para desqualificar os representantes políticos e abrir caminho para os regimes autoritários.” Mas, segundo Moraes (2018, p. 78), “Musse ignorou o fato de que a crise da representação política era um fenômeno mundial nos anos antecedentes às jornadas.”, ou seja, a questão da desconfiança e descrença da representação política não foi uma criação de junho de 2013, muito menos dos veículos de mídia, mas sim um questionamento global.

Da perspectiva política, diversos atores desse grupo plutocrático buscavam explicitar que não era necessário realizar profundas reformas nos moldes de se fazer política e da representatividade brasileira. Sugeriram que apenas algumas reformas bastariam para solucionar estes problemas. Resumindo, os defensores dessa ala política institucional buscaram isentar o governo federal e o Partido dos Trabalhadores de responsabilidade, além de acusarem que as manifestações foram realizadas pela direita e seus grupos. Segundo Moraes (2018, p. 79), não se pode associar as manifestações à direita, pois: a) não faz parte da perspectiva da direita realizar enfrentamentos com a polícia, muito pelo contrário; sempre está atrelada às forças de repressão; b) a direita não ataca símbolos do capitalismo, como os

bancos e outras instituições; c) a destruição de ônibus e transportes públicos não condiz com o posicionamento da direita na destruição da propriedade privada; d) normalmente durante os confrontos com as forças de repressão a palavras de ordem era: **revolução**; e) os movimentos de junho de 2013 negavam a existência de líderes, diferente dos movimentos de direita que defendem uma sociedade hierárquica e autoritária com base na ordem; f) a direita não defende e nem levanta bandeiras acerca da liberdade sexual e de gênero, questões que foram bem visíveis nas jornadas. Esses são apenas alguns aspectos que colaboram com a discussão e rechaçam a hipótese de que as jornadas de junho de 2013 eram movimentos de direita ou organizadas pela direita

A terceira interpretação constitui-se da **Plutocracia neoliberal-conservadora-agressiva**. Foi um grupo que não possuía organização histórica, mas que a partir de 2014 ganhou força. Essa ala se compõe por muitos grupos ligados às igrejas católicas e evangélicas, assim como das forças de repressão do Estado, como a polícia militar, polícia civil e forças armadas. O principal receio deste grupo era de que mudanças sociais poderiam estar em curso, possibilitando alterações que a eles não interessavam, ou seja, alterar ou comprometer sua hegemonia ou posição. Foi este grupo que advogou por um golpe militar, pedindo até mesmo a volta do regime militar no Brasil.

O principal discurso desse pequeno grupo em 2013 foi voltado ao ataque à esquerda brasileira, acusando-a da realização de atos de vandalismo durante as manifestações, sendo que isso acontecia apenas em casos isolados por indivíduos que utilizavam de bandeiras, camisetas e acessórios de partidos institucionalizados da esquerda. O principal motivo era ganhar força política e jogar a população de encontro aos movimentos da esquerda e anarquistas, assim como de partidos institucionalizados. Os ataques mais incisivos e perceptíveis desse grupo eram voltados às alas mais radicais e anarquistas que propiciaram ataques a instituições capitalistas, privadas e a instituições financeiras, assim como a reação aos ataques efetuados pela polícia militar, buscando responsabilizar o Movimento Passe-Livre (MPL) e outros grupos combativos como principais responsáveis. Esse grupo passa a ganhar popularidade com uma pequena parcela da população e surgem suas principais reivindicações, como intervenção militar, sob o pretexto que essa seria a única forma de manter a ordem e as leis institucionalizadas.

Esse pequeno grupo começa a ganhar força devido à projeção da mídia corporativa, como afirma Moraes (2018), mas só passou a apresentar maior popularidade devido ao êxito das manifestações quando as autoridades políticas foram fortemente questionadas nas

paradas, nas mídias e nas redes sociais. Aponta-se, ainda, que um forte impulsionador desses grupos foram os *ThinksTanks*³⁴ patrocinados por grupo neoliberais e conservadores, que possibilitam o surgimento do MBL (Movimento Brasil Livre), e por setores ligados aos militares e igrejas evangélicas. Desses grupos, o que mais ganhou notoriedade foi o MBL, pois surgiu nas eleições seguintes com candidaturas de jovens que se diziam o legado das jornadas de 2013, propondo “mudanças” na política. Buscaram cooptar toda a participação popular e as reivindicações em causas próprias e de poucos grupos privilegiados da sociedade.

Os plutocratas neoliberais conservadores agressivos utilizaram como principal estratégia associar os adeptos da tática *black bloc* (BB) aos partidos da esquerda, como o PSOL (Partido Socialismo e Liberdade); os taxaram de criminosos, bandidos e que mereciam ser presos pelos crimes cometidos. Acusaram os *black blocs* de um movimento (sendo que este não pode ser considerado um movimento) ou coletivo sem propósitos, violento e criado pela extrema-esquerda para representar seus interesses e serem usados a seus benefícios. Um fato que cabe destaque e que diz respeito aos adeptos *black blocs* é que eles foram acusados de ambos os lados, tanto pela direita quanto pela esquerda, pois ambos os grupos buscavam deslegitimar o movimento e suas ações. Segundo Moraes (2018, p. 96):

O mais curioso foi perceber que os *black blocs* causaram uma celeuma entre esquerda e direita oficiais, materializada quando uma acusava a outra de estimular e compor os *black blocs*. Ambas precisavam acusar aqueles de preto, que destruíam os símbolos do capital e do Estado, tão defendidos por eles.

As ações realizadas pelos BB nas manifestações causaram ferimentos a poucos policiais, se comparadas à ação policial contra os manifestantes. Quem buscou taxar esses indivíduos de violentos tinha um claro interesse em construir narrativas que visavam deslegitimar os atos públicos e seus participantes, sem compreender que os BB apenas reagiram de forma proporcional aos ataques ocorridos, evitando por diversas vezes que manifestantes fossem atacados ou feridos sem motivo algum pelas forças de repressão do Estado. Destaca-se outra perspectiva do entendimento dos *black blocs*. Segundo Moraes (2018, p. 97), “para aqueles que inconscientemente ou conscientemente defendem a ordem instituída e a vida miserável naturalizada no capitalismo” deve-se existir grupos que fazem

³⁴São centros e institutos de pesquisa independentes, voltados para a produção e disseminação de conhecimento e ideias sobre temas como política, comércio, indústria, estratégia, ciência, tecnologia, ou mesmo, assuntos militares.

frente a essas atitudes desproporcionais e autoritárias; há de se esperar que existam grupos que lutam e almejam o fim desse Estado e se sua forma de se portar perante a população.

A quarta interpretação destacado pelo autor diz respeito a **Esquerda oficial institucionalizada** ou, segundo Moraes (2018, p. 66), “reformista”, ou seja, uma plutocracia vigente no momento dos atos e mobilizações de 2013. Enfatizamos que, por mais que esse grupo advogue por políticas sociais para os trabalhadores e as classes menos privilegiadas, ainda manteve a dicotomia entre governados e governantes, possuía característica mais libertária elencando proposições polêmicas e que faziam necessário o diálogo, como questões acerca da sexualidade, das minorias e dos direitos humanos, mas que deixou de lado questões importantíssimas, como a reforma agrária e previdenciária, que pudessem causar impactos profundos no que tange à justiça social e igualdade. Evidenciou-se que o processo de mobilizações de 2013 pode ser compreendido de duas formas antagônicas, como afirma Moraes (2018, p. 66):

a) positiva, pois colocou em xeque o governo (situação), aumentando as possibilidades de êxito eleitoral; b) negativa, pois o processo não foi dirigido por ela e não atendeu aos seus interesses eleitorais. A penetração social da esquerda oficial era bastante pequena, a verificar pelos seus votos nas últimas eleições nacionais de 2014.

Para além dessa visão, as práticas *black blocs* foram vistas com maus olhos e rechaçadas por esse setor. Como vimos anteriormente, também por outros grupos políticos, em que pese que o principal discurso da esquerda institucionalizada buscou atacar a legitimidade do movimento, afirmando que as passeatas/manifestações eram despolitizadas e iam contra o governo que se referia ao trato das camadas populares. O que pode ser questionada é a direção que o movimento seguia, mas não se pode questionar a politização que ocorria no interior dele. Antes do início de cada ato, eram realizadas assembleias pelo MPL para deliberações, perspectiva que veremos a seguir. Percebe-se aqui certo preconceito quanto às organizações horizontais. Sem uma vanguarda estabelecida, para esse setor a direção e a politização só ocorrem se o movimento tiver no comando um partido político marxista-leninista que se coloque como revolucionário.

Diversos partidos políticos que integram esse grupo passaram a debater o crescimento do profascismo durante os atos, mas deve-se levar em conta que isso não surge apenas na perspectiva de 2013; este é um espírito que ronda o imaginário brasileiro há muitos anos. De 2014 em diante esses movimentos ganharam mais força, apoio e proatividade de seus integrantes. A grande contribuição desse grupo foi a autocrítica e a autorreflexão propiciadas

aos partidos políticos, cuja crença e credibilidade passaram a ser questionadas pelos manifestantes, pois passaram a utilizar do movimento prevendo uma oportunidade eleitoreira. Dessa forma, buscaram tomar as rédeas das mobilizações. Como afirma Moraes (2018, p. 88), “oportunistas e que buscam apresentar-se como dirigentes do processo com vistas a capitalizar para efeitos eleitoreiros” acabam por legitimar o discurso da população quanto à descrença nos partidos políticos. Reitera-se, ainda, segundo Iasi *apud* Moraes (2018, p. 89):

O comportamento contra os partidos é compreensível, ainda que não justificados. Compreensível por dois motivos: as massas, graças a triste experiência petista, está cansada de partidos que usam as demandas populares para eleger seus vereadores, deputados e presidentes, que depois voltam as costas para estas demandas para fazer seus jogos e alianças para manter seus cargos; também acertadamente, não podem aceitar que certos partidos políticos pulem na frente de manifestações e movimentos para tentar dirigi-los sem a legitimidade de ter construído organicamente as lutas.

Outra questão ligada aos partidos institucionalizados era de que a voz de seus integrantes não podia destoar daquilo que era estabelecido pela direção do partido. Diversos partidos da esquerda passaram a ver os movimentos anarquistas, autonomistas, marxistas revolucionários como seus inimigos de classe. O que, por diversas vezes, apresenta contradições quanto às direções dos partidos e os fundamentos teóricos desses grupos, seja por não conhecer as principais teorias e práticas ou por ressignificação daquilo que é debatido.

Fora propalado por diversos grupos da esquerda institucional, segundo Moraes (2018, p. 89), que “os protestos não poderão prosseguir enquanto a esquerda oficial não detivesse a direção, pois o risco de a reação conservadora dirigir o movimento era grande demais”. Esse é um aspecto muito contraditório, pois, em vez de a esquerda integrar o movimento e buscar criar organicidade com os ativistas e manifestantes, ela passou a atacar e deslegitimar o movimento. Frente a isso, a esquerda institucional almejou colocar fim aos atos, enquanto não detivesse a direção do movimento, destacando que as mobilizações deveriam ficar nas mãos dos sindicatos, vociferando que as ruas necessitavam voltar a ser da esquerda, mas não buscou diálogo nem integração, muito menos consolidar o movimento em curso. Buscou desmobilizar, desarticular e depois construí-lo novamente a seu caráter - institucional, vertical e hierarquizado, diferente do que se apresentava na organização dos atos pelo MPL.

A quinta e última interpretação diz respeito aos **Setores revolucionários**, interpretação que nos importa com mais exatidão, pois se apresenta de forma mais

contundente até o dia 13 de junho de 2013. Devido a isso, nos ateremos com mais especificidade aos autores e suas análises. Segundo Moraes (2018, p. 67), esse grupo interpretativo pode ser dividido em dois. O primeiro tem cunho anarquista, ou revolucionário libertário, pois defende em seus pressupostos a autogestão do movimento, o fim do estado, o fim da dicotomia entre os governados/governantes e a utilização da ação direta como forma de superar os preceitos capitalistas. O segundo é a vanguardista, foi defendido por diversos coletivos e adotou a prática *black bloc*, demonstrando que as reações dos oprimidos eram decorrência das ações do opressor. Em grau e intensidade, esses coletivos negaram todos os governos, a forma da governança política, assim como os representantes políticos. Demonstrou críticas pontuais às diferentes esferas civis e governamentais, fez uso da ação direta, da propaganda pelo fato, da horizontalidade e combatividade dos manifestantes tanto na organização do atos quanto pelo seu empoderamento, visando o diálogo sem intermediários, defendendo de forma plena a liberdade de orientação sexual e demonstrou uma postura totalmente antirracista, “apontando inclusive para a autodeterminação dos povos.” (MORAES, 2018, p. 67). Segundo Moraes (2018, p. 68), “este grupo é formado exclusivamente por grupos marxistas revolucionários, não eleitores e de pequenos coletivos autonomistas e populares sem uma clara definição ideológica”. Buscam a total liberdade, o poder popular ainda que geridos por alguns representantes. Visam realizar uma revolução social (BAKUNIN, 2008; KROPOTKIN, 2007), prezam pela autoinstituição social (CASTORIADIS, 1982) ou pelo poder constituinte da multidão (HARDT e NEGRI, 2001) se utilizam da ação direta (MAKHNO, 2001; GELDERLOOS, 2011) para alcançar os objetivos citados acima. Segundo as análises e diversas interpretações, esses grupos não possuíam uma penetração nos aparelhos sindicais, verbas destinadas por partidos políticos, espaços nos oligopólios de comunicação e muito menos representantes políticos ou empresários para patrocinarem suas ações. O simples fato de existirem pressupõe uma grande vitória se comparados àqueles grupos institucionalizados.

Diante das questões analíticas, pode-se destacar que este fora o único grupo que apoiou na totalidade o levante popular, mesmo que demonstrasse questionamentos acerca de pontos bem específicos. Visaram não condenar os ataques em reação à violência policial, às instituições do estado, privadas ou financeiras, pois acreditam que a real violência é cometida por essas instituições cotidianamente. Sendo assim, não criminalizaram tais atitudes contra o patrimônio. Entenderam os confrontos com a polícia como autodefesa e autoproteção dos manifestantes, assim como exaltaram as pautas e as reivindicações propostas pelos

revoltosos. No campo de atuação desse grupo, pode-se destacar o Movimento Passe Livre (MPL) e a Mídia NINJA. Dentre os autores que integraram este grupo, pode-se destacar Bringel (2013), Vainver (2013), Ferreira (2015), entre outros que se ativeram a destacar importantes aspectos revolucionários e anarquistas presentes nas manifestações de 2013.

O MPL foi o movimento que impulsionou as manifestações de 2013, se posicionou de forma independente e se colocou contrário a diversas políticas adotadas pelos governos federais, estaduais ou municipais, inclusive quando se trata da questão do transporte público, principal reivindicação do movimento. Segundo Moraes (2018, p. 97), o movimento partiu da “negação da institucionalidade e de valorização da ação direta nas ruas, entendendo que somente essa faz a mudança política”. Adentrar-se-á com maior exatidão na perspectiva do MPL mais adiante no trabalho, mas cabe aqui destacar alguns aspectos, como o resgate que o movimento trouxe acerca das lutas contra o aumento das tarifas do transporte público no Brasil, o que isso motivou a reflexão e a constatação que a revogação dos aumentos de passagens se deu em função da ação direta (da ocupação da ruas).

O movimento denunciou também, em diversos momentos, que muitas entidades estudantis (aparelhadas por partidos políticos) buscaram cooptar o movimento e se vestiram de lideranças para negociar com o poder público, visando pôr fim aos atos, aceitando qualquer acordo - diga-se de passagem muito mal costurados - e buscando desmobilizar a população dos atos. (MPL; 2013, 2014). O MPL, desde sua criação, traçou estratégias e formas de luta com base na ação direta, pois percebeu e assimilou na práxis que a reversão do aumento das passagens é resultado das constantes mobilizações em horários específicos, que acabam deixando governantes e poderes institucionalizados de mãos atadas, assim como se percebe tal ineficiência e inabilidade e debates com grupos que apresentam descentralização organizacional. Esse grupo de teóricos também apresentou de forma positiva que as mobilizações serviram para demonstrar que outros modelos de cidades são possíveis, sejam elas do campo do transporte público, da habitação, do saneamento e de tantos outros modelos que foram suscitados para além do modelo neoliberal que vem sendo empregado há muitos anos no Brasil. Destacou, ainda, que este modelo neoliberal é um dos maiores geradores da marginalização, criminalização dos movimentos sociais e da degradação dos seres. Nesse contexto, “o surpreendente não é a explosão, mas que ela tenha tardado tanto a acontecer” (VAINER *apud* MORAES, 2018, p. 39).

Nessa perspectiva interpretativa, surgem discussões como a realizada por Bringel *apud* Moraes (2018, p. 99), que elenca questões acerca da das mobilizações de 2013. O autor

destaca a questão de duas miopias possíveis, sendo elas a miopia temporal presente/passado e a miopia política. Segundo Bringel *apud* Moraes (2018, p. 100), a miopia temporal se dá na valorização dos movimentos em que os militantes participaram mais ativamente do que aqueles que ocorrem no presente. Destaca-se, por exemplo, que as gerações passadas ou as mais antigas tratam os movimentos ocorridos na ditadura militar brasileira como mais importantes dos que ocorreram após a redemocratização. No presente, os militantes e manifestantes fazem uma leitura inversa, considerando tais mobilizações ocorridas ao longo de 2013 mais importantes do que aquelas antes da redemocratização. Bringel *apud* Moraes (2018, p. 99) afirma que existe um grave problema referente à memória histórica da população brasileira, principalmente na militância, que acaba por exaltar uma a desprezar ou diminuir a outra quando, na verdade, ambas foram importantes para a construção e consolidação de pautas e reivindicações legítimas e justas

No que diz respeito à miopia política, é o caso de buscar compreender a política apenas em sua dimensão político-institucional, “limitando as possibilidades de compreensão de reinvenção da política e do político a partir das práxis sociais emergentes” (BRINGEL *apud* MORAES, 2018, p. 100). O autor ainda possibilita a compreensão acerca da associação desses dois aspectos justificando a existência de uma miopia de resultados e que, segundo ele (2018, p. 101), “tende a restringir a interpretação das revoltas populares a impactos políticos no cenário eleitoral.” Da perspectiva do autor, é necessário abster-se de determinadas posições e preconceitos estabelecidos nas manifestações para melhor compreender e cristalizar as análises acerca dela.

Outro aspecto citado por Bringel *apud* Moraes (2018) não é sobre uma indignação a partido X ou Y, mas sim que as críticas mais contundentes foram direcionadas aos banqueiros, especuladores, ao sistema político representativo e a seus partidos representantes de modo geral. Para além dessa constatação, outro forte questionamento se acerca dos serviços públicos prestados, dos megaeventos como a Copa do Mundo (2014) e das Olimpíadas (2016), e em relação às desigualdades sociais, raciais, sexuais presentes no cotidiano brasileiro. O autor constatou o anseio dos jovens em terem uma vida ativa na política, visto que faltam espaços nas instituições para isso - e, quando existem, ainda não se agradam em relação a como são disponibilizados ou geridos para garantir efetiva participação.

Diante da possibilidade de tornar as ruas o espaço para a participação política plena dos jovens, deve-se buscar que as mobilizações nem sempre são controladas ou geridas por

organizações sociais e políticas tradicionais e que, devido ao emergir de “um novo tipo de ação política viral, rizomática e difusa” (BRINGEL *apud* MORAES, 2018, p. 100), as organizações tradicionais acabam por não conseguirem se organizar, comunicar ou compreender as mobilizações e por diversas vezes opondo-se a elas. Perante as formas de organização das manifestações, cabe destacar, segundo Hardt *apud* Moraes (2018, p. 101), que elas foram se delineando em torno da multidão. Dito isso, percebe-se que em vez de serem organizadas por partidos ou organizações, como era recorrente, e apresentando uma direção, um comitê centralizado, surge aqui uma das principais diferenças das manifestações de 2013 com relação às outras ocorridas no Brasil: elas foram se auto-organizando, conectadas horizontalmente em todo o território brasileiro. Logo, diferentes pautas e questionamentos foram surgindo. Não houve uma hegemonia nas manifestações. Isso não quer dizer que os movimentos que foram surgindo não buscaram impor suas pautas, mas sim que esses grupos não tiveram força suficiente para hegemonizar as pautas e reivindicações.

Na perspectiva de análise sobre quais foram os participantes que buscaram impor suas pautas, pode-se destacar os militantes dos partidos políticos eleitorais. Logo, os manifestantes que sofreram os maiores ataques das instituições políticas, intelectuais, etc, foram aqueles que bradavam “sem partido”. Ou seja, as manifestações deveriam ter partido sim e caberia ao partido político que tivesse mais poder de tomar as rédeas do movimento. Por outro lado, o principal intuito dos grupos que gritavam “sem partido” era de não estabelecer relações político-eleitorais. Há que ressaltar, no entanto, que foram muito questionados por grande parte dos partidos, muitas vezes tratados como ‘apolitizados’ ou ‘despolitizados’, quando o que realmente acontecia era a sensação de não pertencimento ou descrença nos partidos que se faziam presentes nas mobilizações, tanto da esquerda quanto da direita, o que vem, ainda mais, a legitimar quando os partidos eleitores, segundo Moraes (2018, p. 100), “carecem de legitimidade social ou mesmo da força popular”. A argumentação citada não pode ser compreendida com essa totalidade, pois existiam diversos grupos nacionalistas que rechaçavam com mais veemência os grupos políticos institucionalizados, se encaixando e protagonizando junto aos “sem partidos”, a fim de imporem suas pautas.

A imposição das pautas não se deu somente por grupos políticos, militantes e movimentos sociais, mas os próprios *black blocs* buscaram impor, por meio da propaganda, pelo ato e pelo protesto permanente. Afirma-se que, de certa forma, houve um cabo de força onde todos os lados propuseram pautas e bandeiras para serem ouvidos, vistos e percebidos de qualquer forma que fosse, tanto pela sua indignação e descontentamento pelos poderes

representativos ou institucionais. Teve-se a presença de ações mais enérgicas e outras mais sutis. Outra perspectiva que deve ser encarada com muita seriedade é referente ao posicionamento dos anarquistas, autonomistas e os marxistas revolucionários, pois, segundo Bringel *apud* Moraes (2018, p. 101), eles “tinham sim uma pauta e contrapuseram o tempo todo a dos partidos políticos eleitorais em todos os fóruns, e nas próprias ruas”.

Diante das interpretações sobre os atos públicos e as mobilizações ocorridas em junho de 2013, percebe-se os mais diversificados posicionamentos quanto à ocorrência do mesmo fato ou objeto. Pode se perceber, como afirma Moraes (2018, p. 101), “mesmo que por menores que sejam convergências entre as plutocracias, sejam elas dissimuladas, desavergonhadas e a esquerda oficial”, elas existiram. Ambas buscaram desqualificar o movimento, alegando que não possuía pauta e nem direção, assim como defenderam que esses movimentos vinham sendo dirigidos por grupos da esquerda ou da direita. Eles negaram por completo a participação da classe trabalhadora, sendo que ela se encontrava em grande número nos atos. Alegaram que essas mobilizações aglutinavam apenas os interesses da classe média. Diante as convergências acima citadas, Moraes (2018, p. 103) argumenta que estes grupos:

Buscaram desqualificar o movimento por uma pseudo-composição social/política: classe média, direita ou fascista, precariado - que sob o preconceito clássico marxista não pode ser revolucionário e tende mais a reação e por sua vez forma de organização: horizontal e descentralizada.

Esses dois grandes grupos de plutocracias (dissimuladas e desavergonhadas), assim com a esquerda oficial, defenderam a todo custo as instituições que formam o arcabouço do Estado burguês bem como seus símbolos. Essa defesa tem como base a compreensão de que ambos os grupos são concorrentes eleitorais, legitimando, evidenciando e enaltecendo as instituições e seus processos. Outra convergência que aparece entre estes dois grupos foi a celeuma criada pelos adeptos da tática *black bloc*, pois um grupo acusava o outro de serem os responsáveis pelos *black blocs*. De um lado, eram fascistas disfarçados; do outro, eram militantes da esquerda. Percebe-se a convergência de ambos os lados em se afastarem da figura dos *black blocs*, assim como buscaram criminalizar suas ações para imputar a culpa aos grupos políticos antagônicos com preceitos eleitoreiros.

Afirma Moraes (2018, p. 105) que “há muito tempo que as supostas direitas e esquerdas defendem a mesma bandeira, reduzindo tudo a uma disputa eleitoral, a uma questão de gestão”. É devido a isso que os políticos foram rechaçados nas manifestações

populares de 2013. Acima dessas convicções eleitorais, percebe-se também que a indignação popular quanto à dicotomia governantes x governados é devida à defesa das estruturas vigentes pelos dois grupos acima citados.

Essa parte do trabalho buscou contribuir de forma breve com as principais interpretações, teorias, assim como os diversos posicionamentos percebidos nas jornadas de junho de 2013. A seguir, tratar-se-á dos grupos que tiveram maior protagonismo quanto às mobilizações, como o MPL (Movimento Passe-Livre), a Mídia NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) e os adeptos das táticas *black bloc*, grupos que estavam e estão inseridos na perspectiva da quinta interpretação, ou seja, movimentos autônomos, pautados na autogestão e na ação direta, que encontram, nas redes sociais de modo geral, espaço para defender e divulgar suas premissas e ações.

2.2 O PROTAGONISMO E OS PROTAGONISTAS DE JUNHO DE 2013

As jornadas de junho de 2013 apresentaram diversificados atores, como vimos anteriormente, sejam partidos políticos, militâncias desses partidos, mídias de forma geral e a população, etc. Nos ateremos em dialogar e analisar com maior especificidade grupos, coletivos, ativistas e *ciberativistas* que se demonstraram protagonistas essenciais na organização, divulgação e traçaram estratégias de resistência no decorrer das manifestações, sendo que esses atos de resistência só foram necessários devido às ações e conflitos com a Polícia Militar. Dentre esses grupos, destacamos três fundamentais atores históricos e sociais, sendo eles: o MPL (Movimento Passe-Livre), o grupo midiático alternativo Mídia NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) e os adeptos da tática *black bloc*.

2.2.1 Um movimento revolucionário e descentralizado? Prazer, sou o MPL

Faz-se necessário, antes de adentrar na discussão acerca do MPL e de seu protagonismo e centralidade nas jornadas de junho de 2013, realizar uma breve contextualização histórica acerca da criação, estratégias, lutas e vitórias desse movimento. No contexto histórico brasileiro, diversas questões centrais da sociedade foram sendo tratadas como mercadorias. Com o transporte público não foi diferente. Diante desse contexto, diversos movimentos se organizaram para reivindicar pautas e forçar o debate sobre o sistema do transporte coletivo. Como negócio, o transporte público é extremamente lucrativo, mas

para a população, em grande parte classe trabalhadora e com poder aquisitivo mais baixo, acaba por se tornar um empecilho para o exercício de seu direito de ir e vir. Diante disso, a luta pelo transporte público, para que de fato seja público, se faz presente.

A criação do Movimento Passe-Livre (MPL) é resultado assintomático de uma sociedade estruturada na bonança de poucos em detrimento dos interesses coletivos de muitos. O MPL surge nesse contexto no ano de 2003, em Salvador/Bahia, onde reagiu ao aumento nas tarifas do transporte público. Foi no mês de agosto do mesmo ano que diversas manifestações se fizeram presentes nas ruas da capital baiana. Elas ficaram conhecidas como a *Revolta do Buzu*. No contexto dessa revolta aconteceram diversas mobilizações e atos públicos após o aumento da tarifa do transporte público municipal. As manifestações reuniram milhares de estudantes secundaristas e cidadãos. A partir de suas reivindicações, o movimento conseguiu algumas conquistas como o congelamento do valor do transporte público por um ano; meia passagem nos fins de semana, feriados e férias; e meia passagem para estudantes de cursos pré-vestibulares, supletivos e da pós-graduação. A *Revolta do Buzu* era constituída, segundo o MPL *apud* Maricato (2013, p. 14), de:

Estudantes secundaristas, que pulavam os muros da escola para bloquear as ruas em diversos bairros, num processo descentralizado, organizado a partir de assembleias realizadas nos próprios bloqueios[...] a *Revolta do Buzu* exigia na prática, nas ruas um afastamento do modelo hierarquizado; expunha de outra maneira, ainda que embrionária, de organização.

Alguns vídeos, especificamente o documentário criado por Carlos Pronzato, *Revolta do Buzu*³⁵, percorreram o Brasil, e foi a partir dos ideais e do sucesso do movimento que diversos comitês e coletivos passaram ser formados debatendo o passe-livre estudantil. Diante da repercussão e da organização desses coletivos pelo país afora, desencadeou-se, em 2004, a *Revolta da Catraca* na capital catarinense, Florianópolis. As mobilizações ocorreram entre 2004 e 2005 e conseguiram barrar o reajuste da tarifa em julho de 2004, que aumentava o preço da passagem em 8,8%. Os principais envolvidos nos atos eram estudantes das universidades e escolas da capital, que sofreram forte repressão policial.

Os manifestantes utilizaram-se da estratégia de protesto permanente, ocupando os terminais urbanos e bloqueando a passagem da ponte (ponte Governador Pedro Ivo Campos) que dá acesso à ilha de Florianópolis. Essas estratégias, aliadas, forçaram o poder público a revogar o aumento das tarifas naquele período.

³⁵Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dQASaJ3WgTA>>. Acesso em:20/04/2019.

Foram esses dois momentos que, segundo o MPL *apud* Maricato (2013, p. 15), serviram de base para a fundação do coletivo, pois a revogação do aumento na capital catarinense incentivou os coletivos a se organizarem em torno de um movimento social que luta “por um transporte autônomo, horizontal e apartidário, cujos coletivos locais, federados, não se submetem a qualquer organização central.”

Segundo o próprio movimento, ele se constitui como apolítico, é deliberado de baixo, por todos, em espaços que não possuem dirigentes, nem respondem a qualquer instância externa ou superior. Esse preceito foi muito bem percebido durante as manifestações de junho de 2013, pois todas as atividades que envolviam as mobilizações eram debatidas em grandes assembleias que aconteciam antes do início dos atos. Todas as pessoas que estivessem presentes na assembleia podiam utilizar o lugar de fala, desde que estivessem inscritas. Foi nessas assembleias que diversos partidos políticos tentaram utilizar o lugar de fala para tomar as rédeas do movimento. A principal questão é que toda sugestão e pauta era votada e essas tentativas caíram por terra.

A perspectiva acima destacada demonstra que as estratégias utilizadas pelo MPL transpuseram todos os moldes da organização estabelecida por outros movimentos sociais brasileiros: a organização era horizontal e a participação da população na discussão desses aspectos era ouvida. Pode-se afirmar que foi nessas assembleias que a população mais jovem encontrou espaço para uma ansiada participação política plena, diferente dos espaços até então propiciadas a esses jovens nos meios institucionalizados.

Adiante no histórico de criação do MPL, após os movimentos em Salvador e Florianópolis os coletivos em prol da gratuidade do transporte público foram se estabelecendo em diversas capitais e cidades brasileiras. Em 2005 o movimento foi definitivamente fundado no V Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, na Plenária Nacional pelo Passe-Livre. Após a fundação, já em 2006, o MPL realizou seu III Encontro Nacional, do qual participaram mais de dez cidades com seus coletivos, sendo este o primeiro encontro já com o MPL fundado.

Uma das principais táticas utilizadas pelo MPL são os bloqueios de ruas e avenidas nos horários de picos. Segundo o MPL *apud* Maricato (2013, p. 16),

A cidade é usada com arma para sua própria retomada: sabendo que o bloqueio de um mero cruzamento compromete toda a circulação, a população lança contra si mesma o sistema de transporte caótico das metrópoles, que prioriza o transporte individual e as deixa à beira de um colapso.

No contexto de 2013, o MPL passa a ter papel central quanto à organização das mobilizações acerca da redução das tarifas de transporte público. A seguir serão analisados alguns dados referentes ao aumento do transporte público, o que pode ser considerado como a mola propulsora para a criação de coletivos como o MPL.

Segundos índices do Nota Técnica -Tarifação e financiamento do Transporte público urbano do IPEA³⁶, publicados em 2013, de janeiro do ano 2000 até dezembro de 2012 a inflação teve um aumento de 125% e as tarifas do transporte público aumentaram 192%, ou seja, 67 pontos percentuais acima da inflação. Segundo a mesma pesquisa, o acesso ao transporte privado ficou mais barato devido às políticas que possibilitaram o acesso aos automóveis, ou seja, no transporte individual, enquanto as políticas sobre o transporte público tiveram poucos avanços, o que causou problemas ainda mais graves com relação à mobilidade urbana.

Tendo como base esses aspectos, a pesquisa demonstrou que os aumentos afetam as famílias brasileiras com menor poder aquisitivo, pois o gasto com transporte público responde por cerca de 13% da renda domiciliar, enquanto a média que inclui todas as famílias é de 3,4% da renda. Segundo diversos debates do MPL e outros movimentos, as consequências sobre esses aumentos impactam em três aspectos importantes: considerável aumento da evasão escolar, restrição ao direito de acesso à cultura e lazer e a concentração de riqueza nas empresas que atuam no transporte público. O Censo Escolar de 2015 demonstrou que 1,6 milhão de jovens de 15 a 17 anos estão fora da escola, apenas 56,7 % dos jovens brasileiros terminam o ensino médio na idade adequada e uma das principais causas desses números é resultado da distância do local de estudo, assim como a falta de transporte escolar. A realidade do ensino superior brasileiro não é diferente, os estudantes também são afetados pelo transporte público. Tendo em vista as condições e dificuldades com relação à permanência estudantil, muitos indivíduos deixam de concluir seu curso superior. Os custos com o transporte desses estudantes encarecem e pesam no orçamento, o que acaba por forçar o abandono.

Quanto ao direito à cultura e lazer, a participação em praças, museus, teatros e cinemas, que deveria ser acessível a todos os cidadãos, acaba privando e excluindo uma parcela da população desses locais, pois o custo do transporte público é um segregador social no acesso aos locais que disponibilizam tais serviços. Logo, o aumento da passagem do

³⁶ Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=18865. Acesso em 12/12/2017

transporte público restringe o lazer, a cultura e o acesso aos patrimônios históricos e culturais que são defendidos e garantidos na Constituição de 1988.

Com relação ao enriquecimento das empresas de transporte, em muitos casos elas detêm o monopólio da prestação desse serviço, apresentando concessões que duram muitas décadas. Os reajustes das tarifas possibilitam, por sua vez, a manutenção de tal monopólio. Afinal, são alicerçadas em subsídios públicos, oferecendo um transporte de baixa qualidade e com horários definidos não pela demanda, mas pelo desprendimento do valor para realizar o trajeto, sendo que isso gera superlotação e desconforto aos usuários, tornando os passageiros reféns deste serviço “público”.

Frente ao cenário econômico que envolve o aumento das tarifas do transporte público, pode-se elucidar que as jornadas de junho de 2013 - pelo menos em sua primeira fase, que consiste especificamente na pauta da redução das tarifas do transporte público - demorou a ter relevância. Diante das principais pautas que deram início às jornadas de 2013, a principal reivindicação foi pelo passe-livre para os habitantes das grandes metrópoles brasileiras, partindo da premissa de que transporte público deve ser de fato público e utilizado para a locomoção dos moradores da cidade, e não servir para enriquecimento das empresas e concessionárias que prestam tal serviço. Um dos fatores que deram a amálgama das mobilizações foi a busca pela revogação dos reajustes dos preços do transporte público que seriam implementados nos grandes centros urbanos. A luta pelo transporte público e contra os reajustes nos preços não é recente. Tem-se histórico de insatisfação desde os anos de 1879 e 1890, com a *Revolta do Vintém*, que ocorreu no Rio de Janeiro. Uma das pautas de luta era contra aumento de 10% das passagens dos bondes. A indignação e insatisfação se davam também quanto ao nível de desemprego, falta de moradia e baixas condições sanitárias. Para além da *Revolta do Vintém*, outro fato histórico ocorreu em 1979, em São Luiz, no Maranhão, que reuniu estudantes universitários decretando a paralisação das aulas e mobilizações em praças públicas, reivindicando o direito a meia passagem na cidade. Os atos se acentuaram após o aumento da passagem, houve diversos atos de depredação e forte repressão policial e, por fim, os estudantes alcançaram seus objetivos, a meia passagem era realidade.

No ano de 2013 ocorrem as manifestações pelo Brasil, inicialmente na cidade de São Paulo, que se espalharam por diversas outras cidades, mobilizações motivadas pelo aumento do preço da passagem do transporte público. Foram duas semanas de passeatas e protestos. Por fim, as cidades e governos recuaram e anunciaram a redução do valor do transporte público. As mobilizações continuaram reivindicando mais qualidade no transporte público e

outras pautas foram surgindo, como melhorias em serviços públicos, como educação, saúde e o uso de dinheiro público na organização de grandes eventos (Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro), perspectivas que não adentraremos, pois o foco do trabalho é permanecer no primeiro momento das mobilizações, ou seja, até o dia 13 de junho, pois compreende-se que após esse dia surgem novas pautas, novos atores, etc.

Os movimentos sociais como o MPL são tratados, do ponto de vista teórico (PESCHANSKI e MORAES, 2013, p. 121) como movimentos reativos e propositivos. Considera-se, assim, o MPL como um movimento híbrido. Desse modo, as correntes sociológicas atualmente buscam compreender os movimentos sociais sem uma visão de transformação, ou seja, analisando somente o porquê de as pessoas decidirem lutar. Os autores compreendem que “sempre há motivos para lutar, nesse sentido, o que importa é analisar em que medida alguns desses motivos se tornam pautas reivindicatórias e outras não” (PESCHANSKI e MORAES, 2013, p. 112), bem como quais formam a capacidades de organização e qual foi o contexto político e social que levaram a tais manifestações.

Parte-se do princípio que os movimentos reativos estão reagindo a alguma tomada de decisão do meio político, que reverbera em ações sociais, econômicas e culturais. Segundo Peschanski e Moraes (2013, p. 118),

Definem-se por responderem a mudanças no sistema de relações sociais-fatores ambientais. Geralmente, tais grupos surgem a partir de uma articulação relativamente desorganizada, que se potencializa à medida que ocorrem eventos que estimulam a mobilização e se inibem assim as condições externas que se modificam.

Por esse aspecto, e com algumas ressalvas acerca da argumentação referente à desorganização, as manifestações de junho 2013 surgem com uma pauta específica, ou seja, o questionamento do aumento das tarifas do transporte público, e com uma adesão relativamente grande, e após alguns eventos desencadeia atos e mobilizações gigantescas. No entender dos autores, as pautas propositivas são aquelas em que os movimentos sociais propõem determinadas ações. Segundo Peschanski e Moraes (2013, p. 118),

São de outro tipo. Fundamentam-se em uma proposta de transformação, de escala variável, e tal proposta tem caráter explicativo da mobilização. Essas lutas têm, assim como as reativas, o elemento de diagnóstico crítico da realidade, mas, diferente destas, oferecem uma alternativa.

Desse modo, o MPL, segundo Peschanski e Moraes (2013, p. 112), é considerado um movimento híbrido, pois ao mesmo tempo que reage ao aumento das tarifas do transporte público, se constituindo reativo, é propositivo, pois propõe o passe-livre para os cidadãos que usam o transporte público, buscando efetivar que esse serviço seja tratado como público e não como mercadoria. Da perspectiva propositiva, articulam-se para além do descontentamento gerado no momento presente, a fim de apresentar uma alternativa às estruturas impostas e que por diversas vezes ocorrem a partir das tomadas de decisões políticas, impactando a economia, a sociedade e o meio ambiente de modo geral.

Os próprios atos organizados por movimentos propositivos, como no caso do MPL, híbrido, surgem por alguma reação. O simples ato de manifestar acaba por consolidar sua perspectiva propositiva, pois visa consolidar uma alternativa, da mesma forma que acaba por divulgar suas proposições às esferas civis, políticas, organizadas ou não da sociedade. O MPL, nas jornadas de junho de 2013, surgiu com um ímpeto propositivo que visava a transformação (ainda que dadas as circunstâncias utópicas) das diretrizes do transporte público urbano.

Destaca-se, ainda, que o MPL estava nas ruas com movimentos que eram contraditórios, o que causou grande confusão política. Os governos federal e estadual não souberam lidar com as manifestações que se apresentavam inicialmente horizontais, pois o Estado, de modo geral, só teve experiências com movimentos que se constituíam de forma verticalizada, ou seja, com lideranças estabelecidas e essas que se sentavam à mesa de negociação. Outra questão perceptível foram as inúmeras propostas e pautas pelos movimentos de junho de 2013, o que causou o atordoamento das forças políticas institucionalizadas e as impediu de dialogar com o movimento.

No princípio de junho de 2013, as pautas se conectavam em torno do transporte público. Na manifestação do dia 6 de junho de 2013, cerca de quatro mil pessoas estavam nos atos em São Paulo; em 17 de junho do mesmo ano já eram mais de 300 mil pessoas. Nos dias que se seguiram, foram sendo registrados atos públicos em mais de 120 cidades brasileiras, contabilizando mais de um milhão de pessoas. “As pessoas estavam insatisfeitas e coube a MPL, canalizar estas insatisfações” (PESCHANSKI E MORAES, 2013, p. 120).

Pode-se constatar que, devido ao grande número de manifestantes, as reivindicações ganharam maior amplitude em 2013. Muitas cidades registraram manifestações, logo, as pautas e ideias foram desde as revolucionárias e libertárias às mais conservadoras e intervencionistas (militar). Quando se trata de milhares de manifestantes numa determinada

cidade ou região, as pautas ficam mais próximas e coesas. Mas, com o aumento do número de participantes e dos locais onde ocorrem, a coesão vai se perdendo. Diante disso, Peschanski e Moraes (2013, p. 120) destacam que houve dois níveis de disputas dentro dos protestos:

Os níveis são: 1) das mobilizações sobre o que queremos de nossa sociedade e para o Estado; 2) dentro dos próprios protestos. Os protestos romperam com um pacto de silêncio da política brasileira. Até então não se discutia com tamanha amplitude o projeto de país.

As ações tomadas institucionalmente no país partiam, em sua maioria, de estudos técnicos, o que por conseguinte não levava em consideração as perspectivas populares de como tal ação deveria ser tomada. O MPL encabeçou as jornadas de junho em três manifestações em São Paulo, antes delas ganharem magnitude nacional. Essas três mobilizações ocorreram sob forte repressão dos órgãos de segurança. Foi no dia 13 de junho de 2013, que seria o Quarto Grande Ato contra o aumento, que ocorreu a maior indignação na população devido à força excessiva e à violência policial, o que desencadeou um processo de mobilização nacional e aquilo que até então se limitava às capitais se espalhou por muitas cidades brasileiras.

A principal análise dessas primeiras manifestações acendeu o debate de que o MPL não estava lutando apenas contra o aumento da tarifa, mas a favor de um modelo de transporte público, justo e acessível a todos, o passe-livre para a população. O MPL não estava se colocando apenas como movimento reativo ao aumento das tarifas, mas sim como propositivo, buscando alternativas para solucionar os problemas do transporte público.

Em grande parte, a proposição do passe-livre, mesmo que possa parecer utópica do ponto de vista estatal, com o simples fato de ser colocada em debate e apresentada ao Brasil, durante junho de 2013, demonstrou que é uma ideia, uma opção a ser debatida. Por mais que ela não foi implementada, se demonstrou como uma alternativa possível, que pode e deve ser debatida e articulada.

Para além do MPL expor esta proposição para a sociedade brasileira, Peschanski e Moraes (2013, p. 120) afirmam que ele demonstrou “a repressão com a qual novas ideias - por mais que intuitivamente concretizáveis - são recebidas, fragilizou o pacto de projeto de país”. Para além disso, os autores (2013, p. 121) compreendem que, com esta exposição,

Abriu a caixa de Pandora. A proposta, desejável e viável do MPL, legitimou a aparição pública e desavergonhou um conjunto de outros grupos e indivíduos.

Manifestaram-se grupos populares das periferias, novos caras-pintadas, núcleos de direita contra direitos humanos, entre outros.

Diante dessa perspectiva, as manifestações se tornaram arenas de disputas do projeto de país. Grupos heterogêneos, diversificados, a mídia tradicional e as esferas da sociedade civil organizada ou não, segundo Peschanski e Moraes (2013, p. 121),

Que dependem de alguma capacidade de traduzir de maneira coerente e coesa, os acontecimentos, foram incapazes de dar conta dos protestos. A mídia ficou estupefata; as organizações sociais tradicionais atordoadas. O modo de massificação dos protestos se deu mesmo por redes informais, especialmente as eletrônicas.

A mídia ficou tão distante e confusa com as manifestações que seus jornalistas passaram a deslegitimar antes mesmo de entender o que estava ocorrendo. Isso resultou na expulsão da mídia dos atos e seu rechaço por parte dos manifestantes. A mídia precisou recorrer às agências de mídia alternativas para propor matérias, e dependia das imagens e vídeos capturados destas agências. Dessa forma, viu a necessidade de buscar nas redes sociais a notícia, ou seja: as redes passaram a pautar as reportagens da mídia tradicional. Diante disso, discutiremos sobre como as redes e as agências de mídia independentes foram protagonistas nas jornadas de junho de 2013.

2.2.2. Novos protagonistas em junho de 2013: a Mídia Ninja e os adeptos da tática *black bloc*

Durante as jornadas de junho de 2013, um dos grupos midiáticos que mais se destacou foi o Mídia NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), o qual faz parte de um movimento de midialivristas. A Mídia NINJA surgiu por causa das experiências de comunicação do coletivo intitulado *Fora do Eixo*, que atua em rede e está espalhado por diversas cidades brasileiras. A premissa da criação da Mídia NINJA surge a partir do momento em que os intermediários da mídia tradicional impossibilitaram a divulgação de novas ideias e práticas. Pode-se afirmar, segundo Carlos (2015, p. 51), que “a grande mídia perdeu-se na confusão de ideias, foi hostilizada pela massa e então, eis que surge – para muitos -, e ganha visibilidade, a Mídia Ninja, acolhida por parte dos manifestantes como símbolo de um novo jornalismo”. Antes mesmo da fundação da Mídia NINJA, diversas outras iniciativas já vinham sendo desenvolvidas no Brasil acerca de congressos, fóruns

(Ciranda da Informação no Fórum Social Mundial) e outros eventos tendo como principal foco o debate da mídia alternativa em contraposição à mídia tradicional.

O coletivo *Fora do Eixo*, anos antes da iniciativa NINJA, já havia realizado diversas experiências e práticas acerca de cobertura multimidiáticas em tempo real, utilizando de fotos, imagens e vídeos para cobrir aquilo que por muito tempo foi esquecido, se é que um dia foi lembrado, pela mídia tradicional. Essas experiências foram se organizando pelas redes e possibilitaram a criação de um projeto de mídia independente e diferente de tudo aquilo que já havia sido realizado no Brasil.

Pode-se elencar como principal motivo da Mídia NINJA ter ganhado tal repercussão durante as manifestações de junho de 2013 o fato de que, logo após o início das mobilizações, os grupos corporativistas da mídia tradicional brasileira passaram a deslegitimar, rechaçar, ofender e a tratar os manifestantes como “vândalos” e “baderneiros”. O posicionamento adotado por essas corporações midiáticas rendeu a elas depreciação e descrédito, maior do que já possuíam perante os manifestantes. Tanto que esses grupos televisivos eram hostilizadas e por vezes expulsos das manifestações, assim como algumas emissoras tiveram seus carros incendiados. Diante desse cenário, as imagens feitas pela mídia tradicional eram gravadas de helicópteros ou de cima de prédios e construções, evitando o contato com os manifestantes. Mas gravações de “dentro” das manifestações não aconteciam por esses órgãos de imprensa. Foi nesse momento que a Mídia NINJA começou a se destacar por suas transmissões em tempo real e ao vivo de “dentro” das manifestações.

Na perspectiva da transmissão das manifestações, era interessante perceber que devido ao uso de plataformas de *livestreaming* (que possibilitavam transmissões ao vivo, como a *Twitcam* do *Twitter*), ao mesmo tempo que os internautas eram informados sobre as ações e os fatos que aconteciam nas manifestações, eram também produtores de conteúdo, informando aos outros manifestantes sobre possíveis confrontos e excessos da PM, dicas para se proteger ou diminuir os efeitos gás lacrimogêneo, ou quais eram pontos e locais seguros para se abrigar dos ataques da polícia, entre outras informações.

A mídia NINJA, segundo Bentes *apud* Malini e Antoun (2015, p. 15), “fez emergir e deu visibilidade ao ‘pós-telespectador’ de um Pós-TV” nas redes sociais, com manifestantes que participavam ativamente dos protestos, discutindo, criticando, estimulando, observando e intervindo ativamente nas transmissões em tempo real. Isso demonstrou ainda mais a força das mídias alternativas, pois possibilitou ao cidadão participar ativamente da produção do conteúdo. Perspectiva essa que se intensificou a partir de 2013 pela própria mídia

corporativista, obviamente com ressalvas e com o conteúdo revisado, passando por filtros antes de entrar nas transmissões, diferentemente do que acontece na mídia alternativa, que é em tempo real, não usando filtragem e evitando ao máximo distorções.

O cenário atual se apresenta de maneira que as imagens vêm dispensando cada vez mais as narrativas criadas acerca do que está sendo mostrado. Esse é outro argumento que podemos utilizar para compreender a centralidade que mídias alternativas tiveram durante as jornadas de junho de 2013, pois as reportagens realizadas pelos grupos midiáticos tradicionais eram interpretações e narrativas, criados diversas vezes para distorcer os fatos. Contrapondo as transmissões da mídia tradicional, as *lives* da Mídia NINJA não contava com repórteres, entrevistando ou criando narrativas; simplesmente transmitiam as imagens, os sons, para que as pessoas que estivessem na frente de seus computadores nas residências pudessem tirar suas próprias conclusões, sem ter interferência e influência de determinadas narrativas. As transmissões também alcançavam quem estava nos atos, acompanhando pelos *smartphones*. Assim, poderiam se precaver de possíveis ações policiais. Podiam também produzir conteúdo como *lives* e demonstrar para a sociedade como estavam sendo tratados pelos órgãos de repressão estatal.

Nesse contexto a Mídia NINJA começa a ter centralidade, pois, como muitas agências de notícias não podiam estar “dentro” das manifestações, começaram a buscar conteúdo nos coletivos de mídia alternativa e redes sociais, cujas principais pautas, imagens e vídeos seriam apresentados em telejornais diários. Como a mídia tradicional passou a utilizar os vídeos captados pelos coletivos de mídias alternativas, comparando-os em seu formato de exibição dos telejornais e através dos comentaristas de seus programas, podemos encontrar incongruências, em que as imagens eram utilizadas fora de contexto para a criação de narrativas tendenciosas, beneficiando os interesses das corporações midiáticas tradicionais. Desta forma, destaca-se o motivo pelo qual as pessoas passaram a acompanhar as *lives* alternativas em vez dos telejornais tradicionais.

Outra proeminência presente nas transmissões da Mídia NINJA e que suscitou diversas discussões é, por exemplo, demonstrar o que mídia tradicional fez questão de esconder aos olhos dos telespectadores, como o caso da atuação da polícia militar. As mídias alternativas visaram demonstrar os excessos da PM, a fim de proteger os manifestantes durante os atos, pois essas imagens gravadas seriam a possibilidade de identificar os agentes policiais que agiram de forma desproporcional. Diante da possibilidade de identificação, as corporações policiais passaram a enviar as tropas de choques, cavalaria, etc, sem crachá de

identificação, assumindo claramente o posicionamento de cometer excessos a mando do Estado.

Os excessos foram muitos. Até mesmo membros da imprensa que estavam devidamente identificados com coletes e crachás foram atacados pela PM, como é o caso da jornalista de *Folha de São Paulo*, Giuliana Vallone, que foi atingida no rosto por um tiro de bala de borracha no ato do dia 13 de junho de 2013, quando se constatou a maior repressão policial das jornadas. Esse é apenas um dos ataques à imprensa; existiram muitos outros, inclusive com maior intensidade, sobre os coletivos de mídias alternativas.

Em junho de 2013, tivemos algo inexistente se tratando de mobilizações das ruas: a cobertura para além dos meios tradicionais. Não é exclusividade da Mídia NINJA, mas muitos outros coletivos de mídias alternativas se fizeram presentes nos atos. Ficou evidente, durante as jornadas, diversas pessoas fazendo o uso dos *smartphones* e transmitindo em tempo real a sua visão das manifestações, demonstrando aspectos que consideravam importante, exibindo na rede um recorte ou representação da realidade e que deveria ser compartilhado com outras pessoas.

Durante as jornadas de junho de 2013, realizando buscas no *Twitter*, pelas *hashtags* *#passelivre*, *#contraoamento*, *#vempraru*, *#changebrazil*, *#tarifazero*, *#indignação*, *#occupySP*, entre outras, era fácil encontrar o *twitcam* de manifestantes demonstrando os momentos, as atitudes, os atos, os gritos de ordens e as contradições presentes nas ruas. Os próprios manifestantes, para além de meros consumidores das informações, passaram a produzir conteúdo, a demonstrar sua indignação, aglutinando ainda mais participantes nas manifestações que seguiriam nos próximos dias; amigos, seguidores, curiosos e pessoas que também passaram a se sensibilizar pela causa, pelas disputas e pelos conflitos desproporcionais que aconteciam entre os manifestantes e a polícia.

Diante das transmissões (*lives*) e do descrédito em que caíram as mídias tradicionais e corporativas, as informações, a organização do movimento, as pautas, as causas e diversas outras informações não eram mais acompanhadas pela televisão, dotadas de distorções, desconhecimento e confusão, mas sim pelas redes sociais, pelos usuários, que passaram a ser produtores de conteúdos e consumidores do conteúdo de seus pares. Com o protagonismo das mídias alternativas, novas discussões surgiram ou antigas discussões foram requeentadas, como o posicionamento da mídia alternativa e a tradicional. Outro aspecto que se destacou e impulsionou o diálogo é o fato de as mídias alternativas serem produtoras de contracultura,

ou da divulgação de produções, matérias e artes que não tinham espaço nas grandes corporações midiáticas.

Para além do surgimento da Mídia NINJA, temos a proeminência e o uso de novas táticas no contexto brasileiro, a tática *black bloc* (*BB*). Destaca-se que foi a primeira vez que esse tipo de estratégia foi utilizado com tanta intensidade no Brasil. O termo *black bloc*, assim como as táticas utilizadas por estes indivíduos, suscitou muitas discussões, incertezas e inverdades. Acredita-se que a tática *BB* surgiu em meados dos anos 1980, na Alemanha, quando houve um chamado para os grupos de esquerda e anarquistas à participação nas mobilizações no dia 1 de maio de 1980, em Frankfurt. Esses grupos se denominavam “autonomistas”. Esses indivíduos participaram de tal evento vestidos de preto, utilizando máscaras, capacetes e óculos com o intuito de ocultar sua identidade, constituindo-se como um bloco preto, denominação dada pela imprensa alemã da época.

O uso das táticas *BB* se deu no âmbito do combate a grupo nazifascistas, assim como em confronto com a polícia. Os grupos antifascistas tiveram de utilizar táticas de guerrilha urbana para proteção de seus membros, ou seja, deve-se entender os *black blockers* como indivíduos que fazem o uso de diversas táticas, a fim de preservar sua integridade física, ao mesmo tempo que utilizam dessas táticas para demonstrar insatisfação com o contexto político e socioeconômico da sociedade.

As táticas *black blocs* são descentralizadas, ou seja, não possuem nenhum tipo de liderança, assim como suas pautas e ações são heterogêneas. Dentro do grupo há pessoas mais radicais, que promovem a destruição dos símbolos do capitalismo, como bancos, grandes redes de varejos, instituições estatais, etc. Preceitos que surgem com a luta anticapitalista em meados dos anos 1990 e início dos anos 2000. Existem também grupos mais moderados que usam das táticas *BB* somente para autoproteção e de seus pares.

As ações que surgiram a partir dos anos 1990 têm origem nos EUA. Em 1999, quando, em uma grande manifestação em Seattle contra a Organização Mundial do Comércio (OMC), que muitos teóricos consideram como o marco do início do movimento antiglobalização contemporâneo, houve grande presença dos adeptos das táticas *black blocs*. Já nos anos 2000, durante uma reunião do FMI (Fundo Monetário Internacional) e do Banco Mundial em Washington-DC, novamente adeptos das táticas *black blocs* foram às ruas, o que resultou em diversos confrontos com a polícia. Em 2001, em Gênova, na Itália, durante a cúpula do G-8, houve diversos atos com o uso das táticas *BB*, onde ocorreu a morte de um adepto, atropelado por uma viatura policial.

A partir dessas ações, as táticas *BB* passaram a ganhar adeptos e ativistas em muitos países. Percebe-se que esses grupos de indivíduos são formados por poucos integrantes e as manifestações ou performances, como os adeptos as chamam, possibilitaram visibilidade para as suas contestações e pautas de lutas. Diante dessas premissas é que surgem os adeptos das táticas *BB* em junho de 2013, no Brasil, especificamente em São Paulo. O grupo, segundo Solano (2014), contava com aproximadamente 40 integrantes que despertaram o medo e a incompreensão por grande parte da população, assim como pela mídia.

Não cabe aqui o julgar se estas táticas eram certas ou erradas, se tiveram efeito positivo ou negativo durante as manifestações, mas faz-se necessário compreender e analisar esse movimento presente nas jornadas de junho de 2013 devido à sua participação, assim como ao seu ineditismo no Brasil. Não é de impressionar que eles aconteceram, mas sim o porquê de não terem acontecido anteriormente. A primeira participação dos adeptos da tática *BB* foi na manifestação do dia 13 de junho de 2013, em São Paulo. Esse é um dia de extrema importância para as mobilizações de junho, pois neste dia houve uma ação violenta da polícia. A partir dessa data, a presença dos grupos *BB* se intensificou. Até então, segundo Solano (2014, p. 42), “não haviam relatos ou usos das táticas”.

Solano, em entrevistas (2014, p. 43) com integrantes da tática *BB*, demonstra que os pressupostos desses grupos surgem com ideias anticapitalistas internacionais, mas se aproximaram ainda mais das pautas e reivindicações locais, como é o caso brasileiro. Os ideais anticapitalistas estavam presentes no Brasil, pois o aumento das tarifas do transporte público está diretamente ligado ao capitalismo e, localmente, no entender dos adeptos, é uma causa mais que justa a se juntar.

As táticas *BB* podem ser compreendidas em dois momentos específicos, como explicita Solano (2014, p. 45). No primeiro momento, eles são a linha frente das manifestações; esses grupos não convocaram as manifestações, mas foram responsáveis pela proteção dos manifestantes em conflitos com a polícia. Devido a isso andavam à frente das manifestações. Em caso de conflito, utilizavam suas táticas para retardar a ação policial, ganhando tempo para os manifestantes que vinham atrás se dispersarem ou se protegerem.

O segundo momento das táticas *BB* se dá com a ação direta, ou seja, ataques aos determinados símbolos que fazem referência aos problemas estruturais, desigualdades e violências cometidas pelas entidades públicas ou privadas. Essa ação direta dos adeptos não é compreendida como violência, como as mídias buscaram rotulá-los. Para eles, violência é aquilo que o Estado comete nas periferias, violência é falta de educação, saúde. As condições

impostas à população são uma violência. A depredação de patrimônio público, para os adeptos do *BB*, não seria uma transgressão, pois não agride de forma alguma a integridade física e moral de um indivíduo.

Os adeptos do *BB* tinham como um dos principais alvos as instituições privadas, sendo eles bancos, redes varejistas, instituições financeiras, entre outros. O ataque a essas instituições é uma forma de demonstrar sua indignação quanto aos preceitos capitalistas que geram injustiça e desigualdade, sentimentos que remontam aos atos anticapitalistas dos anos 1990 e 2000. Os *black blockers* veem esses ataques como performances, pois, como compreendem, é uma forma de demonstrar seu descontentamento com a sociedade e pelo regime hegemônico do capital.

Durante as jornadas de junho de 2013, grande parte dos partidos políticos e os oligopólios das comunicações disseminavam narrativas dos *black blockers* como “baderneiros”, “vândalos”, e passaram a rotular como manifestantes de “bem” aqueles que participavam de forma pacífica e os manifestantes do “mal” os *black blockers*.

Os partidos políticos tentavam de todas as maneiras colocá-los nos partidos opostos à sua ideologia: para a esquerda eram fascistas, para a direita eram grupos patrocinados pela esquerda. Percebe-se que o principal erro tanto dos partidos políticos, do Estado, das forças de repressão, dos oligopólios da mídia tradicional, foi taxar anseios e a existência do movimento antes de conhecê-lo. Essas esferas passaram a criar juízo de valor acerca das ações dos adeptos do *BB*, o que criou ainda mais desconforto nas manifestações.

Deve-se afirmar, porém, que nem todas as manifestações de junho de 2013 tiveram confrontos entre a PM e os *black blockers*. Em diversas manifestações eles não agiram realizando suas performances de ataque aos patrimônios públicos e privados; já em outras, os conflitos se iniciaram porque as ações da PM foram desproporcionais ao conter os manifestantes. Deve-se destacar, ainda, que como os adeptos não possuem lideranças, e derivam de diversas correntes teóricas, sejam eles marxistas revolucionários, anarquistas, etc., não existe homogeneidade entre os adeptos. Pode-se dizer que eles são mais heterogêneos que homogêneos.

Existem grupos voltados à defesa dos manifestantes e aqueles mais radicais, adeptos da ação direta. A principal questão que deve ser compreendida é que isso gerava confrontos constantes, pois, ao acontecer a ação direta, a polícia entrava em ação e visava conter os manifestantes com violência, o que desencadeava a ação dos que prezavam pela segurança dos manifestantes. Quando a polícia atacava os manifestantes, o quebra-quebra do

patrimônio começava como resposta e mudava o foco da PM (Polícia Militar): dos manifestantes que não eram adeptos para os *black blockers* da ação direta, ou seja, era uma via de mão dupla a participação dos adeptos *BB* nas manifestações.

Cabe destacar aqui que houve excessos por parte dos integrantes da tática *black bloc*, como a agressão do coronel da Polícia Militar Reynaldo Rossi Simões, com o adendo de que a agressão não ocorreu em junho de 2013, mas em outubro de 2013. Outra questão impactante e que gerou questionamentos e discussões acerca da tática *black bloc* foi a morte do repórter cinematográfico Santiago Ilídio Andrade, ocorrido no Rio de Janeiro em 10 de fevereiro de 2014, após ficar quatro dias internado depois de ser atingido por um rojão disparado por dois adeptos de táticas *BB*. Ambos acontecimentos ocorreram posteriores a junho de 2013.

Visando compreender melhor os adeptos da tática *BB*, deve-se buscar entender quais eram suas intenções e perspectivas. Os adeptos do *BB* são, em sua grande maioria, jovens que, segundo Solano (2014, p. 51), “convergem para o *black bloc*, adolescentes desde os quatorze anos[...] até adultos na faixa dos vinte, trinta anos, vários deles pais e mães de família com crianças pequenas”. O nível de escolaridade dos adeptos também é muito diversificado: vão de estudantes de universidade federais, particulares de médio ou baixo reconhecimento, trabalhadores e estudantes de escolas públicas das regiões centrais da cidade e das periferias. Solano (2014) destaca ainda que os adeptos que tiveram maior continuidade e estavam mais engajados nas táticas *BB*, ou seja, se fosse traçar um perfil dos adeptos seriam:

Os filhos da “classe C”, classe consumidora, que começou a ter poder de compra depois do lulismo. Jovens cujos pais viveram uma situação econômica complicada, mas que eles (os jovens) puderam ter acesso à universidade (geralmente particular) trabalhando para pagá-la ou aderindo aos programas como o Fies ou o Prouni. (SOLANO, 2014, p. 51-52)

Após explicitar um movimento social que teve centralidade e protagonismo em convocar, organizar e dar direção às manifestações que lutavam pela redução das tarifas do transporte público, o MPL adentrou na história recente dos coletivos da mídia alternativa que cobriram as manifestações e que foram centrais na divulgação e cobertura das manifestações, a Mídia NINJA. Deve-se questionar o quê este movimento social, este coletivo alternativo de mídia e os adeptos da tática *black bloc* têm em comum. Pode-se dizer que todos encontraram nas redes sociais um espaço fértil de diálogo, organização, proliferação de informações, trocas de experiências ou até mesmo um território formado de múltiplas camadas que canalizaram indignações, esperanças e anseios.

A partir desse espaço/território é que vemos o surgimento de um movimento com uma demanda específica acerca da redução das tarifas do transporte público, mas que canalizou diversas reivindicações, suscitou narrativas diversas, posicionamentos políticos diversos, mas também preconceitos e formas de pensar que impactam uma parcela da sociedade até os dias atuais. Dentro desta perspectiva, faz-se necessário compreendermos o poder que as redes sociais tiveram e têm no imaginário e cotidiano das pessoas; não somente as redes, mas também como as ruas se correlacionam com as redes, percebendo isso como uma via de mão de dupla, onde as trocas se dão em ambas, uma influenciando a outra. A seguir, será analisado o poder das redes nas ruas e as ruas nas redes, ou até mesmo o real e o virtual, o presencial e o distante, mas conectado.

2.2.3 O poder das redes nas ruas e vice-versa em junho de 2013

Atualmente, não podemos compreender a sociedade de forma dualista, pelo menos quando se trata da perspectiva dos usos das redes sociais. Durante muito tempo compreendeu-se a sociedade como uma camada e a internet como outra, dissociadas. Deve-se, acima de tudo, buscar compreender, segundo Bentes *apud* Malini e Antoun (2013, p. 11), que essa é uma premissa ultrapassada de:

Analisar as conexões entre o mundo digital e analógico, as redes digitais e a multidão nas ruas, a linha que conecta a contracultura[...] a cultura digital, o ativismo hacker, as narrativas midialivristas, as demandas por governança, a democracia participativa, o fim da cultura do segredo.

Faz-se necessário compreender a relação estabelecida entre as ruas e as redes, que não apenas conectam pessoas, mas que imergem, atravessam, permeiam os seres humanos, cidadãos e indivíduos em relação constante com o outro. Segundo Bentes *apud* Malini e Antoun (2013, p. 10), “uma midiosfera constituída de redes, dispositivos, dados, processos de interação humano/não humano, que curto-circuitaram a separação entre as redes e as ruas”. Nas jornadas de junho de 2013, um dos cartazes mais emblemáticos desses novos tempos dizia: “nós somos a rede social” (CASTELLS, 2014). Dito isso, é possível perceber que não se pode tratar o ciberespaço dissociado da realidade.

Em 2013, a utilização de *bots*³⁷ nas redes sociais era pequena. Atualmente existem agências especializadas em criação de páginas e perfis *bots*, que geraram milícias digitais que visam defender determinados atores políticos, econômicos, etc. Essa discussão não adentraremos, justamente para não perder o foco do trabalho, mas ressaltamos sua importância para estudos num futuro próximo.

Compreende-se que as redes sociais, em junho de 2013, eram reflexo de perfis e pessoas reais, que utilizavam delas para entretenimento, debates, conhecimento etc. Ou seja, são as pessoas reais que possibilitam a existência das redes sociais, são esses sujeitos que propiciam o surgimento de comunidades virtuais a partir de sua vivência e experiências no mundo real.

Em junho de 2013, houve uma clara demonstração da força que as redes sociais possuem no processo de organização dos atos públicos, pois emergiu e alcançou de forma viral e efetiva diversas camadas da sociedade brasileira e possibilitou a ocupação do espaço público, que há muito não era tomado de forma tão intensa. Mesmo com a diversidade de ideias, dissociadas umas das outras, ou seja, a heterogeneidade presente nas manifestações, ficou comprovado o poder efetivo que as redes têm de organização, seja para o bem ou mal da sociedade. Deve-se, antes de se adentrar as questões das redes sociais, compreender de forma mais profunda o conceito de ciberespaço. Segundo Malini e Antoun (2013, p. 19), o ciberespaço é “um território virtual de trocas, ação coletiva e produção comum de linguagens”; apresenta-se como um espaço/ferramenta que possibilita a interação e o diálogo com diversos atores sociais, políticos e históricos.

A utilização dos ciberespaços e as trocas em território virtual possibilitaram uma série de ativismos, como afirmam Malini e Antoun (2013, p. 20), “que vão da distribuição de *hacks*³⁸, a articulação de ações coletivas contra sistemas totalitários; de campanhas de adesão para determinadas causas sociais ao trabalho de debate intelectual de fluxo constante.” São esses territórios, por exemplo, que possibilitaram a organização de muitas das revoltas e insurgências que tivemos no mundo contemporâneo.

Visando compreender melhor esse espaço/território presente no ciberespaço, faz-se uso do conceito de Hakim Bey (pseudônimo de Peter Lamborn Wilson), de “Zonas

³⁷ *Bot* é um perfil automatizado que não é controlado diretamente por um humano e publica tweets, segue pessoas e curte ou retuita *tweets* automaticamente. Geralmente, um *bot* não é transparente quanto à sua origem e a intenção é enganar o usuário.

³⁸ Termo que se refere à reconfiguração ou reprogramação de um sistema de função de forma que não autorizada pelo proprietário, administrador ou *designer*.

Autônomas Temporárias” (*TAZ*). O autor buscou não definir o que são essas “Zonas Autônomas Temporárias”, mas, em 1991, antes mesmo da democratização do acesso à internet a nível global, debatia e levantava pressupostos para compreensão do ciberespaço, que intitulou de “*Net*”, e afirmou que seria um grande suporte para a criação das *TAZ*.

Neste momento é necessário compreender com maior clareza e exatidão as *TAZ*, apresentadas por Hakim Bey. O autor analisou grupos e enclaves, criados pelos piratas e corsários no século XVIII. Esses grupos, segundo ele, constituíam-se como “redes de informações”. Para estabelecer essas redes, os piratas e corsários ocupavam ilhas, esconderijos e lugares desconhecidos para formar um grupo que vivia a par das leis e regulações do Estado, um lugar que possibilitou a “liberdade” a esses indivíduos, mesmo que fossem para negócios cruéis ou ilegais.

Hakim Bey descreve que, devido ao desenvolvimento das tecnologias, especialmente o uso dos satélites, ou seja, a partir da globalização, esses esconderijos serão reduzidos e impossibilitarão a criação das *TAZ*, e o ser humano estaria à merce e obrigado a viver num tipo de sociedade passível de controle total por parte do Estado. Seguindo na mesma premissa teórica, Bey sugere o “fechamento do mapa”, que se daria no momento em que todos os territórios fossem mapeados ou definidos, não havendo mais lugares físicos para a criação das *TAZ*. Mas Bey (2001, p. 4) destaca que, frente ao controle possibilitado pela tecnologia, seriam criados sistemas e meio informacionais que propiciariam um número maior de *TAZ*. “No futuro, essa mesma tecnologia-livre de todo controle político pode tornar possível um mundo inteiro de zonas autônomas. Mas, por enquanto o conceito continua sendo apenas ficção científica pura especulação”. Percebe-se, então, que as *TAZ* não são necessariamente um espaço real; também poderiam vir a se desenvolver em espaços virtuais, ambientes que permitem o diálogo, assim como a organização de ações libertárias e revolucionárias.

Compreende-se, a partir disso, que os movimentos de junho de 2013 foram gestados nesse contexto de conexão virtual, partindo posteriormente para as ruas. As redes e o espaço real possuem uma temporalidade, assim como uma localização. Partindo do pressuposto que os atores presentes nas redes levam para “dentro” dela sua cultura e posicionamentos, sendo que essas são constituídas a partir do local que ocupam e das relações estabelecidas no seu meio, como afirma Bey (2001, p. 12-13):

A *Taz* possui uma localização temporal, mas real no tempo, e uma localização temporária, mas real no espaço. Porém, obviamente, ela também precisa ter um local *dentro da web*, outro tipo de local: não real; mas virtual; não imediato, mas instantâneo. A web não fornece apenas um apoio logístico a *TAZ*, mas também

ajuda a criá-la. Grosso modo poderíamos dizer que a TAZ “existe” tanto no espaço da informação quando no mundo real.

Diante disso, é importante frisar que a TAZ se consolida nas redes virtuais e também se consolida no mundo real, com a organização de movimentos, a aproximação dos coletivos. Virtualmente isso é uma grande arma na mão dos ativistas. Hakim Bey explicita, nos anos 1990, alguns preceitos acerca da internet, colocando-a como “*net*”, afirmando que viria a ser uma grande rede informacional, onde toda e qualquer informação, como dados bancários, dados militares, públicos ou sigilosos, estaria disponível. Explicita que a “*net*” seria um espaço verticalizado, com informação direcionada aos usuários. Demonstra que, dentro da “*net*” existiriam espaços da “*web*” (compreende-se, aqui, a web como redes sociais e outras plataformas), sendo que esses espaços possibilitariam a troca de informações horizontais e a autoinformação. Destaca-se, ainda, a “*contranet*” (associa-se aqui à *DeepWeb*³⁹), que seriam espaços criminosos na *net* (*internet*). A *DeepWeb* é a representação das comunidades formadas por piratas e corsários do século XVIII. Diante desses destaques, seriam a “*web*” e a “*contranet*” espaços importantíssimos no apoio a criação das TAZ.

A “*Web*” destacada por Bey pode ser considerada, hoje, o espaço dos *blogs*, redes sociais (*Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, etc.), pois são redes de comunicação horizontal, que possuem autonomia. Nesse espaço o conhecimento também é gerado, com os saberes partindo dos usuários, sejam eles pessoas comuns ou agências com perfis específicos criados.

A Zona Autônoma Temporária, como o próprio autor demonstra, seria autoexplicativa, pois é uma zona criada que possibilita liberdade e a autonomia, mas que antes de ser descoberta pelo Estado desaparece para, depois, surgir em outro lugar. A liberdade a partir de um mundo de controle social e total somente é possível a partir da dinâmica e do movimento ou até mesmo, como afirma Bey (2001), uma tática de invisibilidade, não ser identificado ou encontrado. Devido a isso é importante destacar que essas TAZ foram criadas, ou poderiam ter sido criadas, principalmente na organização das jornadas de junho de 2013, a partir do uso da “*Web*”, conforme Bey (2001), ou do ciberespaço, conforme Malini e Antoun (2013).

³⁹A *DeepWeb* é considerada uma zona de navegação que não pode ser acessada facilmente. Os motores de buscas como Google, entre outros não conseguem acessá-las devido a diferença de como estes conteúdos são programados. A *DeepWeb*, pode ser considerada como a *internet* invisível. Para melhor exemplificar, pode-se considerar os motores e buscas acessíveis como o *Google* como a ponta de um iceberg, o que pode ser visualizada. A *DeepWeb* seria o restante do iceberg, aquilo que fica oculto, nas profundezas da *internet*. Nela se encontram muitos conteúdos sensíveis e ilegais, como pornografia infantil, vendas de drogas, encomenda de assassinatos entre outros atos ilícitos.

Percebe-se a utilização de redes sociais, dos ciberespaços ou das TAZ nas diversas manifestações presentes no século XXI, como na Primavera Árabe, no *Occupy Wall Street*, no *15-M* na Espanha, na Revoltas das Panelas na Islândia, e não foi diferente no Brasil⁴⁰. Esse espaço possibilitou o diálogo e a organização para que fosse possível insurgir contra os regimes ditatoriais, como nos países árabes, ou em regimes políticos dito democráticos, mas com diversas desigualdades e injustiças sociais.

Antes desses movimentos destacados acima, temos um marco histórico da organização dos movimentos no ciberespaço, com o surgimento do Zapatismo na região Mexicana de Chiapas em 1994. Segundo Malini e Antoun (2013, p. 55),

Vai marcar o reencontro da política dos movimentos sociais ancorados nas comunidades virtuais com a política[...] Através desta mistura reacendeu o Estopim das oportunidades de mudanças dos anos 60 que envolvem tanto o sentido da democracia e da política na sociedade pós-moderna, quanto a luta de classes no mundo globalizado.

Esse reencontro dos movimentos sociais e a política articulada pelos ambientes digitais possibilitou a manifestação de novas vozes, de um discurso livre e sem amarras. Diversos movimentos surgiram na luta por igualdade, liberdade e justiça social. Da mesma forma, esses ambientes podem possibilitar o surgimento de grupos com discursos de ódio, excludentes, racistas, homofóbicos, etc. Isso pode ser como um paradoxo dos ambientes virtuais e redes sociais: ao mesmo tempo que possibilitam a liberdade de diálogo para solucionar problemas e demandas sociais, possibilitam a liberdade para discursos e pautas que até então eram evitados e reclusos no imaginário ou em ambientes privados.

As relações nas redes sociais ou até mesmo na internet colocam-se de forma mais abrupta. No contexto da contemporaneidade, houve o surgimento das *Ciberwars* (guerra virtual), pois, com a globalização, a informação passou a ser uma arma muito poderosa. A informação passa a ser utilizada pelos Estados, a nível global ou local, mas não somente por ele, grupos privados e indivíduos da sociedade passaram a ter acesso a informações que até então eram confidenciais. Esses indivíduos passaram a se especializar no *hackeamento* de *sites* e sistemas governamentais, usando informações para benefício próprio, ou para expor aquilo que os governos escondem a sete chaves da população. Indiferente disso, a questão é que eles existem.

⁴⁰ Compreendidos a partir de Manuel Castells, *Redes de Indignações e Esperanças*, 2013.

Para colaborar com isso, pode-se destacar o caso de Edward Snowden⁴¹, que denunciou o programa americano de vigilância e monitoramento global de comunicações (*PRISM*⁴²). Esse é exemplo que demonstra a violação sobre o direito de privacidade das pessoas a nível mundial por parte do Estado. Esse sistema, ao mesmo tempo, segundo a NSA (Agência de Segurança Nacional dos EUA), serviria para antecipar e evitar ataques terroristas, mas, segundo Snowden, foi usado para vigiar diversos líderes mundiais, inclusive brasileiros. Outro exemplo foram os vazamentos realizados pelo *WikiLeaks*⁴³, fundado por Julian Assange, que divulgou diversas informações confidenciais sobre as operações realizadas pelos EUA no Iraque e sobre um manual de instruções para tratamentos em Guantánamo. São algumas das divulgações mais relevantes e que foram possíveis através do *hackeamento* e da liberdade propiciada em alguns lugares da internet.

Nesse aspecto, temos o surgimento de muitos movimentos *hackers* na internet que passaram a cometer ataques cibernéticos a agências estatais e empresas privadas, vazando conteúdo confidencial, derrubando sites, entre outras ações, demonstrando que a rede passou a contra-atacar as agências de informações, sejam estatais ou privadas. Deixando claro que enquanto o Estado ou o capital vigiar os cidadãos, existem grupo que passaram a vigiá-los da mesma forma, Malini e Antoun (2013, p. 86) afirmam que:

A comunidade virtual é uma rede de guerra que usa a contrainformação para lutar contra os Estados global e local, mas seu combate se desenvolve através de sua própria construção[...] utilizando-se da comunicação distribuída em rede interativa em vigor na *internet*.

Atualmente, para além dessas utilizações, consolidou-se que a internet é um campo social como tantos outros que existem, pois, segundo Malini e Antoun (2013), a liberdade está em disputa. Na verdade, quando se trata da “liberdade”, entende-se ela como mecanismos e atos autônomos de cooperação social que permitem o exercício do poder (e contrapoder), a produção social e a ativação psicológicas de afetos. O significado da “liberdade” destacado por Malini e Antoun (2013) não faz referência à perspectiva da liberdade, à propriedade privada, entre outros, mas àquela forma de vida que possui

⁴¹Foi analista e administrador da CIA e da NSA e tornou público os programas de vigilância americano. Para maiores informações: Sem lugar Para se Esconder de Glen Greenwald (2014).

⁴²Programa de vigilância americano, mantido em segredo de 2007 até 2013, quando foi tornado público por Edward Snowden.

⁴³ Presente no site: <https://wikileaks.org/>

autonomia e que não é permeada e nem atingida, seja pelo Estado ou pelo capital, através de sua mercantilização.

Pode-se compreender também que a mercantilização faz parte da perspectiva da internet, como afirmou Bey (2001), é um espaço verticalizado com conteúdo direcionado para atender as demandas do mercado, assim como do capital. A principal questão que Bey destaca é que nesse meandro da internet existem “fissuras, túneis” que podem ser percorridos e ocupados para se criar as *TAZ*; ou seja, a partir da alienação através da internet, ou no ambiente propício a reduzir liberdades, ela é em si mesma uma possibilidade de criar novos espaços de liberdade.

Seguindo nessa perspectiva, é de suma importância compreender o conceito de Biopoder nas redes sociais, pois se elas teriam a função controlar a vida dos indivíduos, visando o lucro, demonstram a existência de poder. Pressupõe-se, no entanto, que a predominância de um poder, que persiste em oprimir ou controlar os corpos fará com que ocorram reações de resistência, que se farão presentes e necessárias por diversos grupos. Nesse sentido há as *TAZ*, redes autônomas, redes de coletivos, *hackers*, a *DeepWeb* e outros organismos que agem contra-atacando o sistema que se constitui como hegemônico. Mas esse sistema, mais cedo ou mais tarde, vai apresentar fissuras que, se utilizadas de forma correta e eficaz, desencadeiam ações revolucionárias, como é possível perceber nos últimos 15 anos na relação entre os movimentos sociais e as redes, cujos resultados são inquestionáveis.

Quanto à perspectiva das redes sociais nas jornadas de junho de 2013, segundo um estudo da PageOneX.com⁴⁴ entre os dias 13 e 17 de junho, nunca se “tuitou”⁴⁵ tanto no Brasil. Isso foi um momento histórico para as redes sociais no contexto brasileiro. O mesmo estudo da PageOneX.com demonstrou que, a partir da violência policial no dia 13 de junho, ocorreu um impulsionamento em números de postagens no *Twitter* de forma nunca antes registrada na história brasileira. Afirma-se também, segundo Moraes (2014, p. 12), que a violência policial

Deu passo a indignação. Posteriormente, o empoderamento emocional transformou o protesto pelo transporte em uma revolta coral, plural e fragmentado a serviço de novas imaginários: “por uma vida sem catracas”, “não é por vinte centavos, é por direitos.”

⁴⁴ Disponível em: <https://blog.pageonex.com/2013/08/24/manifestantes-ou-vandalos-como-a-midia-tradicional-abordou-os-protestos-em-junho-de-2013-no-brasil/>. Acesso em: 20/08/2019.

⁴⁵ Termo que faz referência a uma publicação ou postagem realizada num microblogue, sendo especificamente no *Twitter*.

Percebe-se que em junho de 2013 criou-se uma rede de coletivos nacional, ou seja, para além de junho de 2013 ser um movimento, ele também se constituiu como uma rede. Afirma Moraes (2014, p. 20): “uma rede de afetos, uma rede comunicacional, uma rede de trocas de experiências. Um novo ecossistema social que não substituiu o ecossistema prévio, mas que convive com ele”. A criação dessas redes conectadas suscitou discussões acerca de como o movimento se organizou e disseminou as informações. Discussões essas que ainda necessitam de análise no âmbito das ciências humanas de modo geral, mas com o conhecimento já produzido, percebe-se, segundo Moraes (2014, p. 21), que houve o “surgimento de um novo sistema de ação social. Um sistema-rede no qual convivem novos atores (perfis, coletivos, movimentos, redes, identidades coletivas) estruturas tradicionais (movimentos, partidos, sindicatos)”. Essa nova ação social pode ser considerada o emergir de novas possibilidades dessas redes.

Os movimentos sociais, sindicatos, partidos políticos e coletivos e indivíduos singulares são tratados na internet como “perfis” ou “*pages*” (páginas). Considera-se que atualmente há o surgimento de um novo aspecto social em que esses diversos atores, que se relacionam com o uso das tecnologias de comunicação de massa a nível global, são transformados em perfis. Esses perfis podem ser um coletivo ou um indivíduo (usuário) que nas redes assumem o aspecto e o conceito de perfil. Como afirmam Malini e Antoun (2013, p. 213), “o usuário não tem ‘*home*’. Tem ‘*timeline*’. Deixa ser usuário para se tornar um perfil. A ‘*timeline*’ funciona como um mural de notícias, cuja atualização vai sendo feita, ao mesmo tempo, pelo dono ou por qualquer outro perfil que ele decida incorporar nela”. Isso acaba se transformando numa narrativa colaborativa, possibilitando a conexão de perfis e *pages*.

Destaca-se, ainda, que as mobilizações de 2013 e seus participantes não queriam destruir nada do que havia sido feito até então, mas sim construir, queriam dialogar com as lutas já existentes, buscar a criação de novos espaços para constituir uma política com maior participação da população; de fato, uma política popular. Não cabe responsabilizar as redes sociais pelo levante ocorrido em junho de 2013, seja o *Facebook*, o *Twitter*, etc, mas não se pode negar que elas foram ferramentas essenciais na organização. Apesar de possuírem limitações bem claras, foram reinventadas pelas redes reais presentes nas ruas, sejam eles grupos, coletivos, movimentos, etc, que possibilitaram a criação de ambientes e espaços para discussões autônomas entre “*perfis*” e “*pages*”. Segundo Moraes (2014, p. 19):

Junho não seria possível sem a cultura de redes constituídas ao longo dos últimos anos, e pela própria militância virtual durante o levante, mas tais redes devem ser pensadas como um agenciamento: humano/máquina, redes “concretas”/rede “virtual”; não a uma ferramenta em si, como se ela fosse dotada de poderes mágicos e autônomos, mas dos significados e subversões promovidos pelos ativistas.

O estudo e a compreensão das redes sociais é de suma importância para cristalizar os conhecimentos e experiências advindas das mobilizações de junho de 2013. As narrativas foram criadas em diversos espaços, principalmente nas redes sociais. O saber coletivamente produzido desmentiu muitas vezes as “versões oficiais” criadas e divulgadas pelas mídias tradicionais. Aponta-se, segundo Moraes (2014, p. 20), o surgimento de “uma nova verdade, a partir da ótica dos oprimidos organizados em redes”. No capítulo a seguir, analiso alguns perfis individuais que tiveram grande relevância na perspectiva das redes sociais, especialmente no *Twitter*. Demonstrando que para além de possibilitarem a troca de informações, experiências e da organização de determinados grupos, esses perfis das redes sociais deixam rastros e evidências que podem ser utilizados para a compreensão da História, desde que se faça o uso de metodologias e técnicas específicas.

3 AS RELAÇÕES E PERSPECTIVAS ENTRE AS RUAS, AS REDES E OS MOVIMENTOS DE JUNHO DE 2013

Após essa extensa discussão acerca da utilização de redes sociais como espaços que propiciam a troca de informações, conhecimento e interação entre os indivíduos e movimentos, debateu-se também as possibilidades e usos das redes sociais e de seus perfis como fontes para a escrita da História. Agora, chegamos ao momento que se pode considerar a parte mais importante e desafiadora do trabalho. Serão debatidas e demonstradas, na prática, as técnicas e metodologias específicas que visam a compreensão da perspectiva histórica a partir das redes sociais e que foram de suma importância para a realização deste trabalho.

Este capítulo está dividido em duas partes. A primeira constitui a discussão e exposição das metodologias utilizadas para a identificação dos perfis de *Twitter* que tiveram maior centralidade e proeminência, demonstrando como se deu o processo de escolha das fontes utilizadas e do recorte temporal, tendo em vista o grande número de informações e fontes produzidas em junho de 2013. No segundo momento, são apresentadas a análise e as discussões pertinentes a partir do uso das fontes historiográficas mapeadas e catalogadas a partir do *Twitter*.

3.1 OS PERFIS DE TWITTER COMO FONTES PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Um dos métodos mais eficientes para compreender as relações propiciadas pelas redes sociais é o da cartografia de rede. O método da cartografia em si pode ser utilizado em diversos campos de estudo, assim como em diferentes objetos a serem cartografados. A cartografia possibilita a criação de diagramas, mapas e fluxogramas que permitem compreender as relações de poder, os enfrentamentos/atravessamentos, os jogos de poder presentes tanto na arena democrática quanto no imaginário dos indivíduos. Possibilita, ainda, perceber as relações de liberdade, assim como as resistências que surgem a partir da imposição do poder e da força de determinadas classes ou categorias.

A perspectiva da cartografia de redes sociais tem uma diferença crucial quanto à cartografia tradicional, pois a tradicional visa criar mapas e relações estabelecidas em espaços reais. Já a de rede possibilita criar mapas de acordo com a conectividade dos usuários de

determinadas redes virtuais, como por exemplo o *Twitter*; e não apenas da conectividade, mas das relações estabelecidas entre os perfis (usuários, movimentos sociais, agências de notícias/informação, etc.). Esses perfis se correlacionam, utilizando de uma publicação de outro perfil (tuítes) para alcançar maior representatividade nas redes sociais, retuitando ou comentando determinada postagem.

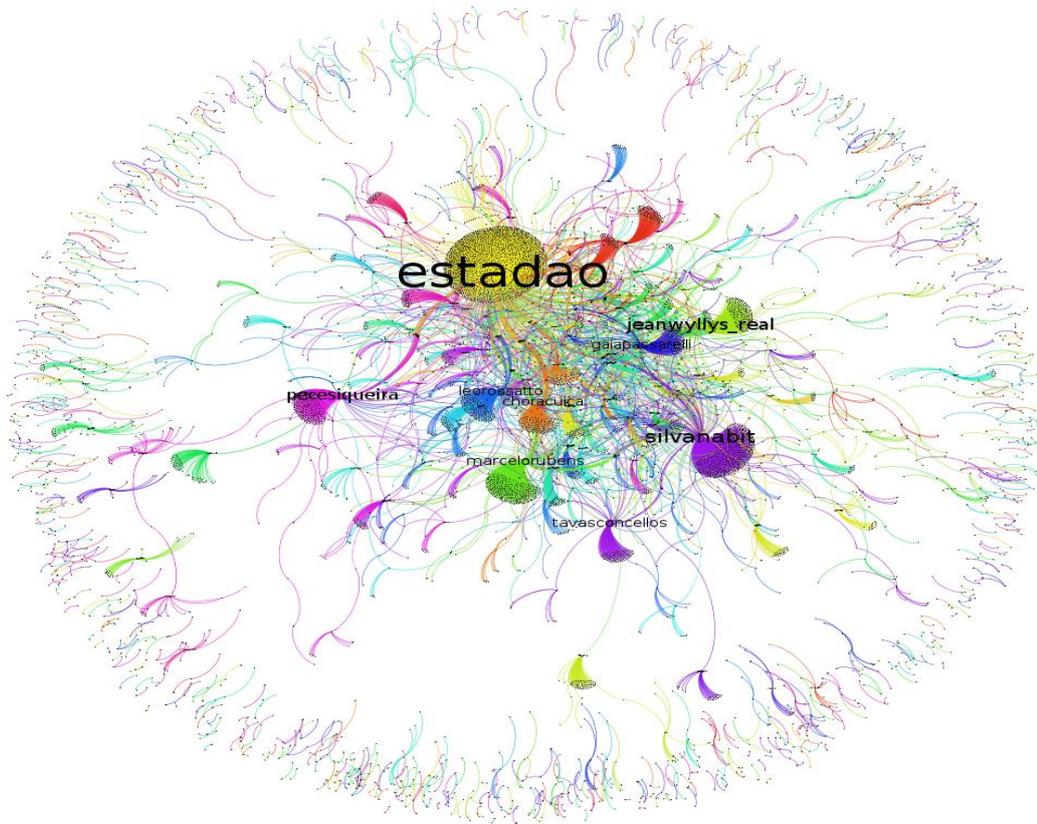
Diante disso, o uso das cartografias de redes realizadas pelo LABIC⁴⁶ (Laboratório de Imagem e Cibercultura) foi de suma importância para a identificação dos perfis/atores que tiveram maior centralidade e proeminência na rede (*Twitter*). Cabe destacar que se debruçou principalmente sobre a primeira fase das manifestações de junho de 2013. Essa fase foi definida por diversos historiadores e cientistas sociais, tendo como marco principal o dia 13 de junho de 2013. Após esse fatídico dia, as manifestações sofreram uma virada ontológica, em que as mídias, grupos políticos e a sociedade civil, organizada ou não, passaram a participar das manifestações impondo e colocando novas pautas em debate.

No dia 13 de junho de 2013, o LABIC realizou uma cartografia específica, a qual foi utilizada para identificar os perfis que estavam ativos e foram centrais na divulgação de informações e indignações por parte dos manifestantes por meio das redes sociais. Essa cartografia está disponível no endereço virtual do LABIC⁴⁷ e foi realizada entre as 17h e as 23h50 do mesmo dia (13/06/2013). Segue a cartografia realizada.

⁴⁶ Este laboratório faz parte do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo, e realiza diversas pesquisas sobre impacto e cultura digital.

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.labic.net/cartografia/a-batalha-do-vinagre-por-que-o-protestosp-nao-teve-uma-mas-muitas-hashtags>>. Acesso em: 17/04/2018.

Figura 1: Rede de RTs no Twitter. Perfis com mais centralidade de autovetor atraem diferentes relações no Twitter, fixando os sentidos predominantes na rede contra o aumento da tarifa de ônibus.



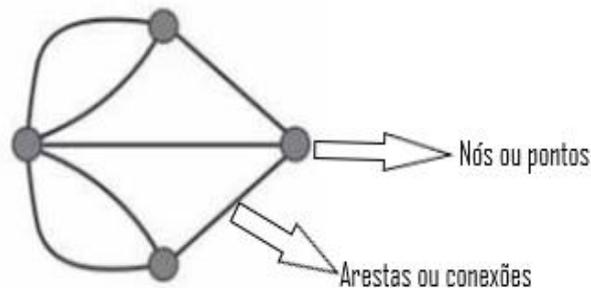
Fonte: Laboratório de Imagem e Cibercultura (LABIC)

Para compreender a cartografia e os grafos acima destacados, faz-se necessário o conhecimento sobre os “nós” e arestas da rede. De forma sintética, simplificada e didática, utilizou-se dos conceitos de Recuero (2009) para cristalizar mais facilmente esses conhecimentos. Segundo Recuero (2009), uma das principais teorias formuladas sobre as redes foi desenvolvida por Euler, no ano de 1736. Euler descreve e discorre em seu artigo sobre as Pontes de Königsberg (Prússia), que ficava localizada em meio a ilhas no centro do Rio Pregolya. Segundo Recuero (2009), essa cidade possuía sete pontes e os cidadãos tentavam resolver o seguinte problema: atravessar a cidade pelas sete pontes cruzando cada uma apenas uma vez.

No artigo citado acima, Euler demonstrou que era impossível cruzar as setes pontes sem repetir um mesmo caminho. Partindo dessa premissa, Euler conectou as quatro partes terrestres (que ele considerou de nós ou pontos) com as sete pontes (consideradas como arestas ou conexões), mostrando, conforme Recuero (2009, p. 19), “a inexistência da referida

rota e criando o primeiro teorema da Teoria dos Grafos”. Abaixo segue uma representação gráfica da cidade de Königsberg.

Figura 2 - Representação gráfica da cidade de Königsberg.



Fonte: Recuero (2009, p. 19).

A solução proposta por Euler parte do princípio que adentrar uma determinada parte da cidade e sair dela sem passar pela mesma ponte seria possível graças à existência de outras duas pontes. Na representação da figura 2, cada parte da cidade é caracterizada por um ponto (nó) e as conexões entre esses pontos são as pontes (arestas).

O início e o fim do caminho poderiam ter apenas uma ponte (já que não seria necessário “sair” ou “entrar” nessas duas partes, a menos que ficassem na mesma porção de terra, sendo, assim, necessárias duas pontes). Como cada nó no grafo de Königsberg tem um número ímpar de arestas (quatro nós possuíamos três arestas e um nó, cinco arestas), a travessia, nas condições propostas, era impossível. (RECUERO, 2009, p. 20)

Pode-se compreender que o grafo é a representação de uma rede composta por “nós” e arestas que se conectam, que estabelecem relações, que tensionam, que trocam informações e experiências. Segundo Recuero (2009, p. 20),

Um grafo é, assim, a representação de uma rede, constituído de nós e arestas que conectam esses nós. A teoria dos grafos é uma parte da matemática aplicada que se dedica a estudar as propriedades dos diferentes tipos de grafos. Essa representação de rede pode ser utilizada como metáfora para diversos sistemas. [...] Por fim, indivíduos e suas interações também podem ser observados através de uma rede ou grafo.

Aliando a técnica da cartografia (criação de mapas) ao teorema dos grafos (identificação de nós/pontos e sua ligação com arestas/conexões), é possível a realização do mapeamento das conexões e relações que se estabelecem entre os perfis presentes no *Twitter*. Esses grafos gerados pelo LABIC identificaram “nós” (perfis) e as conexões (arestas) que se

estabeleceram com outros usuários, possibilitando a criação da cartografia de rede (mapeamento da rede). Partindo disso, deve-se, primeiramente, exemplificar como se deu o processo de criação de cartografias de redes, ou seja, quais foram as bases e métodos para a constatação de tais resultados. Trata-se aqui de conceitos e técnicas específicas acerca da análise de BigData⁴⁸. Devido a isso, buscou-se, de forma sintética e simplificada, explicitar o processo de produção das cartografias, segundo Malini (2013), um dos realizadores dessa cartografia de rede.

No dia 13 de junho de 2013, foram produzidas e “tuitadas” mais de 17 mil publicações contendo a palavra *tarifa*. Destaca-se que houve diversas *hashtags*⁴⁹, como *#passelivre*, *#contraoaumento*, *#vemprarua*, *#changebrazil*, *#tarifazero*, *#indignação*, *#occupySP*, *#protestoSP* e *#13jSP*, que demonstravam na rede os sentimentos e indignações presentes nas ruas. Malini (2013) destaca que as *hashtags* tiveram grande contribuição na rede, mas o que realmente aqueceu foram as *keywords* (palavras-chaves), como *protesto*, *jornalista*, *ônibus*, *rua*, *manifestantes*, *vinagre*, *bomba*. Enfim, um múltiplo universo de um rico vocabulário.

A cartografia realizada teve como base as publicações (tuítes) e republicações (retuítes) que continham a palavra “tarifa”, sendo essa a palavra que mais explicitava a causa das manifestações, fazendo referência aos atos. Diante da coleta de dados por *softwares* específicos que possibilitam o mapeamento da rede, o LABIC realizou a análise dos dados e posteriormente confeccionou as cartografias com os dados inseridos, tendo como resultado a cartografia apresentada na Figura 1.

A cartografia acima citada explicitou que os dez perfis com maior centralidade dos tuítes e retuítes sobre o movimento contra o aumento da tarifa de ônibus de São Paulo no dia 13 de junho de 2013 foram: *@estadao*⁵⁰, *@silvanabit*⁵¹, *@marcelorubens*⁵², *@pecesiqueira*⁵³, *@jeanwyllys_real*⁵⁴, *@leorossatto*⁵⁵, *@choracuica*⁵⁶, *@gaiapassarelli*⁵⁷, *@g1*⁵⁸ e *@tavasconcellos*⁵⁹.

⁴⁸ Grande conjunto de dados processados e armazenados em bancos de dados.

⁴⁹ Que representa uma palavra-chave, antecedida por uma cerquilha (#).

⁵⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/@estadao>>. Acesso em: 20/02/2019.

⁵¹ Disponível em: <<https://twitter.com/@silvanabit>>. Acesso em: 20/02/2019.

⁵² Disponível em: <<https://twitter.com/@marcelorubens>>. Acesso em: 21/02/2019.

⁵³ Disponível em: <<https://twitter.com/@pecesiqueira>>. Acesso em: 25/02/2019.

⁵⁴ Disponível em: <https://twitter.com/@jeanwyllys_real>. Acesso em: 26/02/2019.

⁵⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/@leorossatto>>. Acesso em: 05/03/2019.

⁵⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/@choracuica>>. Acesso em: 05/03/2019.

⁵⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/@gaiapassarelli>>. Acesso em: 09/03/2019.

⁵⁸ Disponível em: <<https://twitter.com/@g1>>. Acesso em: 12/03/2019.

⁵⁹ Disponível em: <<https://twitter.com/@tavasconcellos>>. Acesso em: 19/03/2019.

Devido à proeminência destes perfis, eles se tornaram as fontes desse estudo e pesquisa, ou seja, os perfis que serviriam de aporte para a busca das principais publicações, a fim de compreender os atos de junho de 2013, especificamente no dia 13. Os perfis, então, foram escolhidos, pois tiveram maior atividade, interação e alcançaram maior amplitude e espectro na rede social (*Twitter*). Logo, foi de suma importância a utilização deles para o desenvolvimento e resultados deste trabalho.

Após a identificação desses perfis, deu-se início ao levantamento das fontes. Utilizou-se do recurso de “busca avançada do *Twitter*”, que possibilita localizar publicações de perfis específicos, com o uso de parâmetros próprios, como: endereço do perfil, data ou hora das postagens. A partir desse levantamento, identificou-se oito perfis que possuíam publicações realizadas na data específica, sendo eles: @estadao, @silvanabit, @marcelorubens, @pecesiqueira, @jeanwyllis_real, @choracuica, @gaiapassarelli, e @tavasconcellos.

Destaca-se, ainda, que não foi possível encontrar as publicações dos seguintes perfis: @leorossatto e @g1, ou seja, as publicações desses dois perfis no dia 13 de junho de 2013 não estavam mais disponíveis. Parte-se do princípio de que as publicações foram apagadas, retiradas do perfil ou foram colocadas em modo de privacidade restrito, em que apenas o responsável do perfil tem acesso, impossibilitando a visualização pelo público. Acredita-se também que, devido ao distanciamento temporal das publicações, é comum e habitual o desaparecimento dessas fontes, ou seja, assim como as fontes físicas podem ser destruídas, esquecidas ou extraviadas, isso serve também para as fontes digitais que podem ser apagadas, bloqueadas ou o perfil ser apagado. Esse risco se apresenta da mesma forma para ambas, ainda consideradas as suas diferenças e características.

Após o levantamento das fontes, foi realizada sua catalogação, que foi organizada da seguinte maneira: foram criadas listas que contavam com os endereços virtuais, datas e horários das publicações, assim como links de outras páginas ou agências de informação presentes nas publicações. A catalogação resultou numa grande quantidade de fontes. Especificamente, foram catalogadas e armazenadas 140 publicações de oito perfis diferentes do *Twitter*, que tinham como tema principal as jornadas de junho de 2013 ou assuntos que tangenciavam acerca delas.

A próxima etapa baseou-se no arquivamento das publicações por meio de “*PrintScreen*” ou, como descreve Almeida (2011, p. 16), a “arqueologia do salvamento”, que consiste no armazenamento das fontes. Esse método foi muito importante, pois possibilitou

a resguardo dessas fontes para análises posteriores, evitando assim que desaparecessem, prejudicando o andamento da pesquisa.

Acreditou-se que, por se tratar de um ambiente público em que as publicações estão disponíveis para serem acessadas por qualquer pessoa (presentes no *Twitter* e seu conteúdo foi disponibilizado em “modo público”, partiu-se da premissa da publicização e de domínio público para tal argumento), dessa forma foi dispensada a solicitação e uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Após a fase de catalogação e arquivamento das fontes, deu-se início à fase de *fact-checking*⁶⁰ (checagem dos fatos) nas publicações. Essa checagem possibilitou a avaliação do conteúdo das publicações, buscando identificar incongruências, mentiras, distorções, sejam elas temporais, de narrativa ou da produção de conteúdos falaciosos e inverídicos diversos (vídeos, fotos, áudios, etc.). Esse processo se constitui, primeiramente, em comparar as informações presentes nas publicações dos perfis do *Twitter* com matérias jornalísticas de diversas agências de mídia, sejam elas alternativas ou tradicionais. Faltando informações nessas agências para realizar as comparações, utilizou-se, num segundo momento, de outras publicações presentes no *Twitter*, visando comprovar a veracidade ou falseabilidade daquilo que foi postado.

O método de *fact-checking* é importante, pois permite ater-se a cuidados específicos no tratamento das fontes. A utilização dessa metodologia evita ao máximo a presença de informações que não podem ser comprovadas e, assim, aumenta a credibilidade das fontes, bem como o uso delas. A utilização de apenas uma fonte que não pode ser comprovada ou verificada pode comprometer os resultados obtidos na pesquisa.

Após minuciosa checagem dos fatos, as fontes a serem utilizadas nessa pesquisa foram reduzidas para 128, ou seja, 12 publicações não puderam ser comprovadas ou verificadas e por isso foram descartadas da pesquisa. Cabe destacar ainda que, devido ao grande número de fontes, elas foram classificadas em primárias (publicações primárias) e secundárias (publicações secundárias). As fontes primárias foram consideradas aquelas que apresentaram maior interação, ou seja, foram mais vezes republicadas/tuitadas por outros usuários e perfis do *Twitter* e serão disponibilizadas na íntegra, já que foram arquivadas por meio da “arqueologia do salvamento”. Essas fontes são importantes, pois demonstram a

⁶⁰ Termo utilizado pelos profissionais do jornalismo que consiste em realizar uma checagem dos fatos e dados presentes numa publicação. O propósito deste trabalho é detectar erros, mentiras e imprecisões.

representatividade, as indignações, as pautas/questionamentos e o diálogo que se estabelecia entre as ruas e redes.

As fontes secundárias foram aquelas que não apresentaram a mesma interação, ou seja, foram republicadas/tuitadas em menor número de vezes, mas que foram extremamente importantes para contextualizar, demonstrar e legitimar os discursos presentes nas redes. As secundárias não foram utilizadas na íntegra, mas incorporadas ao longo do texto, fidedignamente como foram publicadas.

Faz-se necessário, ainda que resumidamente, explicitar acerca das fontes as suas principais características, sejam elas pessoas físicas, jurídicas, figuras públicas, perfis de imprensa, representantes públicos, etc. No caso do perfil *@estadão*, por exemplo, ele se refere ao perfil no *Twitter* do *Jornal O Estado de São Paulo*, uma das grandes fundações midiáticas tradicionais brasileiras. O perfil *@g1* faz referência ao portal de notícias mantido pelo Grupo Globo sob orientação da Central Globo de Jornalismo. O perfil de *@marcelorubens* se refere a Marcelo Rubens Paiva, que é escritor de 16 livros de literatura. Dramaturgo, dirigiu cerca de 15 peças de teatro e obras de cinema.

Outro perfil identificado foi *@pecesiqueira*, que é um *youtuber* (produtor de vídeos e conteúdo na plataforma de vídeos *YouTube*), blogueiro, que conta com aproximadamente dois milhões de seguidores em seu canal no *Youtube*, que é bastante lido e seguido por adolescentes e jovens. O perfil *@jeanwyllys_real* refere-se ao deputado federal pelo PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), Jean Wyllys, cumprindo o exercício do cargo no ano de 2013, defensor dos direitos humanos e principalmente dos direitos LGBTQI+, assim como jornalista e professor universitário.

O perfil *@leorossatto* pertence a Leonardo Rossatto que, segundo seu perfil, é sociólogo, mestre em planejamento territorial e gestor público e cristão. O *@choracuica* é um perfil administrado por uma mulher e não possuímos descrições mais aprofundadas sobre ela, pois não se identifica usando nome real, apenas *@choracuica*. Considerando as suas publicações, ela se apresenta como uma mulher engajada na luta pelos direitos das mulheres, além de possuir um *e-commerce*⁶¹ de roupas femininas.

O perfil *@gaiapassarelli* refere-se à escritora Gaía Passareli, ex-VJ da emissora de televisão MTV, que já escreveu para revistas como *Folha de São Paulo* e *Rolling Stones Brasil*, autora do livro “Mas você vai sozinha?”. O perfil de *@tavasconcellos* é o perfil

⁶¹ Formato de comércio eletrônico.

pessoal de Tatiana Vasconcellos, jornalista e radialista brasileira, atualmente trabalha na *CBN*, onde é âncora do Estúdio CBN.

A identificação desses perfis é de suma importância para compreender mais facilmente quais eram as pessoas ou responsáveis pelas publicações e opiniões presentes na rede. Além disso, cabe destacar que, de certa forma, esses perfis se apresentam de forma bem diversificada, pois entre eles há pessoas ligadas ao meio artístico, meio político, *digital influencer* e meios de comunicações que tiveram mais destaque. Os perfis que foram mais republicados advêm de diversos setores da sociedade civil, ou seja, da mídia, da literatura, do cinema, da televisão, de partidos políticos institucionalizadas, autônomos, das redes sociais, explicitando pluralidade e a diversidade dos que repercutiram as publicações e do alcance que elas tiveram, assim como demonstrou o lugar de fala e sua representatividade na rede.

Obviamente, existiram outros perfis com imensa centralidade e popularidade nas redes, mas, tendo como base a cartografia de rede destacada anteriormente, ateve-se aqui aos perfis identificados por ela. A seguir, buscou-se cristalizar a compreensão que a análise das fontes lançou sobre perspectiva e a ótica das jornadas de junho de 2013 presentes no *Twitter* e a sua relação com as ruas. Buscou-se, também, compreender a partir de um olhar micro, ou seja, analisar apenas as publicações de 13 de junho de 2013, para compreender o macro das jornadas de junho de 2013 e, dessa forma, identificar a tônica das mobilizações antes de sua virada para a segunda fase das jornadas, quando houve a diversificação e pluralização das pautas.

3.2 AS JORNADAS DE 2013 SOB A ÓTICA DO TWITTER: AS REDES SOCIAIS COMO FONTES PARA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA

No amanhecer do dia 13 de junho de 2013, os atos e mobilizações ocorridos no dia anterior (12 de junho) ainda reverberavam nas redes sociais, nas mídias alternativas e na tradicional, a nível nacional e internacional. A mídia tradicional pedia e esbravejava atitudes enérgicas contra os manifestantes, os consideravam e os taxavam de “vândalos” e “baderneiros”. Segundo essa mesma mídia, não era “por 0,20 centavos, era pelo simples fato de instaurar o caos nas ruas das cidades”. A mídia alternativa demonstrava, em seus perfis e redes sociais, outra perspectiva dos atos e dos manifestantes.

No editorial de diversos jornais impressos e virtuais, o tratamento dado aos manifestantes era com intuito de criminalizar e deslegitimar o movimento. Muitos destacaram que era necessário maior repressão sobre os manifestantes, como demonstra Ortelado (2013, p. 83): “os grandes jornais do país pedem uma atuação mais incisiva da polícia. No jornal *Estado de São Paulo*, o editorial pede maior rigor da ação policial e enaltece o endurecimento por parte das autoridades”. O editorial exaltava a participação da polícia em conter os manifestantes do ato do dia anterior (12/06/2013), mas classificou a ação da polícia como moderada, destacando ainda que se a mesma postura fosse mantida nos próximos atos a cidade ficaria entregue à desordem e à baderna.

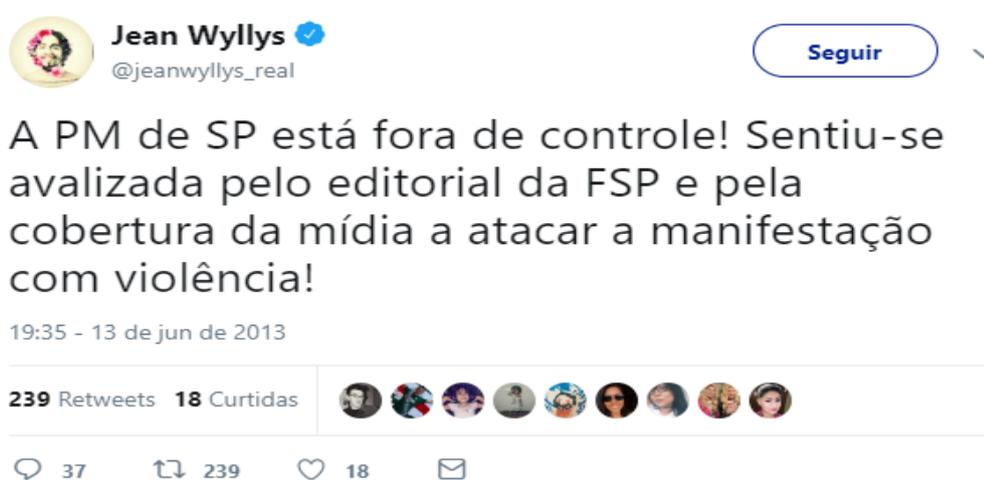
Percebe-se que a utilização da narrativa que buscou colocar os manifestantes como “vândalos”, “baderneiros” e “depredadores de bens públicos e privados” tinha como principal objetivo incitar uma repressão mais intensa e violenta daquela postura “moderada” que a polícia vinha apresentando. Para além de incitar a repressão, a mídia, de modo geral, cobrava a responsabilização judicial e criminal dos envolvidos nos atos de “barbárie”, ocorridos anteriormente. Destacou ainda que muitos policiais ficaram feridos, resultado das agressões proferidas pelos manifestantes. Utilizou-se do fato que o ato do dia 13 de junho 2013 já estava marcado para “incitar o terror”, utilizando de falas de comerciantes. Como afirma Ortelado (2013, p. 85), “apresenta o protesto previsto para esse dia em tom amedrontador, a partir de falas dos comerciantes da região central”.

A mesma perspectiva era seguida por outros jornais. A *Folha de São Paulo* insinuou em editorial que a PM deveria retomar a paulista para a população, tratou de forma depreciativa do movimento e dos atos, destacou que ações mais enérgicas e repressivas deveriam ser utilizadas pela corporação polícia. Ressaltou que a polícia estava agindo de forma moderada e que, devido a isso, a vida dos cidadãos e os locais públicos estavam sendo “vandalizados” e o direito de ir e vir da população estava sendo comprometido.

Praticamente em todas as matérias dos referidos jornais citados acima, quando o tema ou a discussão envolvia atos pela revogação da tarifa, as acusações e afirmações apresentavam a mesma argumentação: que se tratava de um movimento de oportunistas e que os manifestantes eram apenas jovens “vis” predispostos à violência e à depredação do patrimônio. Destaca-se esses posicionamentos, pois estão atrelados aos discursos do governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, e do prefeito da cidade de São Paulo, Fernando Haddad, que criaram os precedentes para a atuação descabida da Polícia Militar (PM) no “Quarto Grande Ato”, realizado no dia 13 de junho de 2013.

A repressão policial tão pedida e almejada pela mídia tradicional chegou aos próprios repórteres, jornalistas e fotógrafos desses mesmos meios que incitaram tal ação. Pode-se dizer que esses trabalhadores receberam as cobranças feitas por seus chefes e diretores dos núcleos jornalísticos. Percebe-se, ainda, que diante desse editorial a polícia passou a utilizar de força desproporcional com os manifestantes que se faziam presentes no ato do 13 de junho de 2013. Uma das fontes que corrobora para esse argumento e que suscitou muitos debates no *Twitter* e nas demais redes sociais foi a publicação do perfil de *@jeanwyllys_real*, argumentando que, devido aos editoriais da *Folha de São Paulo* e de outros jornais e meios de mídia, a PM estava avalizada a utilizar da violência para conter os manifestantes, conforme a publicação:

Figura 3 - Publicação com maior interação do perfil *@jeanwyllys_real*.



Fonte: Twitter⁶²

O resultado da ação policial desse fatídico dia foi a apreensão de 233 pessoas e outras 100 feridas, dentre esses muitos jornalistas e repórteres. Inclusive a ação violenta da PM foi um dos fatos que causou grande repercussão nas publicações do *Twitter* por diversos perfis. Cabe destacar, por exemplo, a publicação no perfil do *@Estadão*⁶³, posteriormente republicada pelo perfil *@jeanwyllys_real*, que questionava o posicionamento e as ações apresentadas pela PM.

A publicação em destaque apresenta uma fotografia da repórter Giuliana Vallone sentada ao chão, após ser atingida por um tiro de bala de borracha no rosto. Ela publicou em

⁶² Disponível em: <https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/345323687651729408> Acesso em: 26/02/2019.

⁶³ Disponível em: <<https://twitter.com/Estadao/status/345385351621275648>>. Acesso em 20/02/2019.

seu perfil de *Facebook*, relato que está presente na íntegra em Ortelado (2013, p. 114-115), explicitando que havia se retirado da zona de conflito e que foi ameaçada por um policial por estar filmando as ações violentas realizadas pela PM. A jornalista ressalta ainda que estava identificada como repórter e utilizava um crachá de identificação da *Folha de São Paulo*.

Momento antes de ser baleada, a repórter salienta que não estava filmando quando um policial apontou a arma para ela e para seu colega de trabalho, ambos cobrindo a manifestação, cujo disparo atingiu seu olho. No fim do relato, ela ressalta que o médico que lhe atendeu e prestou os primeiros socorros, no hospital, informou que ela não sofreu traumas mais contundentes, como perda da visão do olho atingido, porque estava usando óculos. Segue abaixo a publicação realizada no *@Estadão* e a republicação de Jean Wyllys, questionando qual seria a atitude que a polícia tomaria: “Vão matar?”. A matéria vinculada ao tuíte conta ainda com a chamada “SP: PM diz que a situação está saindo do controle: Não nos responsabilizamos mais pelo que acontecerá.”

Figura 4 - Publicação questionando a ação policial.



Fonte: Twitter⁶⁴

⁶⁴ Disponível em: <https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/345336429259399169>. Acesso em: 26/02/2019

O perfil @jeanwyllys_real foi o que mais relacionou os pedidos da mídia tradicional e seus editoriais com a violência policial. Em outra publicação, ele cita: “E agora, FSP (Folha de São Paulo), está arrependida de seu editorial que estimulou a PM a praticar mais violência?”⁶⁵. Ele segue no mesmo tom dos questionamentos, se referindo aos meios da mídia, destacando que nem a imprensa devidamente identificada estava livre dos ataques da polícia: “Não importa nada: nem o crachá nem o fato de estar só cobrindo a manifestação: ninguém é cidadão”.⁶⁶

As críticas à mídia tradicional se multiplicaram, assim como seus moldes de cobertura tendenciosas, como, por exemplo, o perfil de @gaiapassarelli, que direcionou à mídia questionamentos e indignações de como os meios de comunicação estavam tratando as manifestações. Destacou que os repórteres não estavam demonstrando a realidade dos atos e que seguiam pura e simplesmente aos interesses dos diretores e editores de revistas, jornais e emissoras de televisão. Cita ela: “redações em fúria no momento, tenho certeza. se pá precisou apanhar na rua pra repórter voltar a ser repórter...#saopaulo#rua.”⁶⁷. Cabe destacar ainda que houve cerca de 11 repórteres e jornalistas presos, agredidos e atingidos por balas de borracha. Outro fato que deve ser levado em consideração é o grande número de pessoas presas e feridas, números presentes na publicação do perfil @Estadão informando que: “SP: protesto termina com mais de 100 feridos e 130 detidos.”⁶⁸

Diante do elevado número de apreensões realizadas pela PM, por diversas vezes casos sem motivação ou crime cometido, muitos advogados passaram a se organizar em torno da manutenção do direito dos manifestantes. Ocorreu a criação de diversos coletivos jurídicos para a defesa desses manifestantes. Dentre esse meio, houve um grupo que se destacou, o “Advogados Ativistas” (AA), que foi de suma importância para resguardar o direito de manifestantes presos sem terem cometido nenhum delito, como, por exemplo, estar portando vinagre. A criação de uma página de Facebook⁶⁹ com o mesmo nome do coletivo possibilitou a criação de uma rede de advogados a nível nacional, que buscaram a manutenção dos direitos dos manifestantes apreendidos frente à criminalização praticada pelo Estado.

Nas palavras de um integrante deste coletivo, “eles hackearam a profissão[...] e rapidamente tinham uma rede integrada que era vista com muita desconfiança pela

⁶⁵ Disponível em: <https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/345336429259399169>. Acesso em: 26/02/2019.

⁶⁶ Disponível em: <https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/345336686252814336>. Acesso em: 26/02/2019.

⁶⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345360454203371522>>. Acesso em: 09/03/2019.

⁶⁸ Disponível em: <<https://twitter.com/Estadao/status/345385351621275648>>. Acesso em: 20/02/2019.

⁶⁹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/AdvogadosAtivistas/>>. Acesso em: 09/10/2019.

militância” (BIRAL *in* MORAES, 2014, p. 223), mas que, com os excessos cometidos pela PM e pela atuação do movimento resguardando os direitos individuais dos manifestantes, eles foram se consolidando como um *front* jurídico em defesa dos participantes dos atos apreendidos injustamente. Devido à criação dessa rede integrada, muitas informações eram trocadas, assim como em diversos casos familiares, amigos, conhecidos de pessoas que haviam sido presas entravam em contato para pedir assessoria jurídica quanto aos procedimentos cabíveis para a liberdade e *habeas corpus* desses manifestantes. Esse coletivo teve grande importância, pois representou em diversos casos que tinham como acusados jovens que não cometeram crimes, mas que o Estado, em sua condição de acusador, criou pressupostos inverídicos e falsos para criminalizar tais movimentos a partir da personificação de criminosos nos cidadãos que participavam dos atos.

Retoma-se, neste momento, o período que antecedeu o ato do dia 13 de junho. A primeira notícia⁷⁰ destacada pelo perfil do @Estadao fazia referência ao *hackeamento* do site do governo do Estado de São Paulo, onde um convite para o “Quarto Grande Ato” foi colocado no ar, convocando a população a participar de tal mobilização. Os *hackers* alteraram a *homepage* do site governamental e colocaram uma faixa preta com escritas brancas: “Se a tarifa não baixar a cidade vai parar”; abaixo estava o convite: “Dia 13 de junho, 17h. No teatro Municipal de São Paulo! Todos às ruas!”. O prelúdio do que viria ao fim daquela tarde estava anunciado.

Os partidos políticos e seus representantes estavam estarecidos e confusos com os questionamentos e pautas vindo das ruas. Os partidos progressistas buscavam entender as mobilizações para se engajar, os partidos mais conservadores pediam, assim como a mídia, o endurecimento na repressão deste movimento, demonstravam o resultado do “vandalismo” nas ruas, praças, patrimônios públicos e privados, a fim de justificar tais argumentos.

O movimento que encabeçava os atos contra a redução das tarifas do transporte público, o MPL, já se organizava para o “Quarto Grande Ato” contra o aumento das tarifas. Houve a criação de um evento no *Facebook*, que contava com muitos milhares de perfis que confirmaram presença - aproximadamente 28 mil perfis. Esse grande número de perfis envolvidos traz à tona uma perspectiva interessante, assim como afirma Malini (2013), o qual realiza uma análise de muita importância na distinção entre perfis e indivíduos, ao ponto que destaca a solidarização entre estes.

⁷⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/Estadao/status/345031116157227008>>. Acesso em: 20/02/2019

Perfis não, pessoas – por mais que juridicamente se associe uma coisa à outra. Perfil é apenas um modo de ser sujeito, tal como indivíduo também é. Entre os 28 mil confirmados, obviamente, há inúmeros perfis de outros estados, algo supernormal. Para dar força a um acontecimento, a regra do convívio dos “faces” no Brasil é bem simples: posso não ir, mas confirmo presença.

Diante dessa perspectiva é de suma importância compreender que as conexões se estabeleciam em rede por todo o território nacional. Os perfis estavam conectados e, para além disso, os perfis se relacionavam com manifestantes reais, aqueles que compareceriam às ruas, apoiando, se solidarizando com a causa do outro ou participando para dar visibilidade na rede de tal ato. Percebe-se que tínhamos os manifestantes que participavam ativamente “dentro” das manifestações, propagando informações sobre o que estava acontecendo nas ruas, assim como também era visível a participação dos ciberativistas, da frente de seus computadores ou fazendo uso de smartphones, que tratavam de propagar e disseminar informações como vídeos, áudios, fotos e relatos variados para o restante dos usuários que estavam conectados através das redes sociais. Esse aspecto fora percebido após a análise das publicações dos perfis destacados acima pela cartografia de rede. Pode-se ter uma clara distinção entre os perfis que estavam nas manifestações e aqueles que estavam em suas casas interagindo nas redes através de seus *hardwares* e periféricos.

Os perfis dos manifestantes que estavam engajados e participando dos atos nas ruas realizavam destaques bem pontuais, utilizando de fotos, vídeos, etc. Isso foi percebido pelos discursos desses manifestantes. Muitas dessas publicações eram dotadas de sentimentos variados, sejam eles de discordância, indignação ou de revolta pelos conflitos com a PM. Presume-se que isso se deve ao calor do momento das manifestações, ou seja, o material era produzido de forma sucinta e objetiva, não utilizando de outros meios midiáticos para produzir a publicação.

Os perfis que estavam interagindo de suas casas, sem estarem inseridos nas manifestações, não destacavam aspectos específicos, assim como, não publicavam fotos e outros conteúdos produzidos por eles, mas eram reprodutores de conteúdos disponibilizados por outros perfis ou por meio de páginas de outros veículos da mídia tradicional, como: portal de notícias *GI*, *Folha de São Paulo*, etc. Outros perfis preferiam utilizar de páginas e publicações da mídia alternativa, como *Mídia Ninja*, *Twitcam*, etc, para destacar ou se posicionar frente aos seus seguidores, estando a favor, contra ou demonstrando as contradições presentes nas ruas.

Para corroborar com essa perspectiva, temos dois perfis distintos; o primeiro trata-se de @pecesiqueira e devido às suas publicações conclui-se que ele acompanhava as manifestações de sua residência. O segundo perfil, @choracuica, diante das publicações e relatos, pode-se concluir que o usuário e administrador do perfil estava presente no “Quarto Grande Ato” do dia 13 de junho. Percebe-se nitidamente que nas publicações do perfil @pecesiqueira existem muitas generalizações e aspectos superficiais sobre as mobilizações. O mesmo utiliza de republicações, principalmente de perfis referentes a agências de notícias. Dentre umas das publicações demonstrando que ele não está nas mobilizações é: “*O bicho tá pegando em SP. Tô gostando de ver a: mobilização. Fiquei até com vontade de ir lá, mas acho que seria uma má ideia.*”⁷¹. Outra publicação que faz referência à não participação nos atos diz: “*Caralho mano, sons DE GUERRA na rua. Helicópteros, gritos e bombas.*”⁷², ou seja, ele está escutando isso de dentro de sua casa. Em outra publicação, coloca: “*Tão na esquina da minha casa.*”⁷³

Percebe-se claramente a distinção daqueles perfis que acompanhavam as manifestações de sua residência quando publicavam algo contendo um endereço eletrônico do portal de informações *GI*, que realizava a cobertura em tempo real das manifestações⁷⁴. Já quem estava participando ativamente nas ruas, essas publicações são raros casos; os indivíduos buscaram a cobertura do ato em uma página midiática.

Seguindo essa perspectiva, outra questão de grande relevância na análise desse perfil são as comparações feitas. Elas têm como base informações da mídia alternativa e da mídia tradicional, que ocorriam enquanto o movimento se desenrolava. Os perfis que se faziam presentes nos atos vão buscar desconstruir narrativas e distorções num momento posterior, premissa que será discutida adiante neste trabalho.

Por fim, para encerrar a análise e confirmar que o perfil @pecesiqueira estava em casa, ele questiona em outra publicação: “*Vai ter continuidade dos protestos na segunda-feira? Se tiver, vou comparecer eu acho*”⁷⁵. A análise do perfil de @choracuica demonstra entonação e uma perceptível distinção do perfil analisado anteriormente. A tônica das publicações se dá especificamente acerca dos atos. Constatou-se isso, pois muitos relatos demonstram a ação policial, a reação dos manifestantes e a indicações com outros usuários

⁷¹ Disponível em: <<https://twitter.com/pecesiqueira/status/345293772562784256>>. Acesso em: 25/02/2019.

⁷² Disponível em: <<https://twitter.com/pecesiqueira/status/345294776180015104>>. Acesso em: 25/02/2019.

⁷³ Disponível em: <<https://twitter.com/pecesiqueira/status/345303470989008896>>. Acesso em: 25/02/2019.

⁷⁴ Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/protestos/2013/cobertura/>>. Acesso em 25/02/2019.

⁷⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/pecesiqueira/status/345384465318682626>>. Acesso em: 25/02/2019.

nos atos, a fim de evitarem determinados pontos da cidade de São Paulo, com o intuito de preservar a integridade física dos manifestantes. Dentre as principais publicações deste perfil, podemos destacar: “*choque bloqueando a entrada da Consolação pra Paulista*”⁷⁶. É perceptível nessa publicação o interesse em informar aos usuários que a PM está bloqueando determinados pontos que deveriam ser evitados para não resultar em confrontos.

Outra publicação que se destaca faz referência às manobras realizadas, a fim de possibilitar o rápido deslocamento da PM: “*viaturas, muitas fizeram cavalo de pau e tão descendo a consolação a toda*”⁷⁷. Faltam-nos mais detalhes para afirmar onde essas viaturas estavam, mas presume-se que muitas estavam espalhadas pelo centro da cidade de São Paulo, visando reprimir grupos menores que se descolaram da passeata principal. Seguindo a linha das publicações que relatam aspectos presentes nas ruas, estar lá foi muito impactante do ponto de vista dos manifestantes, que sofriam com a ação policial, gerando sentimento de revolta e momentos de desespero, resultado da ação das forças de repressão do Estado: “*menina chorando “ninguém tá quebrando nada.*”⁷⁸. Essa publicação corrobora com muitos outros relatos de manifestantes, repórteres e cidadãos que não participavam dos atos, mas mesmo assim foram atacados diversas vezes, sem nenhum motivo, sem terem cometido atos ilícitos ou violentos.

Diante disso, percebe-se também a contradição de narrativas, seja por parte da mídia tradicional ou pelos representantes das forças de segurança. Os mesmos alegavam que a PM somente entrou em ação, pois os manifestantes estavam depredando bem público ou privado, quando na verdade as fotos, os vídeos, os relatos e muitos outros indícios colaboram para a conclusão que as tropas de choques da polícia agiram diversas vezes para aterrorizar, desmotivar e gerar pânico nos manifestantes, a fim de dispersá-los.

Os relatos do perfil @choracuica continuam numa clara expressão de demonstrar, por meio de uma narrativa simples e objetiva, o que estava se passando nos atos: “*Jogaram bombas perto de onde eu tava, metrô consolação. não tinha manifestante lá. Parece que foi pra EVITAR que a galera entrasse na muvuca*”.⁷⁹ Percebe-se que as forças policiais estavam tratando toda e qualquer pessoa que transitasse em vias públicas como possíveis manifestantes.

⁷⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/choracuica/status/345317070860324865>>. Acesso em: 05/03/2019.

⁷⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/choracuica/status/345318183680499712>>. Acesso em: 05/03/2019.

⁷⁸ Disponível em: <<https://twitter.com/choracuica/status/345321048742449152>>. Acesso em: 05/03/2019.

⁷⁹ Disponível em: <<https://twitter.com/choracuica/status/345324620938891265>>. Acesso em: 05/03/2019.

Seguem, agora, outras três publicações que refletem a estratégia e a ação utilizada pela PM, que consistia em fragmentar ou dispersar um grupo com muitos manifestantes em grupos menores para depois persegui-los com o intuito de expulsá-los do ato ou até mesmo para fins de detenção destes manifestantes: “*Novamente: bomba contra ninguém. acho que tão querendo dispersar quem tá só olhando.*”⁸⁰ e “*Santa Cecilia. Pequeno grupo de manifestantes. MUITA polícia. Os polícia gritando “quem tá com a doze”*”.⁸¹ Ambas publicações destacadas demonstram claramente a estratégia de fragmentar e diminuir grupos para depois persegui-los pela região central. Compreende-se que essa tática foi empregada devido a diversos momentos em que os policiais tentaram deter manifestantes, mas não obtiveram sucesso, pois o grupo era muito grande. Diante disso houve resistência por parte do grande grupo, que forçou até mesmo um policial a sacar sua arma (de munição letal) para se proteger das agressões que partiram dos manifestantes.

Outra tática que foi perceptível tanto do ponto de vista das redes sociais quanto da mídia alternativa ou tradicional foi a de encurralar os manifestantes pelo centro da cidade. Dessa forma, muitos não conseguiam se livrar dos tiros de balas de borrachas e do gás lacrimogêneo. Do ponto de vista das redes sociais, o perfil de @choracuica explicita bem essa tática a partir de sua publicação: “*Eles encurralam o pessoal mesmo. Na consolação, tinha choque em cima e cavalaria embaixo*”⁸². Demonstrou que os manifestantes ficaram presos no meio das forças policiais; se fossem adiante eram recebidos por balas de borrachas e gás lacrimogêneo, se retrocedessem eram atacados pela cavalaria. Foi nesses momentos que os manifestantes buscavam usar táticas de guerrilha urbana e de resistência para defesa. Eles se organizavam em grupos diversificados e passaram a utilizar pedaços de madeira e pedras para revidar a ação policial; para se defender, utilizaram tapumes encontrados em construções ou reformas próximas como escudos a fim de evitar os disparos da polícia. Nem todos esses manifestantes integravam os grupos *black blocs (BB)*, mas viram a necessidade de se proteger frente a situação que foram expostos.

Nesse contexto, os atos que prosseguiram por todo o mês de junho de 2013 contaram com a participação de táticas *black blocs* quando necessário. Era clara a intenção de defender a integridade física dos manifestantes, mesmo diante da contestação da mídia, das redes e até mesmo dos próprios participantes dos atos que não integravam estes grupos.

⁸⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/choracuica/status/345333636612104193>>. Acesso em: 05/03/2019.

⁸¹ Disponível em: <<https://twitter.com/choracuica/status/345343050899402753>>. Acesso em: 05/03/2019.

⁸² Disponível em: <<https://twitter.com/choracuica/status/345384566321713152>>. Acesso em: 05/03/2019.

Percebe-se, devido ao conteúdo das publicações, a clara distinção entre quem participava dos atos interagindo no *Twitter* e quem não participava fisicamente, mas que também interagiu na rede.

Outro fato de grande relevância que se constatou com a análise das fontes, ainda sobre a premissa da diferenciação dos que estavam presentes ou não no ato, se dá sobre a continuidade das publicações. Os perfis que se faziam presentes nos atos cessavam suas publicações por volta das 21h do dia 13 de junho de 2013 e somente retornariam a se fazer presentes nas redes a partir das 22h30. Quando essas publicações retornavam, a tônica do seu conteúdo era diferente. Percebe-se que as postagens anteriormente destacadas eram escritas no calor do momento e na adrenalina dos atos, mas após as 22h tinham um cunho mais racional, uma discussão mais calma, com argumentos e sugestões mais organizadas.

A entonação é clara. Os usuários passam a compreender e a se colocar a par da divulgação de fotos, vídeos, narrativas e distorções produzidas pela grande mídia, mas que não eram a representação e nem a narrativa destes que estavam presentes. A partir disso, esses perfis passavam a contrapor as informações que a mídia tradicional destacou, utilizando de sua própria narrativa, fotos e vídeos capturados durante os atos para rebater afirmações da mídia tradicional. Esses perfis buscavam influenciar e promover a participação de outros perfis que também se faziam presente nas ruas, engrossando o caldo das discussões, exposições de ideias e narrativas, destacando sempre que necessário o enfoque descabido e tendencioso da cobertura das mídias tradicionais.

Presume-se, levando em conta o horário em que os atos se encerravam e o caráter das publicações após as 22h e 23h, que a interrupção das publicações se deve possivelmente ao deslocamento dos manifestantes até suas residências ou, ainda, pela necessidade da realização de higiene pessoal ou para suprir necessidades alimentares. Dessa forma, as publicações retomam a partir desses horários e se percebe, então, que os usuários que estavam nas mobilizações se encontravam em suas residências e a produção do material publicado passa a ter outra perspectiva.

Destaca-se aqui o uso de uma plataforma virtual para postagens de fotos, vídeos e outras mídias produzidas durante os atos por parte dos manifestantes, o *Tumblr*⁸³. Essa rede social possibilita a publicação de conteúdo com maior dinamicidade. Um dos perfis que mais se destacou desta plataforma foi o **feridosnoprotestosp.tumblr.com**. O principal intuito deste

⁸³ Plataforma de *Blogging* que permite aos usuários publicarem textos, imagens, vídeos e áudios. A plataforma está presente neste endereço: <<https://www.tumblr.com/>>. Acesso em: 15/09/2019.

perfil foi de divulgar fotos, vídeos e relatos de manifestantes que estavam presentes nos atos e que de alguma forma foram agredidos, feridos ou que presenciaram algum ato de agressão por parte da PM, registraram o momento e disponibilizaram na rede. As publicações presentes neste perfil adotaram um tom muito peculiar, pois as críticas eram acompanhadas de fotos, que demonstravam a indignação da população e a maneira que os manifestantes foram tratados pelas forças de repressão do Estado. Outra perspectiva que se apresentou nesse perfil foi a de contrapor e desconstruir narrativas disseminadas pelos representantes políticos repressivos e pelos meios da imprensa tradicional.

A divulgação do endereço supracitado se deu de diversas formas, mas principalmente pelo *Twitter*. Percebe-se essa premissa na publicação de @*tavasconcellos*, demonstrando indignação e divulgando tal perfil: “ninguém, nenhum povo deve aceitar isso como sendo “normal”. não é. Não pode ser. feridosnoprotestosp.tumblr.com.”⁸⁴. Seguindo nessa mesma linha e buscando incentivar os manifestantes a registrarem através de fotos e vídeos o que estava acontecendo, o perfil @*choracuica* publicou: “moçada, mais que nunca: FILMEM E FOTOGRAFEM LOUCAMENTE. Filmem e fotografem como se vcs fossem turistas japoneses no grandcanyon”⁸⁵. Esse é outro fator que colabora com a perspectiva que as manifestações não eram retratadas de forma adequada pela mídia tradicional, pois foi necessária a criação de um perfil numa rede social para aglutinar provas, indícios e narrativas para rebater o posicionamento da mídia.

A mídia buscava mostrar os manifestantes em algum tipo de situação comprometedora, como depredação de bens públicos e privados, mas não demonstrava como eles eram tratados pelas forças de repressão do estado ou que membros das corporações policiais praticavam atos de depredação para responsabilizar os participantes dos atos. Cabia aos próprios manifestantes criarem formas para demonstrar à população de forma geral que a perspectiva demonstrada pelas mídias tradicionais servia simples e puramente a deslegitimar o movimento, associando-os a toda e qualquer atitude violenta, ignorando que a atitude tomada pelos manifestantes, por diversas vezes, era uma reação à ação violenta e descabida por parte do Estado.

Outro aspecto que foi percebido a partir das análises das fontes e que apresentou fortes indícios para se chegar a essa conclusão é a de que os perfis, durante o dia, antes da realização dos atos, faziam duas ou três publicações dialogando e destacando aspectos acerca

⁸⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/tavasconcellos/status/345357361004826624>>. Acesso em: 19/09/2019.

⁸⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/choracuica/status/345276105458081793>>. Acesso em: 05/03/2019.

das manifestações que aconteceriam no dia ou dos atos anteriores. A partir das 17h ou 18h as publicações se intensificavam de forma estrondosa. Durante os atos, nenhum dos perfis analisados produziu um número menor que dez publicações, todas destacando aspectos como fotos, vídeos, relatos e desabafos sobre o que estava ocorrendo na rua. Os perfis eram monopolizados pelo assunto “tarifa”, “protesto”, “direito”, etc.

Um dos fatos que chamou a atenção antes do início do “Quarto Grande Ato” é a presença de fortes indícios da repressão policial e dos excessos que aconteceriam naquele dia. Isso é nítido na publicação de @gaiapassarelli: “40 são presos ANTES do início da manifestação @lucasrohan além do repórter da Carta Capital, fotógrafo do Terra foi preso.”⁸⁶. A publicação destaca que 40 manifestantes já haviam sido detidos antes mesmo do início da manifestação; destacou ainda, com maior indignação, que, dentre esses detidos, os trabalhadores da imprensa estavam sendo encaminhados para as delegacias mais próximas para serem averiguados.

Dentre umas das questões que aparecem nas publicações do *Twitter* e que foram emblemáticas desse dia, foi o tom de ironia utilizado. Para muitas pessoas esse dia ficou conhecido como a “*Revolta do Vinagre*”, pois muitos manifestantes, repórteres e fotógrafos foram detidos simplesmente por possuírem vinagre entre seus pertences, produto que auxilia na diminuição dos efeitos do gás lacrimogêneo, mesmo que não se tenha comprovação científica dos resultados de sua eficácia. A ironia por causa da apreensão desses manifestantes por posse de vinagre foi tão grande que as alegorias a esse descabimento ressoaram pelas redes como, por exemplo “*Revolta do Vinagre*”, “*Revolta da Salada*” e até mesmo o filme “*V de Vingança*” foi relacionado nas redes como “*V de Vinagre*”.

Dentre as publicações que reverberaram no *Twitter*, destacamos algumas, como é o caso do perfil @pecesiqueira, que realizou a postagem a seguir, questionando o quanto perigoso poderia ser o vinagre: “*vinagre PUTA ARMA PERIGOSA*”.⁸⁷. O perfil @tavasconcellos também tratou com ironia a apreensão de manifestantes e repórteres portando tal condimento: “*cuidado! Estou portando uma garrafinha de azeite. Ainda pode ou também virou crime?*”⁸⁸. Essas publicações dão o tom do quão descabida foi a ação policial na apreensão de pessoas que portavam vinagre. Destaca-se ainda que, devido a esse fato e às prisões decorrentes da posse do condimento, as redes sociais, os meios de mídia alternativos, teóricos e cientistas passaram a figurá-la como a “*Revolta do Vinagre*”.

⁸⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345285432516415488>>. Acesso em: 09/03/2019.

⁸⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/pecesiqueira/status/345297266011164673>>. Acesso em: 25/02/2019.

⁸⁸ Disponível em: <<https://twitter.com/tavasconcellos/status/345328067050356736>>. Acesso em: 19/03/2019

Diante da ação policial, pode-se compreender que as forças de repressão do Estado consideraram todo e qualquer manifestante como um “inimigo”. Em diversas ocasiões foram criados artifícios e instrumentos para imposição do medo, visando reduzir o número de manifestantes que fariam oposição ou resistência às ações policiais. A publicação do perfil @gaiapassarelli demonstra muito bem o sentimento que se suscitou na manifestação: “o clima *NÓS* contra *ELES* tá gritando hoje.”⁸⁹, ou seja, o clima de polícia contra manifestante rondava o imaginário dos manifestantes e usuários das redes. Acredita-se que pelas ações demonstradas esse era o sentimento dos policiais também.

Um das perspectivas que mais se destacaram tanto nas redes quanto nas ruas deu-se na contextualização histórica acerca da violência policial, questão que há muito tempo vem sendo alvo de denúncias e debates em diversas esferas da sociedade civil. A violência policial é um problema histórico brasileiro, não surgiu em junho de 2013, mas o que de fato aconteceu foi o deslocamento desta violência institucionalizada. Tratando-se desse deslocamento é possível afirmar que a violência policial é há muito tempo cometida nas regiões periféricas das grandes cidades. No referido ano de 2013, a violência, como muitos manifestantes também destacaram, “apenas desceu o morro”. Naquele momento, ela passou a figurar e se explicitar nas regiões centrais das cidades. A violência, que até então era realidade cotidiana para os moradores das periferias, passou a ser proferida no centro das grandes capitais brasileiras, na função de reprimir os manifestantes e os atos realizados por eles. Demonstrando, assim, que a violência policial é um sintoma histórico da desigualdade social brasileira, da mesma forma que é um resquício do período ditatorial brasileiro. Os atos violentos cometidos pela PM apenas instigaram grande parte dos manifestantes a refletir e a bradar em alto e bom som “*Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da Polícia Militar*”.

Frente a todo esse ambiente criado e os conflitos propiciados nas ruas entre manifestantes e a corporação policial, as publicações no *Twitter* também se intensificaram, o que resultou em muitos debates. Analisar-se-á agora alguns dos perfis que mais se destacaram diante desse tema, pois suscitaram críticas, posicionamentos e indignações.

Destaca-se, *a priori*, o perfil @gaiapassarelli, que questionou as atitudes da polícia: “*Esta Polícia Militar não serve. Já não servia na ditadura. Não servia no Carandiru. Não servia nos ataques do PCC. E não...*”⁹⁰. Percebe, nessa publicação, questionamentos acerca da efetividade da polícia e da função que ela desenvolve. O usuário ressaltou a participação

⁸⁹ Disponível em: <<https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345373729221640194>>. Acesso em: 09/03/2019

⁹⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345385354708279296>>. Acesso em: 09/03/2019

policial e os resultados da ação em alguns eventos traumáticos da história brasileira. Explicitou em outras palavras que a atuação da PM, historicamente, é violenta e que se pode atribuir essa responsabilidade ao treinamento que os soldados recebem. Em outra publicação, o referido perfil direcionou questionamentos aos cidadãos que defendiam a ação da PM nas manifestações. Relacionou os referidos defensores aos que também a defendiam e denunciavam durante a ditadura militar: “*Anotando quem elogia a ação da polícia me deduraria para o DOPS em uma volta da ditadura militar.*”⁹¹. Ambas as publicações suscitam e refletem o que se questiona há um longo período de tempo no Brasil, não somente acerca da violência policial cometida, mas sim do treinamento realizado pela polícia, que não tem enfoque na defesa dos direitos dos cidadãos e de seu bem-estar.

Nos atos de junho de 2013, tivemos claras amostras de que o treinamento realizado pela polícia não condiz com um “estado democrático de direito”, muito menos visa a defesa sociedade ou dos direitos civis de cada cidadão, mas que está alicerçado na defesa do Estado e da propriedade privada, entre outros preceitos capitalistas. A polícia se demonstrou despreparada para lidar com manifestações civis, tratou de forma agressiva e desproporcional, despertando repúdio e questionamentos acerca de sua ação em diversos órgãos de direitos humanos internacionais, mas acima de tudo o treinamento dado às corporações não condiz com uma sociedade dita democrática. Essa perspectiva ficou evidente na publicação de @gaiapassarelli: “*Cara, é muito sério o que aconteceu hoje. A PM massacrou, barbarizou rasgou e trucidou qualquer “estado democrático.*”⁹²

Em outra publicação, o perfil @tavasconcellos questiona a conduta da PM: “*a discussão é sobre a conduta da polícia, instituição organizada e treinada, que deveria garantir a nossa segurança em qualquer situação.*”⁹³. A premissa dessa publicação reflete, por um lado, a indignação com a ação policial e demonstra, por outro, o desconhecimento histórico ou sociológico acerca do desenvolvimento das forças de repressão estatal. Esses órgãos têm como pressuposto fundamental a manutenção do Estado hegemônico, antes de qualquer outro pressuposto, como garantir a proteção e segurança de qualquer cidadão.

A questão suscitada acima ficou evidente no ato de 13 de junho de 2013, pois a garantia da segurança e da proteção da população civilmente organizada foi deixada em segundo plano quando houve ataques a patrimônios públicos e privados. Destaca-se, porém,

⁹¹ Disponível em: <<https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345277052326408192>>. Acesso em: 09/03/2019

⁹² Disponível em: <<https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345365797201408000>>. Acesso em: 09/03/2019

⁹³ Disponível em: <<https://twitter.com/tavasconcellos/status/345356301527822338>>. Acesso em: 19/03/2019

que a prerrogativa do ataque a essas instituições era resultado da ação policial, ou seja, na maioria dos casos as depredações só aconteceram posteriormente à ação descabida da PM.

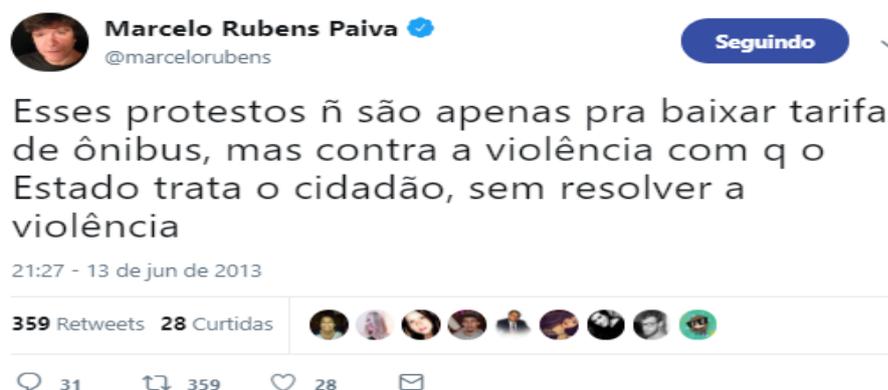
A ação em conter esses manifestantes se pulverizou sobre todos os cidadãos, até mesmo os que não estavam envolvidos nas manifestações ou aqueles que não estavam envolvidos em atos de depredação; todos foram tratados com tal ou maior agressividade. Concluindo que a PM se preocupou mais com a defesa do patrimônio estatal e privado, em detrimento da proteção e integridade física dos cidadãos presentes nos atos.

Seguindo a mesma perspectiva de desconhecimento ou resultado de distorções sociais, o perfil de @pecesiqueira fez a seguinte publicação: “*Seria tão, mas tão legal se a polícia fosse assim com bandidos. Nas vezes que apontaram uma arma pra minha cara, não tinha nenhum na Paulista*”⁹⁴. Percebe-se um grande desconhecimento acerca de como as comunidades mais pobres são tratadas, onde as armas não são apontadas apenas para indivíduos que cometem atos ilícitos, mas são apontadas e disparadas contra as populações periféricas a esmo. Essa publicação é uma demonstração clara do desconhecimento dos contextos sociais presentes numa mesma cidade. Não cabem aqui julgamentos sobre tal publicação, mas percebe-se que, devido à inserção social e por diversas vezes desconhecimento dos contextos contraproducentes na sociedade, ocorrem tais equívocos e distorções. Como ressaltado anteriormente, a repressão policial deixou a periferia e foi para o centro, o que causou espanto nos moradores de regiões ocupadas pela elite, e que, para as populações periféricas, aquela ação policial, não era novidade em seu cotidiano.

Uma das publicações que mais refletiu isso foi a do perfil @marcelorubens que realizou uma leitura muito precisa acerca da ação policial. Destaca-se, ainda, que essa postagem gerou diversas interações, debates e discussões, como pode ser percebida em seu elevado número de republicações (retuítés). Devido a isso, utilizaremos ela na íntegra. Essa fonte suscita a narrativa e perspectiva do tratamento do Estado para com o cidadão, assim como com as pautas que estes apresentam.

⁹⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/pecesiqueira/status/345325152340426754>>. Acesso em: 25/02/2019

Figura 5 - Publicação com maior interação do perfil @marcelorubens.



Fonte: Twitter⁹⁵

Essa publicação obteve grande taxa de disseminação e foi, senão a primeira, uma das primeiras a destacar que os protestos não eram apenas pela questão tarifária do transporte público, mas também de como o Estado tratou e ainda trata com violência as demandas populares da sociedade; ou seja, a pauta começa a sofrer diversificações ainda com o “Quarto Grande Ato” em andamento, principalmente acerca da violência do Estado contra o cidadão, mas que não resolve a violência presente na sociedade. Parte-se do princípio de que o Estado utiliza a violência para combater a violência, discussão já feita e refeita, mas que concretamente pouco resolve o problema, gerando apenas mais atos violentos.

A atuação da PM também foi tratada de forma irônica por alguns perfis, principalmente o perfil de @marcelorubens e @pecesiqueira. Dentre as publicações, ambos perfis trataram de forma descontraída a ação policial. Seguem algumas dessas publicações do perfil de @marcelorubens: “A polícia ocupa a Paulista, fecha avenida, pra manifestante não se manifestarem. Dá pra entender?”⁹⁶. Essa publicação faz referência a uma fala dos representantes do governo estadual Geraldo Alckmin e do prefeito de São Paulo, na época, Fernando Haddad. Ambos comentaram que a polícia evitaria que os manifestantes se concentrassem ou fechassem a Avenida Paulista nas próximas manifestações. Diante disso, o perfil de @marcelorubens ironiza a ação policial, pois a polícia fechou a Paulista para que os manifestantes não fizessem esse bloqueio.

Outra publicação, ainda do mesmo perfil, deu ares sarcásticos no *Twitter*, dado o fato de que os manifestantes presentes nos atos pediam calma à polícia e que evitassem a depredação do patrimônio público. Segue a postagem: “Manifestantes pedem calma a polícia

⁹⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/marcelorubens/status/345351835168698368>>. Acesso em 21/02/2019.

⁹⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/marcelorubens/status/345329527397961728>>. Acesso em: 21/02/2019.

e pedem que não vandalizem a Paulista”⁹⁷. Essa foi uma das questões mais emblemáticas, pois os próprios manifestantes pediam calma à polícia em sua ação, demonstrando a contradição presente no ato do dia 13 de junho de 2013.

Diversas publicações continham imagens e vídeos que demonstravam por diversas vezes a polícia destruindo patrimônio público. Seguem algumas postagens para elucidarmos tais afirmações. O perfil @gaiapassarelli publicou: “*na esquina da Santos com a Paddock, vi um policial atirar numa lixeira no meio da rua. com estes olhos que a terra há de comer.*”⁹⁸ Em outra publicação, ela expõe “*Policial destruindo vidro do próprio carro (anexou um vídeo de Youtube que foi retirado do ar).*”⁹⁹. O perfil @pecesiqueira também realizou publicações alertando que polícia estava fabricando evidências para justificar suas ações. Na postagem constava um vídeo do exato momento em que um policial quebrava o vidro da própria viatura, segue a publicação: “*Polícia FABRICANDO EVIDÊNCIA quebrando o vidro da própria viatura (anexou o endereço do vídeo que foi removido da rede) provavelmente para justificar a própria violência.*”¹⁰⁰

Seguindo a mesma linha irônica das publicações, @marcelorubens expôs: “*A Polícia ocupa a Paulista e comemora jogando bombas e atirando balas de borracha*”.¹⁰¹ Essa publicação dá ênfase à utilização desproporcional de disparos de balas de borracha e também das bombas de gás lacrimogêneo em lugares que não se concentravam manifestantes. Se por um lado isso é bom, pois não ataca a integridade física dos manifestantes, por outro lado é ruim, pois causa um enorme desperdício de receitas públicas na obtenção de projéteis de bala de borracha e de bombas de gás lacrimogêneo. Os preços desses produtos variavam em 2013. Segundo a Lei nº 12.527/2011 (Lei de acesso às informações públicas), cada projétil de bala de borracha custava entre R\$ 25 e R\$ 28. As bombas de gás lacrimogêneo entre R\$ 200 e R\$ 230. Não se tem dados precisos acerca da quantidade de artefatos usados, mas se supõe que o uso a esmo, sem ter necessidade aparente, custou valores estratosféricos aos cofres públicos.

O perfil @marcelorubens fez ainda uma publicação que faz referência à fala do prefeito de São Paulo, na manhã do dia 13 de junho de 2013, reconhecendo que a população tem o direito de manifestação, mas que atos com o uso da violência impedem o diálogo e que

⁹⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/marcelorubens/status/345330092987277312>>. Acesso em: 21/02/2019.

⁹⁸ Disponível em: <<https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345352017063063553>>. Acesso em: 09/03/2019.

⁹⁹ Disponível em: <<https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345365845431697409>>. Acesso em: 09/03/2019.

¹⁰⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/pecesiqueira/status/345384465318682626>>. Acesso em: 25/02/2019.

¹⁰¹ Disponível em: <<https://twitter.com/marcelorubens/status/345330514854551552>>. Acesso em: 21/02/2019.

manifestações com violência seriam reprimidas fortemente. Em sua publicação, o perfil @marcelorubens trata essa questão com ironia, quando se posiciona: *“Haddad diz q manifestantes tem direito de se manifestar, mas q a violência deve ser reprimida. Alckmin reproduziu só a segunda parte do discurso.”*¹⁰². O tom de ironia aparece tratando e associando as ações da Polícia ao governo do Estado de São Paulo, ou seja, o governador Geraldo Alckmin está preocupado simplesmente em reprimir “atos de violência”, mas utilizou-se da PM para impedir que a população exercesse seu direito à manifestação. O mesmo perfil segue alertando na rede: *“A PM tomou o poder”*¹⁰³, referindo-se à violência e repressão com que as forças de repressão policial trataram os atos. A instituição policial tinha o aval do governo; sendo esse o órgão de representação máxima do estado, a PM estava agora avalizada, tomou o poder desse órgão para si e assim o utilizou com oportunismo e conveniência.

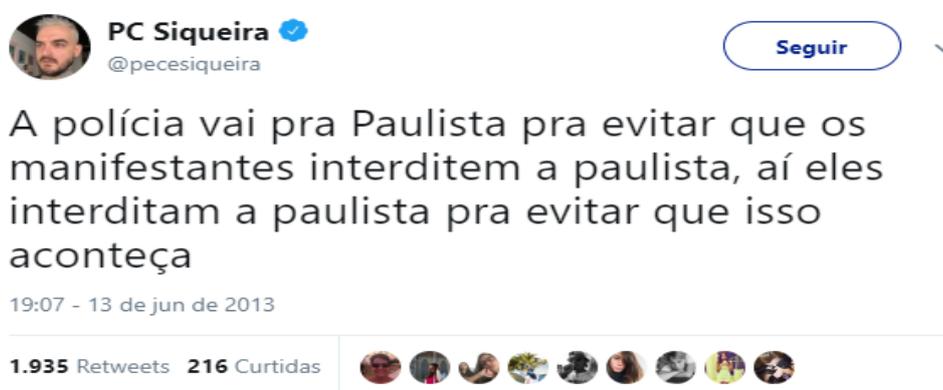
O perfil de @pecesiqueira também tratou com ironia algumas atitudes da PM, como a fabricação de provas nas manifestações, destruição de viaturas policiais, entre outros descabimentos com patrimônio público: *“Na real quem tá quebrando tudo em SP hoje é a polícia. o_O”*¹⁰⁴, demonstrando que os excessos cometidos pelas forças policiais estavam muito além da repressão à manifestação, mas que eram também atos contra o próprio patrimônio público, sendo que a PM usou a justificativa de evitar esse tipo de depredação para cometer tais exageros. O mesmo perfil ainda realizou uma postagem que teve o maior número de republicações (retuítés), canalizando em grande parte o sentimento dos manifestantes e dos internautas em torno da interdição e ocupação da Avenida Paulista:

¹⁰² Disponível em: <<https://twitter.com/marcelorubens/status/345331709354602496>>. Acesso em: 21/02/2019.

¹⁰³ Disponível em: <<https://twitter.com/marcelorubens/status/345332863270539264>>. Acesso em: 21/02/2019.

¹⁰⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/pecesiqueira/status/345332495316836352>>. Acesso em: 25/02/2019.

Figura 6 -Publicação com maior interação do perfil @pecesiqueira.



Fonte: Twitter¹⁰⁵

A publicação corrobora com a questão anteriormente destacada acerca do fechamento da Avenida Paulista. A Polícia Militar foi para a Paulista e a fechou, não para que os manifestantes não a interditassem, mas para criar uma justificativa plausível para utilizar da repressão contra os atos. Para além do tom debochado presente nas postagens, pode-se perceber que a PM não estava preocupada em evitar transtorno, engarrafamentos e manter a ordem, ou até mesmo o discurso que foi propalado pelos meios da mídia tradicional ou perfis mais conservadores, de manter o direito de ir e vir. Destaca-se que o principal intuito era propiciar ocasiões, oportunidades e um cenário para que pudesse agir de forma truculenta e desproporcional, a fim de intimidar e coagir os manifestantes. Dessa forma, buscou criar um ambiente que impossibilitasse novas mobilizações em prol da redução da tarifa, tática que não surtiu efeito, pois nos dias posteriores a 13 de junho de 2013 houve massificação e intensificação das manifestações, assim como a pluralização e diversificação da pauta nas ruas e nas redes.

Diante da análise dos perfis e do teor de suas publicações, pode-se perceber claramente a utilização de aspectos referentes ao lugar de fala de cada indivíduo. Durante a análise dos perfis, algumas percepções e questões saltaram aos olhos, como, por exemplo, cada perfil e indivíduo responsável visava expor suas ideias, de modo geral, relevantes aos atos, mas que, além das exposições, ficava nítido seu posicionamento.

Para além desses posicionamentos, era possível perceber diversas características que apontavam para o lugar de atuação, para o cotidiano e o exercício de suas atividades. Alguns

¹⁰⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/pecesiqueira/status/345316473792786433>>. Acesso em 25/02/2019.

mais voltados para questões como a cobertura midiática, para a política institucionalizada, para o público jovem, entre outras. Dentre os perfis que podemos identificar esses posicionamentos, o perfil de *@jeanwyllys_real* demonstrou claramente seu posicionamento político, assim como cobrou explicações às instituições estabelecidas, sejam elas políticas, policiais. Os perfis como *@tavasconcellos*, *@gaiapassarelli* e *@marcelorubens*, devido a sua atividade jornalística, televisiva, editorial, etc, se voltaram mais para as agressões de jornalistas, repórteres e atores da mídia, para relatos e premissas constitucionais. O perfil *@choracuica* voltou-se para os relatos dos aspectos e situações ocorridas em tempo real na rua e o perfil *@pecesiqueira* demonstra aspectos para a comunicação e diálogo com o público jovem.

Para exemplificar claramente esses posicionamentos e a utilização do lugar de fala no *Twitter*, utilizaremos o perfil do então deputado Federal pelo PSOL, Jean Wyllys, endereçado no *@jeanwyllys_real*. Em quase a totalidade das publicações advindas desse perfil, o cunho político institucionalizado e representativo é facilmente percebido. Dentre as publicações realizadas por esse ator político, é perceptível seu posicionamento ao ponto que verbaliza diversas críticas e questionamento ao governo federal, estadual e municipal. Foram seis publicações que demonstraram essa perspectiva. Ele enumerou suas publicações para deixar bem clara a criação de uma pauta que deveria ser discutida, ao ponto que elencava pressupostos para realizar diversas ponderações e esclarecimentos a entidades e órgãos específicos. Vamos a eles.

Em sua primeira publicação, o questionamento envolve primeiramente o Ministro da Justiça durante os atos de 2013, José Eduardo Cardozo, e seu posicionamento em oferecer ajuda ao Estado de São Paulo para evitar atos e ações ilícitas nas manifestações. Segue a publicação do perfil *@jeanwyllys_real*: “*1. Qual o motivo do ministro da justiça oferecer ajuda numa questão que não é a princípio, federal.*”¹⁰⁶. A declaração do Ministro da Justiça foi publicada em diversos veículos de mídia, onde ele discorre que crimes e atos ilegais devem ser investigados pela Polícia Estadual, mas segundo ele: “*O governo federal está à disposição para aquilo que for necessário, para aquilo que nos for solicitado pelo governo do estado de São Paulo ou por qualquer outro governo que acredite que nós possamos ajudar nessa área*”¹⁰⁷. Na publicação seguinte, o deputado levanta pressupostos acerca do

¹⁰⁶ Disponível em: <https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/345324631781154816>. Acesso em: 26/02/2019

¹⁰⁷ Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/governo-federal-esta-disposicao-para-ajudar-sp-afirma-ministro.html>>. Acesso em: 26/02/2019.

alinhamento entre os governos e a perspectiva de defender os empresários ligados ao transporte público: “2. *O alinhamento entre os governos federal, estadual e municipal em defender os interesses dos empresários dos transportes é descarado*”¹⁰⁸. A perspectiva dessa publicação suscita a discussão acerca do alinhamento do governo do PT, atrelado a nível federal e municipal, perante as bases de apoio dos partidos políticos detentores do poder.

O deputado continua pautando questões acerca do mesmo discurso utilizado pelos três governos, que passaram a criminalizar o movimento que almejava a redução do transporte público: “3. *Chega a ser canalhice dos três governos a tentativa de criminalizar o movimento em São Paulo e de acusá-lo de violência.*”¹⁰⁹. Partindo da mesma premissa, existe o questionamento quanto ao uso da repressão policial em vez do diálogo: “4. *Em vez de dialogar e entender a reivindicação dos manifestantes, os três governos preferem insistir com a repressão violenta.*”¹¹⁰. Essa publicação explicita bem o ambiente criado entre o Estado e os cidadãos, perspectiva que pode ser percebida na realização do “Quarto Grande Ato”.

Em sua quinta e última publicação, o então deputado destaca que outros órgãos internacionais condenaram as atitudes tomadas pela PM, enfatizando que, como representante da população e dos preceitos ligados ao partido que integra, as responsabilidades devem ser cobradas: “5. *A anistia internacional já condenou a violência da PM de São Paulo e nós iremos cobrar responsabilidade por toda violência praticada!*”¹¹¹. O perfil também cobra as devidas explicações pelo posicionamento do ministro da Justiça, por fim: “*O ministro Eduardo Cardozo terá de se explicar em relação a sua postura diante as manifestações em SP.*”¹¹². Na mesma data em que foi realizada a publicação, Jean Wyllys protocolou junto à Câmara dos Deputados um Requerimento de Informação (RI) nº3302/2013 que solicitava informações referentes às declarações feitas pelo ministro. Entre os principais questionamentos presentes no requerimento, destacam-se: o pedido de informações por parte do Ministro à Polícia Federal, questionando sobre os manifestantes e qual seria o intuito dessas informações; se houve pedidos de ajuda por parte dos governos do Estado de São Paulo e do Rio de Janeiro ao ministério da Justiça; destaca, também, que a

¹⁰⁸ Disponível em: <https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/345324976385171457>. Acesso em: 26/02/2019.

¹⁰⁹ Disponível em: <https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/345325607892168704>. Acesso: 26/02/2019.

¹¹⁰ Disponível em: <https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/345326039129550848>. Acesso: 26/02/2019.

¹¹¹ Disponível em: <https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/345326314712100866>. Acesso: 26/02/2019.

¹¹² Disponível em: <https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/345336686252814336>. Acesso: 26/02/2019.

declaração do ministro predispõe, assim como a mídia, os governos estaduais e municipais, a criminalização dos movimentos sociais, assim como de seus participantes.

Diante dessas publicações, pode-se perceber o posicionamento político e a utilização do lugar de fala do então deputado, como, por exemplo, dentre os pressupostos de que o PSOL também faz parte do espectro político da esquerda brasileira, assim como o PT (à frente do governo federal e do governo municipal de São Paulo). O PSOL, há muito tempo, já se colocava como oposição ao governo do Partido dos Trabalhadores (PT). As publicações refletem claramente os motivos dessa oposição, entre eles a aliança promovida com empresários dos mais variados segmentos, assim como com instituições financeiras especulativas que serviram de base de apoio nas gestões petistas.

De outra perspectiva, outro posicionamento que despertou a oposição por parte do PSOL é em relação àquilo que não foi realizado nos governos do PT, como a reforma agrária, tributária e política, premissas que sempre permearam historicamente a luta e o desenvolvimento do Partido dos Trabalhadores, mas que após assumir efetivamente o governo federal passaram para o segundo plano, assim como muitos outros fatores que geraram tal oposição. Perante os aspectos citados e as publicações realizadas pelo perfil *@jeanwyllys_real*, percebe-se claramente o lugar de fala, tanto pessoalmente quanto em relação ao cargo de deputado, assim como as premissas e preceitos defendidos pelo seu partido.

Um fato que marcou e se fez presente no *Twitter* no dia 13 de junho de 2013 foi a enquete realizada no programa “Brasil Urgente”, que tem como apresentador José Luiz Datena. Essa questão fora comentada brevemente durante o estudo, mas agora será discutida partindo da perspectiva das redes sociais. O apresentador, assim como grande parte da mídia, buscou deslegitimar e criminalizar o movimento, utilizando-se de palavras como “baderneiros”, “marginais”, “vândalos” e muitas outras definições a fim de desacreditar as pautas propostas pelos manifestantes. O apresentador destacava, segundo Viana (2013, p. 53), que o “protesto tem que ser pacífico, não pode ter depredação, não pode impedir a via pública. A manifestação só é legítima quando não atrapalha”, demonstrando sua desaprovação quanto aos atos que ocorriam.

Como é comum em seu programa diário, o apresentador propõe enquetes para que a população possa participar ativamente, expressando sua opinião sobre determinados assuntos. Nesse dia, especificamente, ele propôs, após expor sua opinião sobre as manifestações, que era contra as manifestações com “quebra-quebras”. O apresentador,

então, propôs a seguinte enquete: “*Você é a favor deste tipo de protesto?*”¹¹³. A partir desse momento, a população começou a participar da enquete respondendo “*sim*” ou “*não*”. Para surpresa e espanto do apresentador, as pessoas que concordavam com os protestos com “quebra-quebra” estavam disparadas na frente. Percebendo isso, o apresentador realizou novos discursos se posicionando contrariamente, que não participaria e que votaria na opção “*não*” e assim por diante. O seu discurso em nada modificou a votação da enquete e o “*sim*” permaneceu abrindo vantagem sobre o “*não*”. Quando o resultado da enquete estava em 1.943 votos para “*não*”, e 3.025 para o “*sim*”, o apresentador propôs uma nova enquete, pois, segundo ele, as pessoas não haviam entendido a pergunta realizada.

Uma nova pergunta foi lançada: “*Você é a favor de protesto com baderna?*”. A votação foi liberada e a opção “*sim*” disparou novamente à frente do “*não*”, contrariando a expectativa do apresentador e demonstrando que a população havia entendido ambos os questionamentos. O apresentador ressalta que: “a voz do povo é a voz de Deus” e continua “já deu pra sentir: o povo tá tão pê da vida [...] que apoia qualquer tipo de protesto” (VIANA, 2013, p. 54). Quando o apresentador pediu a retirada da enquete do ar, os resultados eram expressivos: 998 votos para “*não*” e 2.351 votos para “*sim*”.

Percebe-se que o erro ao qual o apresentador faz referência não está na pergunta, mas sim na estrutura apresentada à população, além de como o Estado trata o cidadão quando ele reivindica soluções e pautas propositivas. A mesma população que participou da enquete e que se solidarizou com os manifestantes presentes nos atos sofre dia após dia com a violência institucional realizada pelo Estado, pelos valores absurdos do transporte público e pelas condições precárias que tais serviços apresentam, onde o usuário é feito refém do lucro das empresas que prestam tais serviços.

Essa enquete reverberou no *Twitter*, pois foram identificados dois perfis que a destacaram: @gaiapassarelli e @marcelorubens. No perfil de @gaiapassarelli, houve duas publicações: “*GO, DATENA, GO. Entre bandido e polícia prefiro a polícia entre povo e polícia prefiro o povo*”¹¹⁴. O conteúdo demonstra que a autora concorda com a frase proferida pelo apresentador José Luiz Datena, após a retirada da enquete do ar e, após o resultado, se viu obrigado a mudar seu discurso. Em outra publicação do mesmo perfil, destaca: “*que alguém, tem coragem de omitir opinião! Datena e comentaristas do UOL defendendo os protestos. Isso deve significar alguma...*”¹¹⁵. Ela destaca a mudança de discurso tanto de

¹¹³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7cxOK7SOI2k>>. Acesso em: 15/05/2019

¹¹⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345289521497255936>>. Acesso em: 09/03/2019.

¹¹⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345292108019666945>>. Acesso em: 09/03/2019.

Datena quanto dos jornalistas do UOL, demonstrando que a visão que a mídia tinha acerca dos atos estava sendo modificada, seja pelos ataques deferidos pela PM contra a imprensa ou os órgãos de imprensa. As agências midiáticas queriam se fazer acreditar que estavam olhando com novos olhos para os atos.

O perfil @marcelorubens destacou, em sua publicação, que “*Datena fez enquete: Você é a favor de protesto com baderna? O resultado estava 2.179 no sim e 915 no não quando ele mudou o discurso.*”¹¹⁶. Essa publicação destaca também a mudança de discurso por parte do apresentador Datena após a realização da pesquisa. Cabe destacar que a enquete realizada por Datena também repercutiu no *Twitter* e gerou diversas discussões, interpretações e demonstrou que o enfoque dado pela mídia estava sendo alterado, seja pelo constrangimento público como o ocorrido na enquete destacada anteriormente, seja pela adesão da população ou até mesmo pelos ataques sofridos pela mídia. Esses podem ser elencados como alguns motivos entre tantos outros que também se encaixariam nesta perspectiva.

Um das principais percepções que se comprovou por meio das análises das publicações do *Twitter* foi a de que, antes mesmo da tomada da pauta por parte da mídia tradicional nos dias seguintes ao 13 de junho de 2013, a diversificação e pluralização da pauta foi apresentada antes mesmo do findar do “Quarto Grande Ato”. As publicações que serão apresentadas neste momento demonstram as tendências e as influências que posteriormente seriam disseminadas pela grande mídia. As publicações que tratam acerca da ampliação da pauta partem principalmente dos perfis de @gaiapassarelli, @choracuica, @tvasconcellos e @leorossato. Cabe destacar que o perfil @leorossato consta na cartografia realizada pelo LABIC, mas que a obtenção de suas publicações referentes ao dia 13 de junho de 2013 não foi possível, pois ele provavelmente modificou as configurações de privacidade de tais publicações ou as deletou, impossibilitando a visualização. Devido a isso, utilizou-se da publicação do referido perfil que alcançou grande número de republicações (retuítés), a partir de Ortelado (2013, p. 102).

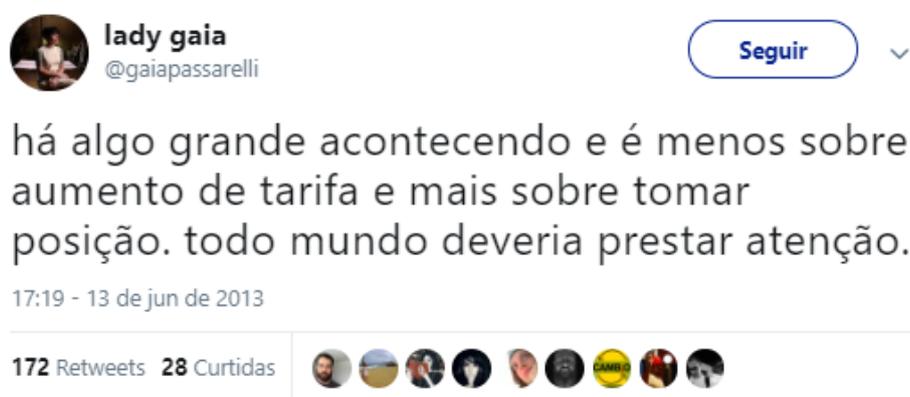
A referida publicação feita pelo perfil @leorossato diz respeito ao direito de livre manifestação: “*A tarifa virou a menor das questões agora. Os próximos protestos precisam ser, antes de tudo, pela liberdade de protestar.*”. Diante dessa publicação pode-se perceber que, devido à desproporcionalidade da ação do Estado e de suas forças de repressão, a perspectiva da redução tarifária do transporte público, nas próximas manifestações, deveria

¹¹⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/marcelorubens/status/345346985072685056>>. Acesso em: 21/02/2019.

se tornar “a menor das questões”. Percebe-se claramente que a intenção do interlocutor não é a de desprezar as reivindicações do movimento, mas de destacar que a própria liberdade de expressão e o direito à livre manifestação estavam ameaçados pelas ações do Estado.

O perfil de @gaiapassarelli realizou a publicação apresentada na sequência, sendo que ela teve maior grau de difusão e proeminência de todas as outras publicadas em seu perfil. Ou seja, foi a mais disseminada e que gerou o maior de interações entre os usuários e seguidores, demonstrando que a postagem aglutinou o sentimento e a mentalidade de muitos manifestantes e usuários do *Twitter* sobre qual era a perspectiva dos atos:

Figura 7 - Publicação com maior interação do perfil @gaiapassarelli.



Fonte: Twitter¹¹⁷

Percebe-se, na publicação, que o perfil destaca a perspectiva ou suscita a existência de pautas, indignações e descontentamentos maiores e mais latentes que a perspectiva do aumento da tarifa. Essa publicação é de suma importância para entendermos o quão dotada de subjetividade se encontrava a mentalidade brasileira. De certo modo, a postagem pressupõe que existem vários pensamentos e entendimentos numa mesma publicação. Pode-se partir do pressuposto que a postagem sugere várias hipóteses sobre o que estaria acontecendo. Acredita-se que ela busca demonstrar que a questão tarifária poderia fazer despertar muitas outras indignações presentes na sociedade brasileira, sejam de ordem econômica, política, representativa, etc.

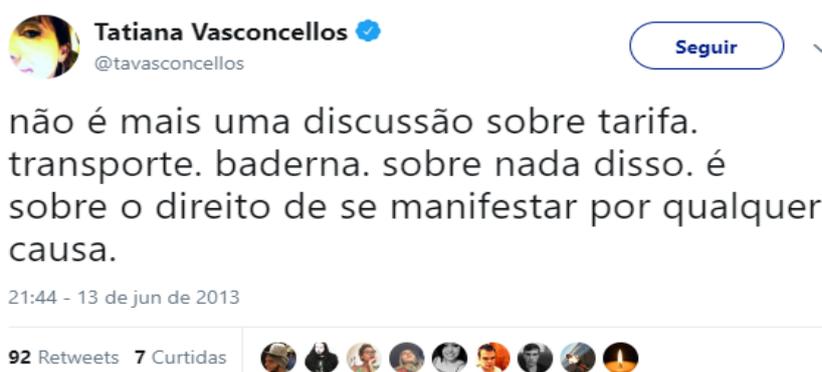
Diante disso, um dos aspectos que muito se questionou em junho de 2013 foi a realização de eventos esportivos internacionais (Copa do mundo em 2014 e as Olimpíadas no Rio de Janeiro em 2016) que demandava muito investimento público na construção de

¹¹⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345289466644140032>> Acesso em: 09/03/2019.

complexos esportivos e estádios, sendo que esses investimentos possibilitariam grandes evoluções em serviços públicos como educação, saúde, segurança, infraestrutura e tantos outros aspectos. Outra perspectiva se dá ao entender, frente à desaceleração econômica que o Brasil vinha enfrentando após anos consecutivos do crescimento do PIB, o descontentamento político representativo. Isso não era exclusividade apenas das terras tupiniquins, mas, de modo geral, uma premissa mundial.

O perfil *@tvasconcellos*, seguindo na mesma perspectiva dos perfis citados anteriormente, realizou a publicação que teve maior grau de difusão e receptividade por meio dos seguidores ou manifestantes quando demonstrou seu ponto de vista acerca das pautas e discussões que se se faziam presentes nas redes e nas ruas:

Figura 8 - Publicação com maior interação do perfil *@tvasconcellos*.



Fonte: Twitter¹¹⁸

A publicação diz respeito às mobilizações, destacando que os atos não apresentavam apenas os pressupostos da discussão da tarifa nem do transporte e muito menos sobre a baderna, mas sim sobre o fato de se manifestar por qualquer causa. O perfil realizou essa publicação demonstrando que a forma como o Estado tratou os cidadãos criou os pressupostos para aglutinar novas reivindicações e pautas.

O perfil *@choracuica* também se respaldou na perspectiva da pluralidade e da diversificação das pautas. A publicação evidencia perfeitamente sua participação nos atos, como fora destacado acima. Ela utiliza palavras de baixo calão para referenciar que a questão da tarifa havia se apequenado nas manifestações frente aos graves abusos cometidos pela PM, a fim de evitar as mobilizações.

¹¹⁸ Disponível em: <<https://twitter.com/tvasconcellos/status/345356080521543680>> Acesso em: 19/03/2019.



Fonte: Twitter¹¹⁹

Percebe-se que a população que não havia se solidarizado com a pauta da tarifa, após a ação policial do dia 13 de junho de 2013 acabou aderindo às outras pautas. Isso também se fez presente nas redes com a publicação de @gaiapassarelli: “*Se faltava mobilização, adesão e um motivo para o movimento, a PM tratou de conseguir tudo isso*”¹²⁰, ou seja, quem não estava consciente da importância da redução da tarifa, após a ação policial buscou encontrar uma pauta, uma reivindicação, etc.

Outro aspecto que deve ser considerado é que as publicações supracitadas destacam a violência policial e que, devido a isso, a pauta acerca da redução da tarifa estava ficando em segundo plano, pois o próprio ato de livre manifestação estava sofrendo ataques pelas forças policiais. A discussão na rede foi aquecida e agitada pela prerrogativa do ato de poder protestar e manifestar. A pauta acerca da redução da tarifa estava sendo tratada de modo tão repressivo que as pessoas deveriam lutar agora pelo simples fato de estarem nas ruas exercendo seus direitos. Essa diversificação de pautas e reivindicações nas redes sociais foi rapidamente percebida pela grande mídia e, com isso, passou a proporcionar, em sua programação, um ambiente favorável à criação de um segundo momento/fase das jornadas de junho de 2013. A mídia passou a direcionar as manifestações para pautas mais conservadoras e que defendiam seus interesses, como a corrupção, da mesma forma que passou a canalizar e induzir a indignação social aos setores mais progressistas da sociedade, seja eles partidos políticos, movimentos sociais ou personificando responsáveis.

A mídia passou até mesmo a divulgar e criar subjetivamente o perfil do “cidadão de bem”, o qual deveria participar das manifestações realizadas aos domingos, para evitar

¹¹⁹ Disponível em: <<https://twitter.com/choracuica/status/345312802212311041>>. Acesso em: 05/03/2019.

¹²⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345352050411978752>>. Acesso em: 09/03/2019.

maiores transtornos, indicando quais roupas deveriam vestir, quais atitudes tomar, etc. Prerrogativas que começaram a aparecer nos dias posteriores a 13 de junho de 2013 e que se seguem até os dias atuais, em defesa das operações realizadas pelos órgãos da justiça e do ministério público. Devido a isso, pode ser importante compreender que após o ato do dia 13 de junho e devido à grande violência policial cometida, os atos seguintes se intensificaram, aglutinando um número de manifestantes muito maior. Isso pode ser percebido na rede a partir das postagens de *@gaiapassarelli* e *@tavasconcellos*, que são apenas alguns exemplos de publicações que destacavam a existência de algo maior nas manifestações do que apenas a redução da tarifa, além de suscitarem questionamentos como: por que tal repressão estatal sob as proposições do passe livre e a redução das tarifas do transporte público? Se a mídia não tivesse cooptado as pautas? Quais seriam os outros rumos das jornadas de junho de 2013?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação de mestrado, intitulada *A história na era dos perfis: mobilizações do 13j em São Paulo da perspectiva dos perfis de Twitter*, se constitui como uma desafiadora tentativa de abordar as jornadas de junho de 2013, manifestações que despertaram muitos estudos até o momento. Dentre as teorizações, perspectivas e interpretações, pode-se afirmar com muita clareza, após minuciosa análise e profundo levantamento bibliográfico, que os pressupostos presentes nessa pesquisa histórica são *sui generis*. O aprofundamento dos estudos das jornadas de junho de 2013 se faz necessário diante do panorama que elas propiciaram nos anos seguintes ao seu acontecimento. Esse trabalho visa integrar o *hall* de estudos acerca dessa temática e das perspectivas estudadas até o momento.

As teorias e estudos apresentados até o momento analisam as jornadas de junho de 2013 considerando-as como o momento que precedeu abertura da caixa de pandora, pois diversas questões que até então estavam apenas no emaranhado das mentalidades brasileiras passaram a ser externalizadas. O principal intuito dessa dissertação é atentar-se à perspectiva das jornadas de junho de 2013, momentos antes da abertura desta caixa. Diz-se isso pois o recorte temporal que utilizamos, devido à escolha das fontes de pesquisa, é de apenas um dia, o 13 de junho de 2013, considerado por muitos como o dia em que houve uma grande virada no âmbito das manifestações.

Até o fatídico dia, as manifestações tinham como principal pauta a redução das tarifas do transporte público. Devido à grande violência policial, as manifestações seguintes apresentaram questões nunca antes testemunhadas nesse tipo de manifestação pública no Brasil. Pode-se considerar o “Quarto Grande Ato”, realizado em São Paulo no dia 13 de junho de 2013, se não o último, um dos últimos em que as jornadas apresentavam uma reivindicação clara: a redução tarifária do transporte público.

Constatou-se, a partir das análises das fontes, que a pauta passou a se diversificar ainda com os manifestantes nas ruas. A grande mídia, assim como os partidos que tinham interesses claros em enfraquecer a governança do Partido dos Trabalhadores, passou a canalizar a indignação e o descontentamento ao partido de situação (PT) naquele momento, mirando as eleições seguintes.

Diante dessa perspectiva, o recorte temporal ateve-se em compreender as jornadas no seu âmbito revolucionário e propositivo da pauta apresentada pelo Movimento Passe-livre

(MPL), ou seja, ateu-se em compreender até o dia 13 de junho de 2013. Assim, a utilização de fontes digitais ou o uso de publicações da rede social, especificamente o *Twitter* (plataforma esta que apresenta maior horizontalidade nas discussões e interações), é de suma importância, pois foi por meio disso que foi possível perceber as relações e perspectivas daqueles que acompanhavam as manifestações de suas casas e daqueles manifestantes que se faziam presentes nas ruas.

Destaca-se, ainda, que essas redes sociais, no contexto das manifestações, foram de extrema importância, pois com elas se desconstruíram muitos discursos e narrativas propalados pelos meios de comunicação que tinham o interesse de criminalizar e deslegitimar o movimento. A utilização dessas fontes, obtidas pelas redes sociais, podem e devem suscitar as mais variadas discussões. Tendo isso como horizonte, o esforço em compreendê-las foi muito árduo e complicado, pois foi necessário realizar um caminho inverso. Fez-se necessário, antes de mais nada, tencionar e debruçar-se sobre questionamentos e críticas que esse trabalho poderia suscitar, retornar ao estudo das teorias da história e de suas correntes historiográficas a fim de legitimar as fontes em questão.

Debruçou-se, a partir do estudo das *Escola dos Annales*, sobre compreender o surgimento de novas fontes históricas, o uso delas, de metodologias e técnicas, a fim de qualificar e solidificar as bases empíricas deste trabalho. Percebeu-se que as dúvidas, incertezas, críticas e defesas referentes ao uso de fontes digitais na construção histórica são grandes, da mesma forma que se apresentam para o uso de perfis de redes sociais como fontes para a escrita da história.

Deve-se compreender, *a priori*, que essas redes sociais não são um fim em si mesmo, mas um meio que propicia as relações humanas na sociedade, assim como outras fontes materiais demonstram que podem e devem ser utilizadas como fontes para a compreensão da condição humana e de seus relacionamentos políticos, econômicos, etc. Desde que se faça o uso de técnicas e métodos específicos a cada tipo de fonte, os resultados podem surpreender até os mais céticos quanto à sua utilização.

Visando inteirar-se dos aspectos das redes sociais digitais, o caminho percorrido se deu a partir dos primeiros contatos dos historiadores com os *hardwares*, *softwares* e periféricos. Num momento que a ideia de rede social virtual existia apenas em escritos de um possível mundo futurista, esse primeiro contato com *softwares* de edição de textos possibilitou a alteração do paradigma da escrita de trabalhos e artigos.

Após a edição de textos, organização de materiais específicos, outro grande passo da informática foi a criação de bases de dados, que possibilitaram a criação de diversos acervos, tanto de livros, documentos, etc. O desenvolvimento e a democratização do acesso à internet e de *hardwares* mais potentes possibilitou novas ferramentas para uso tanto na escrita da história quanto em outras disciplinas, assim como auxiliou na atividade docente. Posteriormente a isso, o surgimento dos correios eletrônicos (e-mail) e o desenvolvimento de redes sociais acentuou e acelerou as interações humanas a nível mundial. A partir do uso dessas redes, diversos movimentos foram desencadeados no mundo; entre eles, é possível destacar a Primavera Árabe, o *Occupy Wall Street* e tantos outros. A utilização das redes sociais foi de suma importância para a organização de atos e disseminação de informações referentes a eles e se percebeu isso claramente nas jornadas de junho de 2013.

Adentrando nos aspectos específicos das jornadas, elas foram estudadas e analisadas de diversos ângulos e por diversos pesquisadores. Dada a dinâmica dos atos e de suas consequências, muitas foram as interpretações e análises. Destacou-se, durante a dissertação, pelo menos cinco dessas interpretações que se apresentam de forma muito importante para esclarecer os meandros políticos, institucionais e sociais na participação e análise do movimento. Partindo dessa premissa, adentrou-se na perspectiva dos principais atores sociais envolvidos. Foram destacados três que tiveram maior centralidade e proeminência durante os atos, sendo eles: O MPL (Movimento Passe-Livre); a Mídia NINJA e os adeptos das táticas *black blocs*.

O MPL foi o movimento que encabeçou as jornadas. Percebeu-se um grande teor revolucionário quanto ao movimento e suas pautas. Do ponto de vista da organização, o MPL apresentou horizontalidade e diálogo com diversos atores sociais que possibilitaram a organização e a participação dos atos. Todas as deliberações eram tomadas em assembleias antes da realização dos atos públicos, todos os presentes podiam se pronunciar, destacar proposições e tudo era votado após ser exposto. Percebe-se que o MPL apresentou novas formas de se fazer movimentos sociais no Brasil: a verticalização que há muito se apresentava nos movimentos sociais não era prerrogativa deste.

Após a tomada da pauta pela grande mídia e por grupos políticos, o MPL perdeu sua força de organização dentro dos atos e a pauta de redução de tarifa vingou tanto que o aumento das tarifas foi revogado, mas a implementação do passe-livre para os cidadãos não ganhou maiores espaços para discussão. Um ponto que se deve destacar é que o projeto

ganhou visibilidade no cenário nacional, suscitou diversas discussões e estudos, comprovando que poderia ser implementado algum dia. Quem sabe?

Alguns anos após a realização das jornadas encabeçadas pelo MPL, um dos questionamentos que podem ser destacados é “onde se encontra esse movimento atualmente”? Conclui-se, segundo alguns integrantes do movimento, que o MPL ainda está na luta contra os aumentos das tarifas do transporte público e pela implementação do programa/projeto passe-livre para os cidadãos, conclamou outras manifestações contra o aumento das passagens nos anos de 2018, mas não conseguiu a mesma repercussão e proeminência como em 2013. Outro aspecto que se deve destacar é que o MPL se voltou para as regiões periféricas das capitais brasileiras, percebendo, após 2013, que a população com menor poder aquisitivo é a mais afetada com os serviços de transporte público e suas cobranças, entre outras premissas. Devido a isso, a formação e os diálogos deixaram de acontecer apenas nas universidades e buscaram aproximação da sociedade e da população mais afetada.

Diante dessa perspectiva, outro grupo ou coletivo que teve grande proeminência e gerou diversas discussões foi a Mídia NINJA, que teve grande importância na repercussão em redes sociais, demonstrando de diversos ângulos os atos e as ações realizadas tanto pelos manifestantes quanto pelos órgãos de repressão do Estado. A mídia NINJA teve papel crucial, pois possibilitou a desconstrução de narrativas e distorções criadas pelos oligopólios da comunicação brasileira. As transmissões ocorriam em tempo real e os manifestantes e ciberativistas podiam participar das coberturas ativamente. A própria participação desse coletivo nos atos gerou pautas sobre o papel da mídia tradicional, assim como o da mídia alternativa.

Nas jornadas de junho de 2013, a utilização de diversas estratégias de guerrilha urbana causou desconforto e narrativas conflituosas. Os responsáveis foram os adeptos da tática *black bloc*, que tinha como primazia a defesa da integridade física dos manifestantes e a propaganda através do ato ou das ações. Diferentemente do que a grande mídia pautou, os colocando como “vândalos” e “baderneiros” que utilizavam os atos apenas para realizar depredações, coube à mídia alternativa demonstrar que esses grupos utilizavam táticas de guerrilha urbana apenas quando a polícia fazia uso de força desproporcional. A grande mídia buscou criminalizar os *black blocs*, responsabilizando-os por todo e qualquer ato de violência, até mesmo quando reagem às forças policiais.

A utilização da tática *black bloc* foi muito utilizada, tanto que pode-se considerar que pela primeira vez na história brasileira ela teve tanta repercussão, gerando debates tanto dos setores progressistas quanto dos setores conservadores da sociedade. Ambos buscaram se distanciar desses movimentos, assim como acusavam os adeptos de participantes do grupo oposto ao seu, visando minar a atuação desses indivíduos.

Considera-se que houve diversas interpretações, dada a complexidade que as jornadas de junho de 2013 apresentaram. Identificou-se posicionamentos e questionamentos variados, assim como de diversos grupos políticos, dos mais conservadores aos mais progressistas. Houve também diversos debates acerca do apartidarismo ou suprapartidarismo, assim como perspectivas mais anárquicas e revolucionárias. Constatou-se que, pelo simples fato de as jornadas de junho de 2013 terem tomado praticamente todas as cidades e ruas do Brasil, da magnitude dos atos e até mesmo por terem acontecido, por si só já podem ser consideradas atos revolucionários. Além disso, diante do contexto econômico, social e político representativo apresentado no Brasil, uma questão pertinente que se destaca não é por terem acontecido dessa forma, mas porque demorou tanto a acontecer.

Devido a todos os grupos destacados acima terem feito uso efetivo e direto das redes sociais e ao propósito dessa dissertação, fez-se necessário o aprofundamento dos estudos e a cristalização dos conhecimentos acerca dessas redes e da utilização delas pela população e pelos movimentos. Partindo desse pressuposto, adentrou-se nas discussões e teorizações acerca da construção e do conceito de redes sociais. Compreendeu-se com maior exatidão uma das ferramentas que permeiam o cotidiano na contemporaneidade ou pós-contemporaneidade - atualmente já se destaca a própria ruptura delas, com o surgimento da pós-verdade.

Adentrar na perspectiva dessas relações entre o mundo virtual e o mundo real foi de suma importância para compreender como os indivíduos, por meio do uso das redes, criam perfis próprios para dialogarem com outros perfis/indivíduos, sendo que essa prerrogativa ainda é um grande desafio para estudiosos, pesquisadores e para historiadores também. A partir desse pressuposto, temos a criação de zonas/espços em que o diálogo, a articulação e o debate são estabelecidos. Tendo em vista a dificuldade da análise desses espaços e do conteúdo produzido, debruçou-se sobre técnicas e metodologias de análise de BigData¹²¹, ou

¹²¹ *Big Data* é o termo em Tecnologia da Informação (TI) que trata sobre grandes conjuntos de dados que precisam ser processados e armazenados

seja, fez-se uso da interdisciplinaridade para compreender a relação estabelecida entre os manifestantes/perfis e as ruas e as redes.

Pode-se considerar um grande avanço produzido nessa dissertação a utilização das cartografias de redes como um pressuposto para a compreensão de determinados fatos e movimentos, que são de grande importância para a construção histórica. A utilização das cartografias de rede foi de grande importância para identificar diversos atores políticos, sociais, midiáticos e culturais que atuaram ativamente nas redes sociais e também nas ruas durante as jornadas de junho de 2013. A partir da utilização dessa metodologia, foi possível levantar indícios históricos que colaboraram para a construção de uma nova perspectiva da história, a partir de um outro ponto de vista acerca dos atos públicos.

Com a análise das publicações no *Twitter*, foi possível identificar as principais narrativas criadas pelas corporações da mídia tradicional e do interesse de diversos atores políticos ligadas a elas. Da mesma forma, verificou-se que a mídia alternativa fez uso dessas plataformas *online* para desconstruir tais narrativas. Buscou aproximar os internautas, ciberativistas, ativistas, manifestantes e a população de modo geral. Possibilitou posicionamentos, análises e a produção de conteúdo por quem estava nas ruas, em que até mesmo aqueles os sujeitos que percebiam os discursos tendenciosos de suas casas atuavam ativamente na rede para reforçá-los ou desconstruí-los.

A partir da análise das publicações, foi possível perceber a diferenciação de quem estava atuando ativamente nas manifestações, ou seja, estava nas ruas, daqueles que acompanhavam de casa a cobertura midiática e também dos meios alternativos presentes na rede. Outra perspectiva evidente foi a mudança dos discursos e a diversificação da pauta ainda com os atos ocorrendo no dia 13 de junho de 2013. Percebe-se claramente que as corporações da mídia souberam utilizar o *feeling* dos atos para canalizar as indignações e tomar as rédeas do movimento. Essa perspectiva foi destacada por diversos pesquisadores e estudiosos, ou seja, isso é perceptível e comprovado a partir da análise das redes sociais também.

Evidenciou-se ainda que o impulsionador dos debates e das discussões nas redes sociais foi a violenta ação policial. Dessa forma, os questionamentos e críticas foram direcionados para o Estado, pois foi quem avalizou as corporações policiais a impossibilitarem as manifestações e utilizar força desproporcional contra os cidadãos. Frente a isso, percebeu-se, a partir da análise das fontes, que até pessoas que transitavam nas ruas, sem ter relação alguma com os atos, foram atacadas, a fim de evitar que ingressassem as

mobilizações. Percebe-se claramente que a ação policial foi a principal mola propulsora das publicações no *Twitter*, tendo em vista que, após sua intervenção, as redes sociais passaram a se agitar e a aquecer mais facilmente. Os discursos e debates se intensificaram, principalmente destacando a forma que a PM estava lidando com aqueles que reivindicam melhorias nos centros urbanos e seus serviços.

Destaca-se, ainda, que a realização de pesquisas históricas, que fazem uso das redes sociais como fontes históricas, necessitam de muitos cuidados e faz-se necessário estabelecer relações com outras competências e saberes, visando aprimorar métodos e metodologias específicas para a construção do conhecimento histórico. Dessa forma é possível não extinguir as dificuldades, mas minimizá-las, com o intuito de aumentar a assertividade das representações e interpretações derivadas dos fenômenos históricos.

Outro aspecto que se faz necessário, visando uma melhor compreensão acerca dos perfis presentes nas redes sociais, é aprofundar a investigação acerca da atividade desenvolvida pelos usuários, sejam eles pessoas físicas ou jurídicas. Devido a esse tipo de análise, é possível compreender de forma contundente seus posicionamentos, resultando num entendimento mais profundo acerca do objeto a ser estudado e sua relação com o interlocutor (perfil). Destaca-se ainda que é de suma importância para realização desse tipo de pesquisa a utilização de técnicas e metodologias de diversas áreas. Mas, se tratando de conteúdo produzido em redes sociais, das bases epistemológicas imprescindíveis no trato das fontes, tem-se o *fact-checking*, premissa e análise advinda da área do jornalismo que consiste na comparação dos conteúdos publicados pelos perfis de redes sociais com agências de informação e notícias, tradicionais ou alternativos, assim como de instituições governamentais ou de agências especializadas nesse tipo de verificação.

Desse modo, a pesquisa historiográfica apresenta-se de forma assertiva e categórica, pois não evita completamente, mas diminui a chance de se fazer uso de uma fonte inverídica ou falsa. O uso de fontes sem verificação pode resultar em sínteses e conclusões infundadas, impossibilitando as reais representações e resultados da pesquisa histórica. Expressa-se ainda que a realização desse tipo de pesquisa requer análises minuciosas e sinuosas, pois os trajetos e caminhos da pesquisa nem sempre são apresentados de forma simples e clara. Por diversas vezes as entrelinhas da publicação (postagem) alegam e afirmam mais do que a publicação em si. Dessa forma, é imprescindível que se faça uso de disciplinas e saberes que vão além do campo de conhecimento do historiador. A utilização de termos e conceitos das disciplinas voltadas às ciências da computação, da engenharia de *softwares* e de redes, faz-se necessária

para que a compreensão acerca do meio em que as fontes são levantadas seja mais assertiva e satisfatória.

Espera-se que esse possa ser um dos muitos trabalhos que possam surgir através da análise das redes sociais. O trabalho não é fácil, mas cabe ao historiador também o fazê-lo. Deve-se levar em consideração que nem todo fato histórico, acontecimento e movimento, pode ser pesquisado sob a premissa e perspectiva das redes sociais, mas que aqueles que o historiador considerar possível, sem sombra de dúvidas, apresentarão resultados precisos e de extrema importância para a construção e compreensão da História, assim como para sociedade de modo geral.

Os resultados advindos dessa pesquisa, para além de sua relevância científica, visam integrar os anseios e conhecimentos da comunidade acadêmica e civil, tendo em vista que as redes que teriam grandes contribuições para a sociedade e para os indivíduos, sejam elas a democratização do conhecimento, a aproximação dos entes e amigos distantes, a possibilidade do diálogo e construção de zonas autônomas, mas que atualmente estão sendo usadas por forças, grupos e indivíduos que tendem a suprimir direitos, oprimir minorias, afastar os próximos, destruir democracias e até mesmo eleger presidentes “*Fake News*”.

Se compreender estas redes sociais e seus usos não é papel da História e dos historiadores, nos perguntamos: de quem será?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fábio Chang. **O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas.** Revista do corpo docente do PPG-História da UFRGS, num. 8, vol.3, 2011.

ANDREIS, Adriana Maria. **Do poder das fronteiras às fronteiras do poder.** In: COLLING, Ana Maria, PANISSON, Fábio e SANTOS, Laiza F. B dos. Foucault na educação: discursos e imagens. Ijuí: Editora UNIJUI, 2009.

BARROS, José D' Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens.** 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed 2001.
BEY, Hakim. **TAZ, Zona Autônoma Temporária.** São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

BURGUIÉRE, André (Org.). **Dicionário das Ciências Históricas.** Tradução de Henrique de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1993

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história.** Lisboa: Presença, 1992. v. II. p. 291

CARLOS, E.N. **A mídia e as manifestações de junho de 2013: uma análise de produtos midiáticos.** Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, p. 96. 2015

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança- Movimentos Sociais na era da internet.** Rio de Janeiro, Zahar 2013.

_____. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DIAS, Karine Rodrigues. PORTO, Cezar Henrique de Queiroz. **Uma História do Tempo Presente? Possibilidades e desafios para o historiador,** 2009. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=85>> Acessado em 12/11/2017.

DOSSE, François. **História do tempo presente e historiografia.** Revista argumento, v. 4, n.1. Florianópolis, 2012.

GINZBURG, Carlo. **Conferência na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, nov. 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=wSSHnqAbd7E>> Acesso em 08/10/2018.

GOHN, Maria da Glória (org). **Movimentos sociais no início do Século XXI: antigos e novos atores sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos.** 5ªed. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. 2011 Revista Brasileira de Educação. v. 16 n. 47. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>> Acesso em 05/08/2018

_____. **As manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no Mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HOBBSAWM, Eric. O que os historiadores devem a Karl Marx? In: _____. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. 4ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997

KONDER, Leandro. A História em Marx. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de História**: o caminho da ciência no longo século XIX. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p. 173 - 189

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013

MANSO, Bruno Paes; NOVAES, Willian; SOLANO, Esther. **Mascarados**: a verdadeira história dos adeptos da tática black bloc. São Paulo: Geração, 2014.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008

MELUCCI, Alberto. **Nomads of the present**. Social movements and individual needs in contemporary society. Philadelphia: Temple University Press. 1989.

MORAES, Alana; GUTIÉRREZ, Bernardo; PARRA, Henrique; ALBUQUERQUE, Hugo; TIBLE, Jean; SHAVELZON, Salvador. (orgs.) **Junho potência nas ruas e nas redes**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2014

MORAES, Wallace de. **2013: Revolta dos Governados** ou, para quem esteve presente, Revolta do Vinagre. Rio De Janeiro, RJ: WSM Edições, 2018.

PESCHANSKI, J.A.; MORAES, R. Os protestos de junho e a agenda propositiva: um argumento teórico. **Lutas Sociais**, São Paulo, vol.17 n.31, p. 111-124, jul./dez. 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre, Sulina. 2009

RODRIGUES, Pedro Eurico. **Cibercultura e Historiografia**: Formas de Ler e Escrever no Tempo Presente. Revista eletrônica Cadernos de História. Ano 7, nº 1, Junho de 2012. Disponível em:
<<http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria/ojs/index.php/cadernosdehistoria/issue/view/19>>. Acessado em 04/11/2017.

TATAGIBA, Luciana. “**1984, 1992 e 2013**: sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil”. *Política & Sociedade*, v.13, n.28, 2014, p. 35-62.

TOURAINÉ, Alain. Os movimentos sociais In: TOURAINÉ, Alain. **Iguais e diferentes: poderemos viver juntos?** Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

TOURAINÉ, Alain Os novos conflitos sociais. Para evitar mal-entendidos. **Revista Lua Nova**. São Paulo, n. 17, 1989.

ANEXOS

ANEXOS A - FONTES E PUBLICAÇÕES DO PERFIL @TAVASCONCELLOS ¹²²

Tatiana Vasconcellos  [@tavasconcellos](#) Seguir

¿qué le passa a brasil?
[internacional.elpais.com/internacional/ ...](http://internacional.elpais.com/internacional/)

Traduzir Tweet

15:40 - 13 de jun de 2013

3 Retweets 1 Curtida

1 3 1

Tweete sua resposta

Camila Oliveira [@camila_oliper](#) · 13 de jun de 2013

Em resposta a [@tavasconcellos](#)
[@tavasconcellos](#) vândalos são a minoria, mas aparecem mais. E é a polícia que, sem motivo, começa com os conflitos.

Fonte: <https://twitter.com/tavasconcellos/status/345264446186340352>.

Tatiana Vasconcellos  [@tavasconcellos](#) Seguir

não pode fazer imagem de prisões, pm?
[s.glbing.com/en/ce/media/ph ...](http://s.glbing.com/en/ce/media/ph)

18:34 - 13 de jun de 2013

70 Retweets 5 Curtidas

10 70 5

Fonte: <https://twitter.com/tavasconcellos/status/345308231217868804>.

Tatiana Vasconcellos  [@tavasconcellos](#) Seguir

sério... isso é sério. é essa a polícia que você quer?

18:40 - 13 de jun de 2013

12 Retweets

9 12

Fonte: <https://twitter.com/tavasconcellos/status/345309685609553920>.

¹²² Disponível em: <<https://twitter.com/tavasconcellos>>. Acesso em 19/03/2019.

 **Tatiana Vasconcellos** 
@tvasconcellos Seguir 

eu ja cobri dezenas de manifestações. por
aaaanos. sei bem como a polícia age.

18:46 - 13 de jun de 2013

6 Retweets 1 Curtida 

 6  6  1 

Fonte: <https://twitter.com/tvasconcellos/status/345311353705226241>.

 **Tatiana Vasconcellos** 
@tvasconcellos Seguir 

baderneiros, né? "[@inagaki](#): Infelizmente
creio que esta é a imagem que vai marcar o
dia de hoje: j.mp/12rbcZU"

18:52 - 13 de jun de 2013

14 Retweets 3 Curtidas 

 5  14  3 

Fonte: <https://twitter.com/tvasconcellos/status/345312731462787072>.

 **Tatiana Vasconcellos** 
@tvasconcellos Seguir 

como é? "[@Estadao](#): PM diz que situação está
saindo do controle: 'Não nos
responsabilizamos mais pelo que acontecerá'
migre.me/f0uqZ"

19:06 - 13 de jun de 2013

9 Retweets 1 Curtida 

 7  9  1 

Fonte: <https://twitter.com/tvasconcellos/status/345316248919343104>.

 **Tatiana Vasconcellos** 
@tvasconcellos Seguir 

e agora? chama o chapolim colorado?

19:08 - 13 de jun de 2013

3 Retweets 1 Curtida 

 2  3  1 

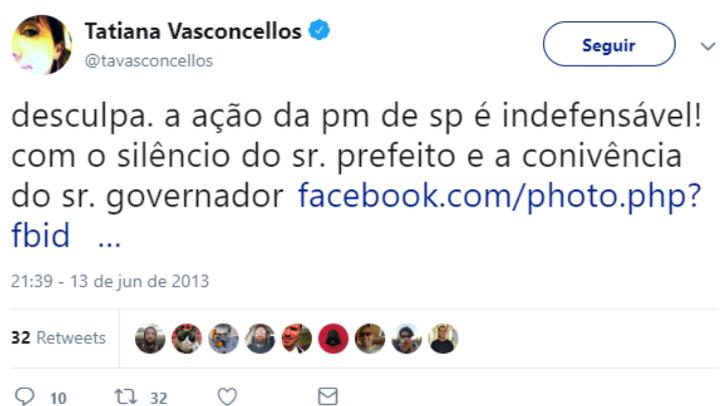
Fonte: <https://twitter.com/tvasconcellos/status/345316685118574592>.



Fonte: <https://twitter.com/tavasconcellos/status/345328067050356736>.



Fonte: <https://twitter.com/tavasconcellos/status/345354425411448832>.



Fonte: <https://twitter.com/tavasconcellos/status/345354704462675968>.



Fonte: <https://twitter.com/tavasconcellos/status/345356080521543680>.

 **Tatiana Vasconcellos**  Seguir 

@tavasconcellos

a discussão é sobre a conduta da polícia, instituição organizada e treinada, que deveria garantir a nossa segurança em qq situação.

21:45 - 13 de jun de 2013

54 Retweets 4 Curtidas 

 10  54  4 

Fonte: <https://twitter.com/tavasconcellos/status/345356301527822338>.

 **Tatiana Vasconcellos**  Seguir 

@tavasconcellos

ninguém, nenhum povo deve aceitar isso como sendo "normal". não é. não pode ser. feridosnoprotestosp.tumblr.com

21:49 - 13 de jun de 2013

39 Retweets 5 Curtidas 

 6  39  5 

Fonte: <https://twitter.com/tavasconcellos/status/345357361004826624>.

 **Tatiana Vasconcellos**  Seguir 

@tavasconcellos

a incrível história do ciclista desavisado espancado g1.globo.com/sao-paulo/noti ...

09:46 - 13 de jun de 2013 <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/ciclist>

7 Retweets 

 3  7  

Fonte: <https://twitter.com/tavasconcellos/status/345362643646812160>.

 @tavasconcellos Seguir 

jornalistas trabalhando: youtube.com/watch?v=TvtmaL...

22:10 - 13 de jun de 2013

40 Retweets 5 Curtidas 

 12  40  5 

Fonte: <https://twitter.com/tavasconcellos/status/345362643646812160>.

 **Tatiana Vasconcellos** 
@tvasconcellos Seguir 

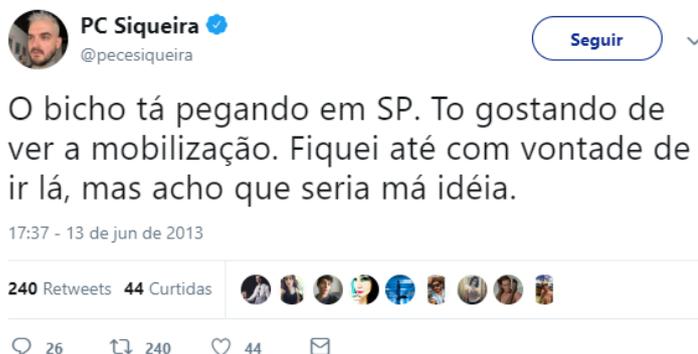
sem violência: youtube.com/watch?v=u3-PWM...

22:48 - 13 de jun de 2013

17 Retweets 2 Curtidas 

 11  17  2 

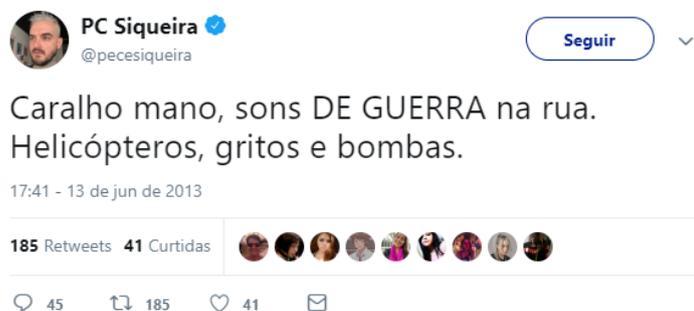
Fonte: <https://twitter.com/tvasconcellos/status/345362643646812160>.

ANEXOS B - FONTES E PUBLICAÇÕES DO PERFIL @PCSIQUEIRA¹²³

Fonte: <https://twitter.com/pecesiqueira/status/345293772562784256>.



Fonte: <https://twitter.com/pecesiqueira/status/345294375414288385>.



Fonte: <https://twitter.com/pecesiqueira/status/345294776180015104>.

¹²³ Disponível em: < <https://twitter.com/pecesiqueira/>>. Acesso em 25/02/2019


PC Siqueira 
 @pecesiqueira Seguir 

Mas estou orgulhoso das pessoas de São Paulo que estão se mobilizando para protestar. Mesmo que não mude nada, não dá pra deixar barato.

17:41 - 13 de jun de 2013

514 Retweets 96 Curtidas 

 15
  514
  96
 

Fonte: <https://twitter.com/pecesiqueira/status/345294997698015232>.


PC Siqueira 
 @pecesiqueira Seguir 

"Você dando apoio a marginais baderneiros?"
então.
25.media.tumblr.com/b39cda0e6461e0 ...

17:48 - 13 de jun de 2013

210 Retweets 40 Curtidas 

 11
  210
  40
 

Fonte: <https://twitter.com/pecesiqueira/status/345296671464357889>.


PC Siqueira 
 @pecesiqueira Seguir 

vinagre PUTA ARMA PERIGOSA RT @Estadao
SP: repórter da Carta Capital foi detido em
protesto por estar com vinagre

 **Quarto ato contra aumento da tarifa de ônibus em SP tem n...**
 1h02 -Veja fotos da passeata e do confronto entre a PM e os manifestantes: 00h21 - Veja Galeria de Fotos do protesto 23h38 - O Movimento Passe Livre
estadao.com.br

17:50 - 13 de jun de 2013

268 Retweets 39 Curtidas 

 14
  268
  39
 

Fonte: <https://twitter.com/pecesiqueira/status/345297266011164673>.

 **PC Siqueira** ✓
@pecesiqueira Seguir ▾

Tão na esquina da minha casa
[g1.globo.com/sao-paulo/prot ...](https://g1.globo.com/sao-paulo/prot...)

18:15 - 13 de jun de 2013

43 Retweets 18 Curtidas 

 16  43  18 

Fonte: <https://twitter.com/pecesiqueira/status/345303470989008896>.

 **PC Siqueira** ✓
@pecesiqueira Seguir ▾

A polícia vai pra Paulista pra evitar que os manifestantes interditem a paulista, aí eles interditam a paulista pra evitar que isso aconteça

19:07 - 13 de jun de 2013

1.935 Retweets 216 Curtidas 

 44  1,9 mil  216 

Fonte: <https://twitter.com/pecesiqueira/status/345316473792786433>.

 **PC Siqueira** ✓
@pecesiqueira Seguir ▾

Parabéns ao enorme contingente de policiais de SP em conseguir conter que uns manifestantes pixassem um ônibus de forma perigosa.

19:31 - 13 de jun de 2013

471 Retweets 74 Curtidas 

 25  471  74 

Fonte: <https://twitter.com/pecesiqueira/status/345322674077171713>.

 **PC Siqueira** ✓
@pecesiqueira Seguir ▾

Seria tão mas TÃO legal se a polícia fosse assim com bandidos. Nas vezes que apontaram uma arma pra minha cara, não tinha nenhum na Paulista

19:41 - 13 de jun de 2013

1.039 Retweets 186 Curtidas 

 15  1,0 mil  186 

Fonte: <https://twitter.com/pecesiqueira/status/345325152340426754>.

 **PC Siqueira** 
@pecesiqueira Seguir 

Na real quem tá quebrando tudo em SP hoje
é a polícia. o_O

20:10 - 13 de jun de 2013

637 Retweets 71 Curtidas 

 19  637  71 

Fonte: <https://twitter.com/pecesiqueira/status/345332495316836352>.

 **PC Siqueira** 
@pecesiqueira Seguir 

Policia FABRICANDO EVIDENCIA quebrando
o vidro da própria viatura,
[youtube.com/watch?feature= ...](https://www.youtube.com/watch?feature=...)
provavelmente pra justificar a própria
violência

23:37 - 13 de jun de 2013

385 Retweets 74 Curtidas 

 8  385  74 

Fonte: <https://twitter.com/pecesiqueira/status/345384465318682626>.

ANEXOS C - FONTES E PUBLICAÇÕES DO PERFIL @JEANWYLLYS_REAL¹²⁴

Em resposta a @Estadao

Violência gratuita! “@Estadao: SP Tropa de Choque desce Frei Caneca jogando bombas. Não tinha manifestantes no local migre.me/f0wpR”

19:30 - 13 de jun de 2013

130 Retweets 6 Curtidas

11 130 6

Fonte: https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/345322876645306368.



A PM de SP está fora de controle! Sentiu-se avalizada pelo editorial da FSP e pela cobertura da mídia a atacar a manifestação com violência!

19:35 - 13 de jun de 2013

239 Retweets 18 Curtidas

37 239 18

Fonte: https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/345323687651729408.

¹²⁴ Disponível em: < https://twitter.com/jeanwyllys_real/>. Acesso em 26/02/2019.



1. Qual o motivo do ministro da Justiça oferecer ajuda a numa questão que não é, a princípio, federal?

19:39 - 13 de jun de 2013

89 Retweets 6 Curtidas

10 89 6

Fonte: https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/345324631781154816.



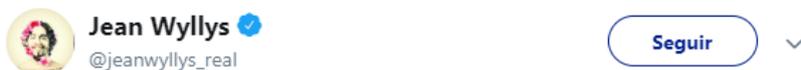
2. O alinhamento entre os governos federal, estadual e municipal em defender os interesses dos empresários dos transportes é descarado!

19:41 - 13 de jun de 2013

185 Retweets 14 Curtidas

15 185 14

Fonte: https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/345324976385171457.



3. Chega a ser canalhice dos três governos a tentativa de criminalizar o movimento em São Paulo e de acusá-lo de "violência"!

19:43 - 13 de jun de 2013

160 Retweets 13 Curtidas

11 160 13

Fonte: https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/345325607892168704.



Fonte: https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/345326039129550848.



Fonte: https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/34532631471210086.



Fonte: https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/34533485322031104.

Portal R7.com @portalR7 · 13 de jun de 2013
Mesmo com manifestações, Haddad diz que não reduzirá as tarifas de transporte público em São Paulo r7.com/EN0y

8 comentários 15 retweets 1 curtida

Jean Wyllys @jeanwyllys_real [Seguir](#)

Em resposta a @portalR7

Que tal? RT “@portalR7: Mesmo com manifestações, Haddad diz que não reduzirá as tarifas de transporte público em SP r7.com/EN0y”



Mesmo com manifestações, Haddad diz que não reduzirá as tarifas de transp...
Quarto protesto contra aumento de passagens também foi marcado por tensão e conflitos
noticias.r7.com

20:24 - 13 de jun de 2013

25 Retweets 2 Curtidas

Fonte: https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/345335799132344322.

Jean Wyllys @jeanwyllys_real [Seguir](#)

Não importa nada: nem o crachá da FSP nem o fato de estar só cobrindo a manifestação: ninguém é cidadão! ->



Em protesto, sete repórteres da Folha são atingidos; 2 leva...
Sete jornalistas da Folha foram feridos com balas de borracha ou atingidos por spray de pimenta de policiais militares de São Paulo enquanto cobriam as manifestações contra o aumento das tari...
folha.uol.com.br

20:27 - 13 de jun de 2013

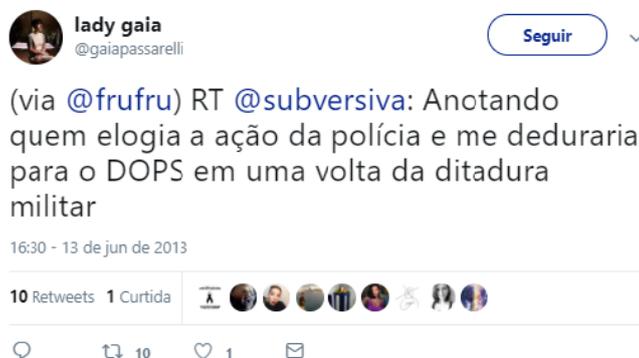
48 Retweets 11 Curtidas

10 comentários 48 retweets 11 curtidas

Fonte: https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/345336686252814336.



Fonte: https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/345341616225148928.

ANEXOS D - FONTES E PUBLICAÇÕES DO PERFIL @GAIAPASSARELLI¹²⁵.

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345277052326408192>.



Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345281592664682496>.



Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345285432516415488>.

¹²⁵ Disponível em: < <https://twitter.com/gaiapassarelli/>>. Acesso em 09/03/2019.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir ▾

ISSO RT @murilofborges: Enfim, o povo começa a se rebelar em São Paulo. Muito mais do que um protesto em relação a tarifa do ônibus.

17:14 - 13 de jun de 2013

14 Retweets 1 Curtida 

 1  14  1 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345288155181748224>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir ▾

há algo grande acontecendo e é menos sobre aumento de tarifa e mais sobre tomar posição. todo mundo deveria prestar atenção.

17:19 - 13 de jun de 2013

172 Retweets 28 Curtidas 

 7  172  28 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345289466644140032>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir ▾

GO, DATENA, GO RT @pinkywainer: entre bandido e polícia prefiro a polícia entre povo e polícia prefiro o povo #datena

17:20 - 13 de jun de 2013

13 Retweets 4 Curtidas 

  13  4 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345289521497255936>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir ▾

que alguém tem coragem de emitir opinião!
RT @frufu: datena e comentaristas do uol
defendendo os protestos. isso deve significar
alguma...

17:30 - 13 de jun de 2013

2 Retweets 3 Curtidas 

 1  2  3 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345292108019666945>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir ▾

RT @lekaperes: vai ficar maior, vai ficar
pequeno. vai doer em muita gente. tem que
ser todos os dias e por mais coisas.

17:32 - 13 de jun de 2013

7 Retweets 1 Curtida 

  7  1 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345292678222729218>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir ▾

Mas fica o recado que alguém me mandou
agora no facebook: UMA CIDADE MUDA NÃO
MUDA

17:55 - 13 de jun de 2013

19 Retweets 3 Curtidas 

 2  19  3 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345298389128331264>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

RT @encantocigano: a pol ainda não desceu o cacete pq tá sendo monitorada pela band e pela record ao vivo. #passelivre

17:56 - 13 de jun de 2013

28 Retweets 2 Curtidas 

 2  28  2 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345298768247287810>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

RT @ma_b: Pra ajudar a midia criaram o tumblr feridosnoprotestosp.tumblr.com : sensacional (e triste)

21:22 - 13 de jun de 2013

13 Retweets 2 Curtidas 

 1  13  2 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345350524905848833>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

RT @torturra: PM apreendeu violentamente material de primeiros socorros que a Matilha Cultural tentava levar para a Paulista. #SP13J

21:27 - 13 de jun de 2013

12 Retweets 

  12  

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345351828067725313>. Pela primeira vez foi identificada a hashtag #SP13J- São Paulo 13 de junho

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

RT @biabonduki: na esquina da santos com a haddock vi um policial atirar uma lixeira no meio da rua. com esses olhos que a terra há de...

21:28 - 13 de jun de 2013

8 Retweets 1 Curtida 

  8  1 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345351983974215681>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

RT @biabonduki: na esquina da santos com a haddock vi um policial atirar uma lixeira no meio da rua. com esses olhos que a terra há de...

21:28 - 13 de jun de 2013

8 Retweets 1 Curtida 

  8  1 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345352017063063553>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

RT @sete: Exato RT @fcuri: Se faltava mobilização, adesão e um motivo para o movimento, a PM tratou de conseguir tudo isso.

21:28 - 13 de jun de 2013

12 Retweets 1 Curtida 

  12  1 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345352050411978752>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

no começo da semana eu escrevi aqui que o movimento pecava por não conseguir o apoio popular. a coisa mudou, hoje.

21:29 - 13 de jun de 2013

6 Retweets 3 Curtidas 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345352309485748225>.

 **Clara Averbuck**  @claraaverbuck · 13 de jun de 2013 

aguardando o papelão incrível que o brasil fará na imprensa internacional, já que aqui a mídia não tem compromisso com a verdade.

 10  94  16 

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

Em resposta a @claraaverbuck

[@claraaverbuck](#) penso que o fato de reporteres do maior jornal do país terem apanhado fará alguma diferença na cobertura de amanhã cedo.

21:31 - 13 de jun de 2013

2 Retweets 1 Curtida 

 2  2  1 



Tweete sua resposta

 **Clara Averbuck**  @claraaverbuck · 13 de jun de 2013 

Em resposta a @gaiapassarelli

@gaiapassarelli espero que sim, mas até agora nada. até agora é "se houve exageros da polícia" e "não há feridos". dureza.

 2   1 

 **lady gaia** @gaiapassarelli · 13 de jun de 2013 

[@claraaverbuck](#) eu tô esperançosa que amanhã cedo leremos algo diferente. feridosnoprotestosp.tumblr.com

   2 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345352789087641600>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir ▾

RT @pecesiqueira: Olha aqui um exemplo da polícia que tantos babacas estão defendendo [facebook.com/photo.php?v=65 ...](https://facebook.com/photo.php?v=65...)

21:50 - 13 de jun de 2013

11 Retweets 3 Curtidas 

  11  3 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345357501069406209>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir ▾

redações em fúria no momento, tenho certeza. se pá precisou apanhar na rua pra reporter voltar a ser reporter. #saopaulo #rua

22:02 - 13 de jun de 2013

29 Retweets 10 Curtidas 

 3  29  10 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345360454203371522>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir ▾

RT @carolinamendes: Vamos pra rua, eles não tem bala de borracha pra calar a boca de uma cidade inteira.

22:10 - 13 de jun de 2013

7 Retweets 4 Curtidas 

  7  4 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345362614261538817>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

RT @benicchio_: Cara, é muito sério o que aconteceu hoje. A PM massacrou, barbarizou, rasgou e trucidou qualquer "estado democrático"

22:23 - 13 de jun de 2013

6 Retweets 3 Curtidas 

  6  3 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345365797201408000>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

RT @michaelserra: Policial destruindo vidro do proprio carro: [youtube.com/watch?feature=...](https://www.youtube.com/watch?feature=...) Imprensa se identifica e é continuamente...

22:23 - 13 de jun de 2013

1 Retweet 1 Curtida 

  1  1 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345365845431697409>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

RT @benicchio_: Rota atirando a esmo nas calçadas da Paulista. Bombas e balas de borracha. Menos de 30 manifestantes e população no alvo...

22:23 - 13 de jun de 2013

1 Retweet 1 Curtida 

  1  1 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345365871683858433>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

RT @bluebusbr: Reporter da Carta Capital é preso na Praça do Patriarca bit.ly/10gdPxo

22:23 - 13 de jun de 2013

1 Retweet 1 Curtida  

  1  1 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345365891489341441>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

ISSO RT @fecoach: 13/06/13 SOMOS TODOS TESTEMUNHAS!

22:25 - 13 de jun de 2013

4 Retweets 4 Curtidas      

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345366234633760768>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

em tempo: em nenhum momento eu falei que *toda a PM é desonesta*. mas há brutalidade, sim, não acontecem só hoje. o mundo sabe e vê.

22:26 - 13 de jun de 2013

1 Retweet 2 Curtidas   

 1  1  2 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345366686842626049>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

PUTAQUEPARIU RT @ailinaleixo: COMO PODE SER TAO ESCROTA? @VEJA Com ação rigorosa, PM impediu depredação da Paulista goo.gl/4Cn1E

22:27 - 13 de jun de 2013

21 Retweets 4 Curtidas 

 2  21  4 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345366752911298562>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

cadê Governador pra falar da PM? RT @folha_com: Haddad diz que protesto em SP foi marcado por 'violência policial'. folha.com.br/no1294872

22:32 - 13 de jun de 2013

4 Retweets 1 Curtida 

 1  4  1 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345368179339563008>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

RT @laramendonca_: "Nunca foi por causa dos brioques, de um bosque, do Arqueduke Ferdinando, pelo chá ou pelos vinte centavos."

22:34 - 13 de jun de 2013

10 Retweets 8 Curtidas 

  10  8 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345368567987965953>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

RT @claraaverbuck: a galera não entendeu ainda que não dá mais pra manipular as notícias como antes, né? risos.

22:36 - 13 de jun de 2013

10 Retweets 3 Curtidas 

  10  3 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345369172856942592>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

RT @djmulher: obrigada "playboyzinhos" com iPhone.

se não fossem vocês, como a gente ia ter acesso a tanto registro de truculência e...

22:36 - 13 de jun de 2013

2 Retweets 2 Curtidas 

  2  2 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345369191920070656>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

né? certo é agredir sem preconceito RT @rafaelcapanema: "policial não é obrigado a saber quem é ou não é jornalista" veja.abril.com.br/blog/reinaldo/

22:52 - 13 de jun de 2013

34 Retweets 5 Curtidas 

 2  34  5 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345373082501931008>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

o climão NÓS contra ELES tá gritando hoje.

22:54 - 13 de jun de 2013

2 Retweets 1 Curtida 

 3  2  1 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345373729221640194>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

RT @j_mairena: Foda-se a Dilma, Foda-se a Copa, Foda-se o Alckmin e Foda-se a Polícia Militar do Estado de São Paulo.

22:55 - 13 de jun de 2013

9 Retweets 4 Curtidas 

 2  9  4 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345373787556028416>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

tá difícil, hein? RT @rafucko: quem conseguir defender a polícia depois desse vídeo ganha um prêmio jabuti liveleak.com/view?i=fb9_136...

23:29 - 13 de jun de 2013

12 Retweets 5 Curtidas 

  12  5 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345382494734004225>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

RT @msavarese: Esta Polícia Militar não serve. Já não servia na ditadura. Não servia no Carandiru. Não servia nos ataques do PCC. E não...

23:41 - 13 de jun de 2013

3 Retweets 1 Curtida 

  3  1 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345385354708279296>.

 **lady gaia**
@gaiapassarelli Seguir 

um bom narrando acontecimentos de hoje
umblogparaesstexto.blogspot.com.br

23:54 - 13 de jun de 2013

9 Retweets 6 Curtidas 

  9  6 

Fonte: <https://twitter.com/gaiapassarelli/status/345388752471982080>.

ANEXOS E - FONTES E PUBLICAÇÕES DO PERFIL @CHORACUICA¹²⁶.


sabotei o agro @choracuica Seguir

pronto, agora a gente tem que dar satisfação pra reaçã bundão porque é que vai ou deixa de ir na manifestação?

15:42 - 13 de jun de 2013

1 Retweet 

4 1 1 1

Fonte: <https://twitter.com/choracuica/status/345264990195941377>.



sabotei o agro @choracuica · 13 de jun de 2013

pronto, agora a gente tem que dar satisfação pra reaçã bundão porque é que vai ou deixa de ir na manifestação?

4 1 1 1

catherine @itscathee · 13 de jun de 2013

@choracuica quero saber sua opinião sobre isso: [sphotos-c.ak.fbcdn.net/hphotos-ak-frc...](https://photos-c.ak.fbcdn.net/hphotos-ak-frc...)

2 1 1 1

sabotei o agro @choracuica Seguir

Em resposta a @itscathee

.@itscathee E QUE talvez seja pretensão demais essa vieb "revolução" da galera. mas estou bem mais simpática aos protestos do que antes.

15:46 - 13 de jun de 2013

1 Retweet 1 Curtida 

7 1 1 1

Fonte: <https://twitter.com/choracuica/status/345266020421885953>.

¹²⁶ Disponível em: < <https://twitter.com/choracuica/>>. Acesso em 05/03/2019.

 **sabotei o agro**
@choracuica Seguir 

moçada, mais que nunca: FILMEM E FOTOGRAFEM LOUCAMENTE. filmem e fotografem como se vcs fossem turistas japoneses no grand canyon.

16:26 - 13 de jun de 2013

30 Retweets 5 Curtidas 

 6  30  5 

Fonte: <https://twitter.com/choracuica/status/345276105458081793>.

 **sabotei o agro**
@choracuica Seguir 

votei no haddad. defendi ele como candidato veementemente. isso não me tira direito de reclamar dele, muito pelo contrário.

16:37 - 13 de jun de 2013

15 Retweets 4 Curtidas 

 3  15  4 

Fonte: <https://twitter.com/choracuica/status/345278848260268032>.

 **sabotei o agro**
@choracuica Seguir 

a gente que o elegeu tem O DEVER, mais que direito, de tirar satisfação se o cara faz bosta.

16:38 - 13 de jun de 2013

11 Retweets 4 Curtidas 

  11  4 

Fonte: <https://twitter.com/choracuica/status/345278950500614144>.

 **sabotei o agro** @choracuica · 13 de jun de 2013

votei no haddad. defendi ele como candidato veementemente. isso não me tira direito de reclamar dele, muito pelo contrário.

3 15 4

 **Maria Rayssa Universe** @raarulez · 13 de jun de 2013

@choracuica não votei nele, mas o foda é que ele ta fazendo o que dizia nas campanhas: a passagem tá abaixo da inflação

1

 **sabotei o agro**
@choracuica

Seguir

Em resposta a @raarulez

@raarulez eu nem me opunha ao aumento, mas a resposta da prefeitura e governo aos protestos é inadmissivel

16:40 - 13 de jun de 2013

Fonte: <https://twitter.com/choracuica/status/345279630267252738>.

 **sabotei o agro**
@choracuica

Seguir

não é mais sobre a tarifa. foda-se a tarifa. isso ficou muito maior que a questão da tarifa.

18:52 - 13 de jun de 2013

155 Retweets 19 Curtidas



8 155 19

Fonte: <https://twitter.com/choracuica/status/345312802212311041>.

 **sabotei o agro**
@choracuica

Seguir

choque bloqueando a entrada da consolação pra paulista

19:09 - 13 de jun de 2013

5 Retweets



2 5

Fonte: <https://twitter.com/choracuica/status/345317070860324865>.

 **sabotei o agro**
@choracuica Seguir 

viaturas, muitas, fizeram cavalo de pau e tão descendo a consolação a toda

19:14 - 13 de jun de 2013

5 Retweets 

 2  5  

Fonte: <https://twitter.com/choracuica/status/345318183680499712>.

 **sabotei o agro**
@choracuica Seguir 

menina chorando "ninguém ta quebrando nada"

19:25 - 13 de jun de 2013

8 Retweets 1 Curtida 

  8  1 

Fonte: <https://twitter.com/choracuica/status/345321048742449152>.

 **sabotei o agro**
@choracuica Seguir 

jogaram bombas perto de onde eu tava, metrô consolação. não tinha manifestante lá. parece que foi pra EVITAR que a galera entrasse na muvuca

19:39 - 13 de jun de 2013

22 Retweets 1 Curtida 

  22  1 

Fonte: <https://twitter.com/choracuica/status/345324620938891265>.


sabotei o agro
 @choracuica
 Seguir
▼

não é hora de ser moderado, não tem mas nem talvez

20:08 - 13 de jun de 2013

6 Retweets 2 Curtidas



 6
  2
 

Fonte: <https://twitter.com/choracuica/status/345331821866782720>.


sabotei o agro
 @choracuica
 Seguir
▼

cavalaria perto da gazeta. bombas

20:12 - 13 de jun de 2013

4 Retweets 1 Curtida



 4
  1
 

Fonte: <https://twitter.com/choracuica/status/345332934527557632>.


sabotei o agro
 @choracuica
 Seguir
▼

novamente: bombas contra ninguém. acho que tão querendo dispersar quem ta so olhando

20:15 - 13 de jun de 2013

6 Retweets


 2
  6
 


Fonte: <https://twitter.com/choracuica/status/345333636612104193>.

 **sabotei o agro**
@choracuica Seguir 

santa cecilia. pequeno grupo de manifestantes. MUITA policia. os policia gritando "quem ta com a doze"

20:52 - 13 de jun de 2013

11 Retweets 2 Curtidas 

  11  2 

Fonte: <https://twitter.com/choracuica/status/345343050899402753>.

 **sabotei o agro**
@choracuica Seguir 

sobre o último RT do @agentelaranja: sim. eles encurralam o pessoal mesmo. na consolação, tinha choque em cima e cavalaria embaixo

23:37 - 13 de jun de 2013

3 Retweets 1 Curtida 

 2  3  1 

Fonte: <https://twitter.com/choracuica/status/345384566321713152>.



sabotei o agro @choracuica · 13 de jun de 2013
a cavalaria na frente da gazeta



4



1



Fonte: <https://twitter.com/choracuica/status/345384566321713152>.

ANEXOS F - FONTES E PUBLICAÇÕES DO PERFIL @MARCELORUBENS¹²⁷.

 **Marcelo Rubens Paiva** ✓
@marcelorubens Seguir ▾

Desprezado pelo Jornal Nacional, o Estadão deu uma página p/ o Movimento Passe Livre apresentar sua versão:
estadao.com.br/noticias/impre ...

10:03 - 13 de jun de 2013

35 Retweets 5 Curtidas 

 10  35  5 

Fonte: <https://twitter.com/marcelorubens/status/345179582573445121>.

 **Marcelo Rubens Paiva** ✓
@marcelorubens Seguir ▾

"Aqui ou fora... as polícias são sempre as mesmas na estupidez inútil da sua violência armada e da irracionalidade", Janio de Freitas na FSP

11:49 - 13 de jun de 2013

29 Retweets 1 Curtida 

 1  29  1 

Fonte: <https://twitter.com/marcelorubens/status/345206293126062080>.

 **Marcelo Rubens Paiva** ✓
@marcelorubens Seguir ▾

JANIO DE FREITAS na Folha de S. Paulo de hoje ("Arruaça policial"):

"É inacreditável que as polícias jamais...
fb.me/NDFr31Mh

13:32 - 13 de jun de 2013

11 Retweets 4 Curtidas 

 1  11  4 

Fonte: <https://twitter.com/marcelorubens/status/345232232086134784>.

¹²⁷ Disponível em: < <https://twitter.com/marcelorubens/>>. Acesso em 21/02/2019.

 **Marcelo Rubens Paiva** ✓
@marcelorubens Seguir ✓

Polícia ocupa a Paulista, fecha a avenida, para manifestantes não se manifestarem. Dá pra entender?

19:59 - 13 de jun de 2013

154 Retweets 7 Curtidas 

Fonte: <https://twitter.com/marcelorubens/status/345329527397961728>.

 **Marcelo Rubens Paiva** ✓
@marcelorubens Seguir ✓

Manifestantes pedem calma à Polícia e pedem que não vandalizem a Paulista

20:01 - 13 de jun de 2013

290 Retweets 27 Curtidas 

7 290 27

Fonte: <https://twitter.com/marcelorubens/status/345330092987277312>.

 **Marcelo Rubens Paiva** ✓
@marcelorubens Seguindo ✓

Polícia ocupa a Paulista e comemora jogando bombas e atirando balas de borracha

20:03 - 13 de jun de 2013

159 Retweets 11 Curtidas 

7 159 11

Fonte: <https://twitter.com/marcelorubens/status/345330514854551552>.

 **Marcelo Rubens Paiva** ✓
@marcelorubens Seguindo ▾

Haddad diz q manifestantes têm direito de se manifestar, mas q violência deve ser reprimida. Alckim reproduziu só segunda parte do discurso

20:07 - 13 de jun de 2013

49 Retweets 4 Curtidas 

 10  49  4 

Fonte: <https://twitter.com/marcelorubens/status/345331709354602496>.

 **Marcelo Rubens Paiva** ✓
@marcelorubens Seguindo ▾

Ministro da Justiça oferece ajuda a Alckmin. Não aos manifestantes

20:10 - 13 de jun de 2013

189 Retweets 11 Curtidas 

 20  189  11 

Fonte: <https://twitter.com/marcelorubens/status/345332431315931137>.

 **Marcelo Rubens Paiva** ✓
@marcelorubens Seguindo ▾

A PM tomou o poder

20:12 - 13 de jun de 2013

76 Retweets 6 Curtidas 

 10  76  6 

Fonte: <https://twitter.com/marcelorubens/status/345332863270539264>.

 **Marcelo Rubens Paiva** ✓
@marcelorubens Seguindo ▾

Polícia toma as ruas de SP. Para a cidade.
Acusa jornalistas de formação de quadrilha.
Tomou o Poder

20:15 - 13 de jun de 2013

148 Retweets 7 Curtidas 

🗨️ 11 🔄 148 ❤️ 7 ✉️

Fonte: <https://twitter.com/marcelorubens/status/345333733357912065>.

 **Marcelo Rubens Paiva** ✓
@marcelorubens Seguindo ▾

Em protesto, seis repórteres da Folha são atingidos, e dois levam tiro no rosto. Da PM.
Melhor deixar claro

20:31 - 13 de jun de 2013

289 Retweets 14 Curtidas 

🗨️ 21 🔄 289 ❤️ 14 ✉️

Fonte: <https://twitter.com/marcelorubens/status/345337788226482178>.

 **Marcelo Rubens Paiva** ✓
@marcelorubens Seguindo ▾

PM disse q protesto está fugindo do controle:
"Ñ nos responsabilizamos mais pelo que vai acontecer". Já percebemos que ñ se responsabilizam

21:01 - 13 de jun de 2013

115 Retweets 10 Curtidas 

🗨️ 23 🔄 115 ❤️ 10 ✉️

Fonte: <https://twitter.com/marcelorubens/status/345345196868898816>.

 **Marcelo Rubens Paiva** 
@marcelorubens Seguindo 

Datena fez a enquete: "Você é a favor de protesto com baderna?" O resultado estava 2.179 votos no sim a 915 no não qdo ele mudou o discurso

21:08 - 13 de jun de 2013

93 Retweets 8 Curtidas 

 9  93  8 

Fonte: <https://twitter.com/marcelorubens/status/345346985072685056>.

 **Marcelo Rubens Paiva** 
@marcelorubens Seguindo 

Esses protestos ã são apenas pra baixar tarifa de ônibus, mas contra a violência com q o Estado trata o cidadão, sem resolver a violência

21:27 - 13 de jun de 2013

359 Retweets 28 Curtidas 

 31  359  28 

Fonte: <https://twitter.com/marcelorubens/status/345351835168698368>.

 **Marcelo Rubens Paiva** 
@marcelorubens Seguindo 

Outro repórter fotográfico, Fábio Braga, atingido por bala de borracha.
fb.me/DGNKT4Yg

21:32 - 13 de jun de 2013

49 Retweets 2 Curtidas 

 7  49  2 

Fonte: <https://twitter.com/marcelorubens/status/345352984701595648>.

ANEXOS G - FONTES E PUBLICAÇÕES DO PERFIL @ESTADAO¹²⁸.

00:13 - 13 de jun de 2013

184 Retweets 17 Curtidas

Fonte: <https://twitter.com/Estadao/status/345031116157227008>.

06:50 - 13 de jun de 2013

115 Retweets 18 Curtidas



16 115 18

Fonte: <https://twitter.com/Estadao/status/345131030618988544>.

¹²⁸ Disponível em: < <https://twitter.com/Estadao/>>. Acesso em: 20/02/2019.

Estadão  [@Estadao](#) Seguir

'Hoje há uma revolta popular que ia acontecer mesmo sem a gente', diz Movimento Passe Livre: migre.me/eZY2n

08:50 - 13 de jun de 2013

57 Retweets 8 Curtidas 

 7  57  8 

Fonte: <https://twitter.com/Estadao/status/345161285840801792>.

Estadão  [@Estadao](#) Seguir

SP: repórter da revista 'Carta Capital' é detido e levado pela PM migre.me/f0r8i

17:30 - 13 de jun de 2013

68 Retweets 6 Curtidas 

 10  68  6 

Fonte: <https://twitter.com/Estadao/status/345292076449136641>.

Estadão  [@Estadao](#) Seguir

SP: Juventude do PT vai a protesto com bandeiras do partido e é hostilizada por manifestantes



Quarto ato contra aumento da tarifa de ônibus em SP tem novos confrontos
1h02 - Veja fotos da passeata e do confronto entre a PM e os manifestantes: 00h21 -
Veja Galeria de Fotos do protesto 23h38 - O Movimento Passe Livre
estadao.com.br

17:40 - 13 de jun de 2013

125 Retweets 9 Curtidas 

Fonte: <https://twitter.com/Estadao/status/345294644176887810>.



SP: repórter da 'Carta Capital' foi detido em protesto por estar com vinagre



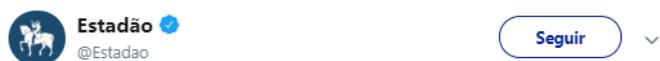
Quarto ato contra aumento da tarifa de ônibus em SP tem novos confrontos
1h02 -Veja fotos da passeata e do confronto entre a PM e os manifestantes: 00h21 -
Veja Galeria de Fotos do protesto 23h38 - O Movimento Passe Livre
estadao.com.br

17:50 - 13 de jun de 2013

126 Retweets 15 Curtidas



Fonte: <https://twitter.com/Estadao/status/345297125401325570>.



SP: manifestantes furam bloqueio da PM e seguem em direção à Av. Paulista
migre.me/f0sE9

18:11 - 13 de jun de 2013

86 Retweets 11 Curtidas



3 86 11

Fonte: <https://twitter.com/Estadao/status/345302534224744448>.



Rio: bandeiras de manifestantes mostram:
'Nenhum partido me representa'
migre.me/f0tYd

18:34 - 13 de jun de 2013

152 Retweets 17 Curtidas



10 152 17

Fonte: <https://twitter.com/Estadao/status/345308311190659073>.

Estadão  Seguir 

@Estadao

SP: PM diz que situação está saindo do controle: 'Não nos responsabilizamos mais pelo que acontecerá'



Quarto ato contra aumento da tarifa de ônibus em SP tem novos confrontos
 1h02 - Veja fotos da passeata e do confronto entre a PM e os manifestantes: 00h21 -
 Veja Galeria de Fotos do protesto 23h38 - O Movimento Passe Livre
 estadoao.com.br

18:50 - 13 de jun de 2013

552 Retweets 34 Curtidas

Fonte: <https://twitter.com/Estado/status/345312216423231488>.

Estadão  Seguir 

@Estadao

SP: Tarifa de ônibus não será reduzida, diz Haddad, que repudiou 'violência'

migre.me/f0vmX

19:08 - 13 de jun de 2013

133 Retweets 8 Curtidas



23  133  8  

Fonte: <https://twitter.com/Estado/status/345316670530809856>.



Estadão ✓
@Estadao

Seguir ▼

SP: Tropa de Choque desce Rua Frei Caneca jogando bombas. Não tinha manifestantes no local



Quarto ato contra aumento da tarifa de ônibus em SP tem novos confrontos
1h02 -Veja fotos da passeata e do confronto entre a PM e os manifestantes: 00h21 -
Veja Galeria de Fotos do protesto 23h38 - O Movimento Passe Livre
estadao.com.br

19:28 - 13 de jun de 2013

627 Retweets 31 Curtidas



Fonte: <https://twitter.com/Estadao/status/345321820225937408>.



Estadão ✓
@Estadao

Seguir ▼

Anistia Internacional critica violência das autoridades na repressão a protestos em SP e Rio migre.me/f0wXE

19:53 - 13 de jun de 2013

363 Retweets 23 Curtidas



14 363 23

Fonte: <https://twitter.com/Estadao/status/345328086390288384>.

Estadão 
@Estadao Seguir 

SP: repórter da 'Folha' é atingida por bala de borracha no olho; disparo foi feito pela Rota



Quarto ato contra aumento da tarifa de ônibus em SP tem novos confrontos
1h02 - Veja fotos da passeata e do confronto entre a PM e os manifestantes: 00h21 -
Veja Galeria de Fotos do protesto 23h38 - O Movimento Passe Livre
estadao.com.br

20:30 - 13 de jun de 2013

371 Retweets 21 Curtidas

Fonte: <https://twitter.com/Estadao/status/345337313552916481>.

Estadão 
@Estadao Seguir 

SP: Av. Paulista é liberada; polícia continua reprimindo grupos menores pela região
migre.me/f0AHj

21:09 - 13 de jun de 2013

87 Retweets 7 Curtidas



 10  87  7 

Fonte: <https://twitter.com/Estadao/status/34534715928729600>.

 **Estadão** 
@Estadao Seguir 

SP: morador de rua de 14 anos é atingido por bala de borracha em Higienópolis

 **Morador de rua é atingido por bala de borracha - Geral - Est...**
estadao.com.br

22:56 - 13 de jun de 2013

125 Retweets 10 Curtidas 

 7  125  10 

Fonte: <https://twitter.com/Estadao/status/345374245792137219>.

 **Estadão** 
@Estadao Seguir 

SP: manifestantes marcam novo protesto contra alta no transporte para segunda-feira



Quarto ato contra aumento da tarifa de ônibus em SP tem novos confrontos
1h02 -Veja fotos da passeata e do confronto entre a PM e os manifestantes: 00h21 -
Veja Galeria de Fotos do protesto 23h38 - O Movimento Passe Livre
estadao.com.br

23:24 - 13 de jun de 2013

155 Retweets 20 Curtidas 

Fonte: <https://twitter.com/Estadao/status/345381165387100160>.

 **Estadão** 
@Estadao Seguir 

SP: protesto termina com mais de 100 feridos e 130 detidos migre.me/f0GHo

23:40 - 13 de jun de 2013

131 Retweets 18 Curtidas 

 14  131  18 

Fonte: <https://twitter.com/Estadao/status/345385351621275648>.